

XV Congresso da AMP

NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL

De 30 de abril a 3 de maio de 2026, Paris



PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NAS OBRAS DE

Sigmund Freud
Jacques Lacan
Jacques-Alain Miller

XV Congresso da AMP

Não há relação sexual

Conselheiros: *Jacques-Alain Miller - Christiane Alberti*

Diretor: *Ricardo Seldes*

Responsáveis pela Bibliografia: *Philippe Hellebois - Marcela Antelo*

Articulação da Pesquisa Bibliográfica: *Marcela Antelo*

Responsáveis pela Pesquisa Bibliográfica Freud, Lacan, Miller, por Escolas:

- *Philippe Hellebois (ECF)*
- *Manuel Carrasco Quintana (EOL)*
- *Constanza Meyer – Gabriela Galarraga (ELP)*
- *José Juan Ruiz Reyes (NEL)*
- *Flávia Cera (EBP)*
- *Sara Bordò (SLP)*
- *Neil Gorman (NLS)*

Referências de Autores do Campo freudiano. *O barco sexual*: *Marcela Antelo* [Editora]

Sigmund Freud

• Pesquisa bibliográfica na obra de Sigmund Freud

14

- *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e Outros Trabalhos (1901-1905)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Obras Completas, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”] e outros textos (1909-1910)*. Obras Completas, v. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Obras Completas, v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas de Freud, v.12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Obras completas, volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- *Amor, sexualidade, feminilidade*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- *Neurose, psicose, perversão* Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

- *Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- *Manuscrito inédito de 1931*: edição bilíngue. São Paulo: Blucher, 2017.

Jacques Lacan

• Seminários

- *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 30
- *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 32
- *O Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 32
- *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 35
- *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 38
- *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016. 40
- *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. 43
- *O Seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. 45
- *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 47
- *O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 50
- *O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma*. Rio de Janeiro (1966-1967): Jorge Zahar, 2024. 52
- *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 60
- *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. 64
- *O Seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 71

• <i>O Seminário, livro 19: ...ou pior</i> (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.	72
• <i>O Seminário, livro 20: mais, ainda</i> (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.	77
• <i>O Seminário, livro 23, o sinthoma</i> (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.	83
• Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.	
• <i>Para-além do “Princípio da realidade”</i> (1936)	88
• <i>O estádio do espelho</i> (1949)	88
• <i>Variantes do tratamento-padrão</i> (1955)	89
• <i>A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud</i> (1957)	89
• <i>A significação do falo</i> (1958)	89
• <i>Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina</i> (1960)	90
• Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.	
• <i>Os complexos familiares na formação do indivíduo</i> (1938)	91
• <i>A lógica da fantasia</i> (1967)	91
• <i>Alocução sobre as psicoses da criança</i> (1967)	92
• <i>Radiofonia</i> (1970)	92
• <i>Lituraterra</i> (1971)	92
• <i>Nota italiana</i> (1973)	93
• <i>O aturdido</i> (1972)	93
• <i>Televisão</i> (1973)	95

• Revistas

- Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana (1975). *Pharmakón digital*, v.2, novembro de 2016. 97
- Conferência de Genebra sobre o sintoma (1975). *Opção Lacaniana*, n.23. São Paulo: Eolia, dezembro de 1998. 97
- Rumo a um significante novo (1977). *Opção Lacaniana*, n. 22. São Paulo: Eolia, agosto 1998. 98
- Nomina non sunt consequentia rerum (1977). *Opção Lacaniana*, n.28. São Paulo: Eolia, julho 2000. 98

Jacques-Alain Miller

• Livros

- *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editorial, 1996. 100
- *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 101
- *Perspectiva do Seminário 23 de Lacan. O Sinthoma*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editorial, 2009. 103
- *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. 105
- *A erótica do tempo*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000. 106
- *O desejo de Lacan*. Salvador: Biblioteca do Campo Freudiano da Bahia. 1995. 107
- *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999 108
- *Lacan elucidado; palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 111
- *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015. 112
- *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 114

• Revistas

• Opção Lacaniana

- Psicanálise, religião. *Opção Lacaniana*, n.39. São Paulo: Eólia, maio de 2004. 116
- Lacan e a Política. *Opção Lacaniana*, n. 40. São Paulo: Eolia, agosto de 2004. 116
- Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, n.42. São Paulo: Eolia, fevereiro, 2005. 116
- Peças avulsas. *Opção Lacaniana*, n. 44. São Paulo: Eólia, novembro de 2005. 118
- Gays em análise? *Opção Lacaniana*. São Paulo: Eólia, dezembro de 2006. 119
- A estrutura cômica. *Opção Lacaniana*. Edição Especial, n.50, p.28, dez 2007. 119
- Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro. *Opção Lacaniana*, n.51, São Paulo: Eólia, abril 2008. 119
- Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. *Opção Lacaniana*, n.55. São Paulo: Eólia, novembro. 2009. 120
- A palavra que fere. *Opção Lacaniana*, n.56/57. São Paulo: Eólia, julho 2010. 120
- O passe do falasser. *Opção Lacaniana*, n.58. São Paulo: Eólia, outubro 2010. 121
- O Real no século XXI. *Opção Lacaniana*, n.63. São Paulo: Eólia, junho 2012 121
- Progressos em psicanálise bastante lentos. *Opção Lacaniana*, n.64. São Paulo: Eólia, dezembro de 2012. 121
- O real é sem lei. *Opção Lacaniana*, n.65. São Paulo: Eólia, abril de 2013. 122
- Falar com o seu corpo. *Opção Lacaniana*, n.66, São Paulo: Eólia, agosto de 2013. 122
- O Outro sem o Outro. *Opção Lacaniana*, n.67, São Paulo: Eólia, dezembro de 2013. 122
- Ler um sintoma. *Opção Lacaniana*, n.70. São Paulo: Eólia, junho de 2015. 123
- Medeia a meio-dizer. *Opção Lacaniana*, n.71. São Paulo: Eólia, novembro de 2015. 123
- O mal-entendido. *Opção Lacaniana*, n.72. São Paulo: Eólia, março de 2016. 123

• Uma nova aliança com o gozo. <i>Opção Lacaniana</i> , n.75/76. São Paulo: Eólia, maio de 2017.	124
• Crianças violentas. <i>Opção Lacaniana</i> , n.77. São Paulo: Eólia, agosto 2017.	124
• O um é letra. <i>Opção Lacaniana</i> , n.83. São Paulo: Eólia, setembro de 2021.	124
• Foraclusão generalizada. <i>Opção Lacaniana</i> , n.84. São Paulo: Eólia, fevereiro 2022.	126
• O divã. Século XXI. Amanhã, a mundialização dos divãs? Em direção ao corpo portátil. <i>Opção Lacaniana</i> , n.84. São Paulo: Eólia, fevereiro de 2022.	126
• Todo mundo é louco - AMP 2024. <i>Opção Lacaniana</i> , n.85. São Paulo: Eólia, dezembro de 2022.	126
• Conversação entre Buenos Aires e Paris em torno de Lacan Hispano. <i>Opção Lacaniana</i> , n.85. São Paulo: Eólia, dezembro de 2022.	127
• Proposição sobre a lógica do fantasma. <i>Opção Lacaniana</i> , n.88. São Paulo: Eólia, abril de 2024.	127
• Ato ou inconsciente. <i>Opção Lacaniana</i> , n.89. São Paulo: Eólia, dezembro de 2024.	128

• **Opção Lacaniana online**

• O coito enigmatizado Uma leitura de “A seita da Fênix” de Borges. <i>Opção Lacaniana online</i> , (série antiga), 2006.	129
• Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan. <i>Opção Lacaniana online</i> , n. 2 (série antiga), 2006.	129
• Mulheres e semblantes I. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 1, n.1, 2010.	130
• Mulheres e semblantes II. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 1, n.1, março 2010.	130
• Uma conversa sobre o amor. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 1, n.2, 2010.	130
• Do amor à morte. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 1, n. 2, 2010.	131
• Convergência e divergência. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 1, n. 2, 2010.	131
• Minha garota e eu. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 1, n. 20, 2010.	132
• O amor entre repetição e invenção. <i>Opção Lacaniana online</i> , n. 2, 2010.	132

• Intuições Milanesas I. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 2, n. 5, 2011.	132
• Intuições Milanesas II. <i>Opção Lacaniana online</i> , ano 2, n. 6, 2011.	133
• Os seis paradigmas do gozo. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 3, n. 7, 2012.	133
• O monólogo da aparola. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 3, n. 9, 2012.	134
• Casamento homossexual: esquecer a natureza. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 4, n.10, 2013.	134
• Lacan, professor de desejo. <i>Opção Lacaniana online</i> , Ano 4, n.12, 2013.	134
• Apresentação do Seminário 6: o desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan, por Jacques-Alain Miller. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 5, n.14, 2014.	134
• A criança entre a mulher e a mãe. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 5, n.15, 2014.	135
• Sobre o Gide de Lacan. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 6, n.17, 2015.	136
• Sobre o Gide de Lacan II. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 6, n.18, 2015.	136
• Uma partilha sexual. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 7, n.20, 2016.	136
• Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 7, N. 21, 2016.	138
• Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 8, n.22, 2017.	138
• Quando o Outro é mau. <i>Opção Lacaniana online</i> Nova série, Ano 9, n.25/26, 2018.	138
 • Revista Correio e Pharmakón Digital	
• Os labirintos do amor. <i>Correio</i> . São Paulo: EBP, n. 56, agosto 2006.	139
• O tema (um novo conceito, continuação). <i>Correio</i> , n. 64, nov. 2009.	139
• Lacan com Joyce. <i>Correio</i> , n. 65, abril 2010.	140
• A salvação pelos dejetos. <i>Correio</i> , n. 67, dezembro 2010.	140

- A psicanálise, seu lugar entre as ciências. *Correio*, n. 69, set. 2011. 141
- ‘Amamos aquele que responde à nossa questão: ‘Quem sou eu?’ - Entrevista de Jacques-Alain Miller à Psychologies Magazine. *Correio*, n. 71, set. 2012. 141
- As profecias de Lacan - Entrevista de Jacques-Alain Miller ao Le Point. *Correio*, n. 70, dez. 2011. 142
- Teria do Parceiro. *Pharmakon Digital*, v. 4, maio de 2023. 142

Editorial

O tema do Congresso Mundial da AMP “não há relação sexual” foi a bússola de pesquisa que apresentamos aqui. Procurar as referências a partir de um aforismo proposto no fim do ensino de Lacan foi um desafio já que o exercício de leitura não era da estrutura linear de um enredo, tampouco de um desenvolvimento. Como organizar, então, essa mini-biblioteca? Esta pergunta é sempre difícil de responder, já que as bibliotecas são vivas e infinitamente (des)organizáveis, e aqui não foi menos difícil. A linha do tempo foi o critério escolhido para dar certa lógica interna a esse vasto material recolhido. A partir daí, as redes de leituras se estabelecerão, inclusive desobedecendo essa ordenação. Tínhamos a partida, aqui contamos o que encontramos nos caminhos que percorremos de Lacan a Freud, de Miller a Lacan, de Freud a Miller e vice-versa.

Atravessar os textos com esta chave de leitura elaborada como a versão final do trauma, como diz Miller, “não há relação sexual”, permitiu armar uma série de combinações e associações que vão dando conta de uma profícua e complexa construção desta perspectiva. Deste modo, as referências se mantêm como pontos de uma constelação ampla e impossível de totalizar. É um ponto de referência, como dizemos, para encontrar com mais facilidade um lugar. Elas mantêm, portanto, os enigmas que esse aforismo comporta, a opacidade mesma da linguagem. Não há aqui a pretensão de esclarecer porque não há resposta pronta, tampouco unívoca para a inexistência da relação sexual. Contamos, porém, com um desejo de elucidar, de destacar esses pontinhos de luz, os vagalumes que iluminam as veredas e vão dando notícias do impossível ao passo que mobilizam o campo dos possíveis, o campo do que há: o amor, o sintoma, o fantasma, etc. A leitura deste material mantém a solicitação de Lacan para que cada um deposite algo de si, suas perguntas, suas questões, seu desejo de saber. Mais especificamente que possam servir para a poética exigida diante do que não há, o esforço de poesia que convoca uma ortografia particular e que Lacan inspira em um equívoco entre a vida sexual: “Sua vida sexual [*sa vie sexuelle*], conviria escrever isto com uma ortografia particular. Aconselho-os vivamente o exercício que consiste em tentar transformar as formas como se escrevem as coisas. “Ça visse exuelle”¹, eis mais ou menos onde estamos. Tentem brincar com a ortografia, é uma certa forma não de todo vã de tratar o equívoco.” Com a ausência de proporção revelada também no equívoco, Lacan propõe brincar com a ortografia, uma prática da escrita e, porque não, da língua, que podem inspirar os escritos porvir.

Há várias portas de entrada, todas elas exigem um exercício de leitura, uma poética, para encontrar a chave porque os caminhos não são óbvios. Esse exercício de leitura na EBP foi feito coletivamente por várias mãos cujos nomes estão listados abaixo. Todas elas interessadas, atentas e dedicadas a essa experiência de construção, a contribuição da EBP, do que temos em língua portuguesa para o conjunto das línguas da AMP. É sempre uma alegria encontrar essa generosidade no trabalho de Escola, nesse laço que impulsiona e transmite um desejo muito vivo presente desde o amável convite de Marcela Antelo, a quem agradeço especialmente a confiança, a interlocução e o ânimo.

Flávia Cêra

¹ “Através do jogo ortográfico, Lacan evoca a presença do Isso (Ça), bem como a de um aparafusamento (*visse*) [NT]. Lacan, J. *Meu ensino*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p.26-27.

Equipe:

Diretora de Biblioteca da EBP: *Flávia Cêra*

Leitores

Diretores de Biblioteca das Seções: *Adriana Pessoa, Camila Colás, Fernanda Costa, Gustavo Ramos, Jordan Gurgel, Paula Legey, Sandra Conrado.*

Adriana de la Peña Faria, Ana Maria Ferreira da Silva, Andressa Luz, Angela Folly Negreiros, Clara Melo, Claudio Melo, Cristina Vidigal, Elisa M. Uyttenhove, Ethel Poll, Francisco Matheus Barros, Geanine Lucas Vieira, Gize Bessa Cantarinelli, Hellen da Costa Guerra, Isabela Correia Machado, Janaína A. C. Pinheiro, Jaqueline S. Franco, João Klaus Liberato da Silva Seydel, Lara Cedraz Carneiro, Larissa Pinto Martha, Lourenço Astúia de Moraes, Luciana Pedron, Marina Ladeira, Milena Nadier, Mônica Campos, Nelson Matheus, Olivia Viana, Patricia Soares Paterson, Rafaela O. Quixabeira, Renata Dinardi, Simone S. Vieira, Tânia Prates, Tatiane Grova Prado, Verônica Montenegro, Waléria Paixão.

Sigmund Freud

Rascunho B. A Etiologia das Neuroses (8/02/1893). In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

[...] a neurastenia numa mulher casada decorre da neurastenia no homem, ou é simultaneamente produzida. [...] Quanto mais precária a potência do homem, maior o predomínio da histeria na mulher; de modo que, em essência, um homem sexualmente neurastênico torna sua mulher menos neurastênica do que histérica. (p. 41-42)

Palavras-chave: casamento

Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros Trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa pulsão sexual. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, constata-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas. (p. 127)

Palavras-chave: pulsão, natureza

É verdade que nos vemos impossibilitados de esclarecer satisfatoriamente a origem da inversão a partir do material apresentado até agora, mas podemos notar que nesta indagação chegamos a um conhecimento que talvez se revele mais importante para nós do que a solução da tarefa acima. Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (p. 138)

Palavras-chave: pulsão sexual, objeto sexual

Na escolha do fetiche manifesta-se — como Binet [1888] foi o primeiro a sustentar e como depois se comprovou abundantemente — a influência persistente de uma impressão sexual recebida, na maioria das vezes, na primeira infância, o que se pode comparar com a proverbial persistência do primeiro amor (“on revient toujours à ses premiers amours”). Essa derivação é particularmente clara nos casos em que há apenas um condicionamento fetichista do objeto sexual. Voltaremos a deparar, em outro ponto, com a significação das impressões sexuais precoces. (p. 145)

Palavras-chave: objeto

Todas as condições externas e internas que dificultam ou adiam a consecução do alvo sexual normal (impotência, preço elevado do objeto sexual, riscos do ato sexual) reforçam, como é compreensível, a tendência a demorar-se nos atos preliminares e a formar a partir deles novos alvos sexuais, que podem tomar o lugar dos normais. Um exame mais atento sempre mostra que esses novos propósitos, mesmo os que se afiguram mais estranhos, já se esboçam no processo sexual normal. (p. 146)

Palavras-chave: objeto

Se juntarmos o que a investigação das perversões positivas e negativas nos permitiu averiguar, parecerá plausível reconduzi-las a uma série de “pulsões parciais” que, no entanto, não são primárias, já que permitem uma decomposição ulterior. Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. (p. 157)

Palavras-chave: pulsão

Mas devemos dizer ainda que essa suposta constituição que exhibe os germes de todas as perversões só é demonstrável na criança, mesmo que nela todas as pulsões só possam emergir com intensidade moderada. Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservaram o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para ele. (p. 161)

Palavras-chave: pulsão, infantil

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. (p. 180)

Palavras-chave: pulsão

Até agora, destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente auto-erótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. (p. 185)

Palavras-chave: pulsão, auto-erotismo

A escolha de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar com uma corrente sexual. É preciso que haja a confluência da corrente de ternura com a sexual para que o sujeito possa alcançar um dos ideais da vida sexual - a conjugação de todos os desejos num único objeto. (p. 189)

Palavras-chave: utopia

Sobre o esclarecimento sexual das crianças (1907) (Carta aberta ao Dr. M. Fürst). Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

De fato, pensa-se que falta às crianças a pulsão sexual e que ela só se instala na puberdade, com a maturação dos órgãos sexuais. Isso é um erro grosseiro, que traz graves consequências tanto para o conhecimento quanto para a *praxis*. (p. 83)

Palavras-chave: pulsão, puberdade

[...] o interesse intelectual da criança pelos enigmas da vida sexual, sua sede de saber sexual, manifesta-se em uma época da vida inimaginavelmente precoce. (p. 85)

Palavras-chave: sexualidade infantil

Sobre teorias sexuais infantis (1908). In: Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

Em épocas nas quais a satisfação amorosa não encontrou dificuldades, talvez como durante a decadência da cultura da Idade Antiga, o amor perdeu o valor, a vida ficou vazia, e foram necessárias intensas formações reativas para restabelecer os valores afetivos indispensáveis. (p. 101)

Palavras-chave: amor

A primeira dessas teorias está ligada à negligência das diferenças sexuais que destacamos anteriormente como característica da criança. Ela consiste em *atribuir um pênis a todos os humanos, inclusive aos do sexo feminino*, tal como o menino o conhece a partir de seu próprio corpo.” p. 102

Palavras-chave: teoria sexual infantil; sexuação; diferença sexual

Falar das teorias sexuais infantis (...) a primeira consiste em atribuir em pênis a todos os humanos, inclusive ao sexo feminino, tal como o menino conhece a partir de seu próprio corpo (...) ele não constata propriamente apenas a falta do membro, mas diz normalmente como tentando se consolando e tentando conciliar: 'é que ele... ainda é pequeno; mas quando ela for maior ele vai crescer. (p 102)

Palavras-chave: corpo, diferença

O desconhecimento da vagina também possibilita à criança convencer-se da segunda de suas teorias sexuais. Se a criança cresce no corpo da mãe e é dali retirada, isso só pode acontecer pelo único caminho possível da abertura do intestino. *A criança precisa ser evacuada como um excremento, uma evacuação.*”(p. 105)

Palavras-chave: teoria cloacal

A terceira das típicas teorias sexuais surge nas crianças quando, por quaisquer das circunstâncias domésticas, elas testemunham a relação sexual dos pais, da qual só conseguem receber percepções muito incompletas. Não importa a parte dela que atraiu sua atenção[...]; elas acabam chegando, em todos os casos, ao que poderíamos chamar mesmo de *concepção sádica do coito*”. (p. 107)

Palavras-chave: sadismo sexual

A mulher civilizada procura não transgredir a proibição da atividade sexual durante o tempo de espera e assim obtém a compreensão da íntima conexão entre proibição e sexualidade. O homem infringe essa proibição, na maioria das vezes, sob a condição da degradação do objeto e, por isso, leva consigo essa condição para a sua futura vida amorosa. (p. 147)

Palavras-chave: proibição/degradação, objeto

[...] devemos considerar a possibilidade de que alguma coisa na natureza da própria pulsão sexual não seja favorável à realização da plena satisfação. (p. 149)

Palavras-chave: satisfação

Análise da fobia de um garoto de cinco anos ("O pequeno Hans, 1909"). In: *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Obras Completas, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A explicação que Hans recebeu pouco antes, de que as mulheres realmente não possuem faz-pipi, só pode ter tido o efeito de abalar sua autoconfiança e despertar seu complexo de castração. Por isso ele se opôs a ela, e por isso tal comunicação não teve consequência terapêutica. É possível mesmo existirem seres vivos que não tem faz-pipi? Então já não é inacreditável que lhe tirem seu faz-pipi, que praticamente façam dele uma mulher. Pg. 159.

Palavras-chave: complexo de castração

Percebe-se claramente como a felicidade com a fantasia é perturbada pela incerteza quanto ao papel do pai e pela dúvida de ter o controle da procriação. (p. 224)

Palavras-chave: fantasia

Eu exprimi a suposição de que seu desejo reprimido seria o de querer ver a todo custo o faz-pipi da mãe. Como sua conduta em relação à nova criada se harmoniza com isso, o pai lhe dá o primeiro esclarecimento: as mulheres não têm faz-pipi. Ele reage a essa primeira ajuda comunicando uma fantasia, a de que viu a mãe quando ela mostrou seu faz-pipi. Essa fantasia e um comentário feito durante a conversa, de que seu faz-pipi crescia junto, permitem o primeiro vislumbre dos cursos de pensamento inconscientes do garoto. Ele realmente se achava sob o efeito posterior da ameaça de castração expressa pela mãe há um ano e três meses, pois a fantasia de que a mãe estava fazendo a mesma coisa, a réplica habitual das crianças repreendidas deve servir à sua justificativa própria; é uma fantasia de proteção e defesa. (p. 254-55).

Palavras-chave: fantasia, castração

Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"] (1909). In: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"] e outros textos*. Obras Completas, v. 9. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Na mania de duvidar que tenha ouvido corretamente se expressa a dúvida contínua de que dessa vez tenha entendido corretamente a amada e possa justamente enxergar em suas palavras uma prova de sua afeição. A dúvida da obsessão de compreender é dúvida quanto ao seu amor. Em nosso apaixonado há uma luta entre o amor e o ódio que dizem respeito à mesma pessoa, e essa luta é representada plasticamente no ato obsessivo,

também simbolicamente significativo, de tirar a pedra do caminho que ela irá percorrer e depois desfazer esse ato de amor, colocando a pedra novamente onde estava, para que o seu veículo nela esbarre e ela se machuque. (p. 52)

Palavras-chave: amor, ódio, dúvida

Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens (1910). (Contribuições para a psicologia da vida amorosa - I). In: *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

A psicanálise nos ensina, também através de outros exemplos, que o insubstituível que atua no inconsciente se manifesta com frequência através da dissolução em uma série infinita, e justamente infinita porque cada substituto deixa faltar a satisfação almejada. (p. 127)

Palavras-chave: satisfação libidinal

A corrente terna e sensual fundiram-se adequadamente em um número mínimo de pessoas entre as instruídas; quase sempre o homem se sente limitado em sua atividade sexual pelo respeito à mulher e só desenvolve sua plena potência quando tem diante de si um objeto sexual degradado, o que novamente é justificado, entre outros motivos, pelo fato de entrarem em suas metas sexuais componentes perversos, os quais ele não ousa satisfazer na mulher respeitada. (p. 144-145)

Palavras-chave: objeto sexual, objeto do amor

Sobre a mais geral degradação da vida amorosa (1912) In: *Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

A vida amorosa desses seres humanos permanece cindida nas duas direções que são personificados pela arte como amor celestial e terreno (ou animal). Quando amam, não desejam [*begehren*], e quando desejam, não podem amar. (p. 96)

Palavras-chave: erro, falha, divisão

Totem e Tabu (1912-1913). In: *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Obras Completas, v. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

[...] o neurótico representa para nós um quê de infantilismo psíquico, ele não conseguiu libertar-se das condições infantis da psicosexualidade ou reverteu a elas (inibição do desenvolvimento e regressão). Em sua vida psíquica inconsciente, então, as fixações infantis incestuosas da libido têm ainda - ou novamente - um papel determinante. Por isso chegamos a ver a relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, como o *complexo nuclear* da neurose. (p. 41)

Palavras-chave: fixação da libido

A necessidade sexual não une os homens, ela os divide. (p. 219-220)

Palavras-chave: religião

Com frequência tivemos a oportunidade de mostrar que a ambivalência afetiva no sentido exato, isto é, a coexistência de amor e ódio ao mesmo objeto, está na raiz de importantes instituições culturais. (p. 238)

Palavras-chave: ambivalência

O instinto e seus destinos (1915). In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas de Freud, v.12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

A história da origem e das relações do amor nos torna mais compreensível o fato de tão frequentemente ele aparecer como “ambivalente”, isto é, em companhia de impulsos de ódio contra o mesmo objeto. O ódio mesclado ao amor procede em parte dos estágios preliminares do amor, não superados inteiramente, e de outra parte se fundamenta nas reações de rejeição dos instintos do Eu, que nos frequentes conflitos entre interesses do Eu e do amor podem invocar motivos reais e atuais. Em ambos os casos, portanto, o ódio entremesclado se reporta à fonte dos instintos de conservação do Eu. (p. 67).

Palavras-chave: amor, ódio

Nisto se compreende que os objetos favoritos dos homens, seus ideais, provenham das mesmas percepções e vivências que os mais execrados por eles, e que originalmente

eles se diferenciem uns dos outros apenas por mudanças mínimas. Pode mesmo ocorrer, como vimos na gênese do fetiche, que a representante original do instinto se decomponha em duas partes, das quais uma sucumbe à repressão, e a restante, precisamente devido a esse íntimo enlace, tem o destino da idealização. (p. 77).

Palavras-chave: ideal, objeto

Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915). In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas de Freud, v.12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Tais formações reativas são favorecidas pelo fato de que alguns impulsos instintuais aparecem em pares de opostos quase que desde o início, algo digno de nota e estranho para o conhecimento popular, denominado de “ambivalência afetiva”. O mais fácil de observar e de apreender com a inteligência é o fato de o amor intenso e o ódio intenso surgirem com muita frequência unidos na mesma pessoa. A isso a psicanálise acrescenta que não é raro os dois impulsos afetivos tomarem a mesma pessoa por objeto. (p. 198).

Palavras-chave: ambivalência, amor, ódio

A transformação dos instintos “maus” é obra de dois fatores que atuam no mesmo sentido, um interno e outro externo. O fator interno consiste na influência exercida nos instintos maus — egoístas, digamos — pelo erotismo, pela necessidade humana de amor no sentido mais amplo. Pela intromissão dos componentes eróticos os instintos egoístas são transformados em sociais. Aprende-se a estimar, como uma vantagem, ser amado, vantagem pela qual se pode renunciar a outras. O fator externo é a coação exercida pela educação, que representa as demandas do ambiente civilizado, e que depois prossegue no influxo direto do meio cultural. A civilização foi adquirida pela renúncia à satisfação instintual, e exige de cada “recém-chegado” essa mesma renúncia. (p. 199).

Palavras-chave: renúncia, civilização

O leigo sente um horror enorme ante a possibilidade de tais sentimentos, e vê nessa aversão um fundamento legítimo para descrever as afirmações da psicanálise. Erradamente, me parece. Não se pretende fazer nenhuma degradação da nossa vida amorosa, e de fato não se achará isso aqui. Sem dúvida é algo distante de nosso entendimento e nossa sensibilidade juntar de tal maneira o amor e o ódio, mas a natureza, trabalhando com esse par de opostos, logra manter o amor sempre alerta e fresco, para garanti-lo contra o ódio que por trás o espreita. É lícito dizer que os mais belos desdobramentos de nossa vida amorosa se devem à reação contra o impulso hostil que sentimos em nosso peito. (pp. 220-221).

Palavras-chave: degradação, amor, ódio

A vida sexual humana (1916) (Conferências de introdução à psicanálise: Conferência XX. In: *Amor, sexualidade, feminilidade: Obras Incompletas de Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Porém, se os senhores considerarem a função da reprodução como o núcleo da sexualidade, correrão o perigo de excluir toda uma série de coisas que não objetivam a reprodução e que, no entanto, certamente são sexuais, como a masturbação ou mesmo o beijar. Entretanto, já estamos preparados para entender que tentativas de definição levam a dificuldades; renunciemos a fazer melhor, justamente neste caso. Podemos vislumbrar que no desenvolvimento do conceito de “sexual” algo aconteceu que teve por consequência um “erro de sobreposição” (p. 131)

Palavras-chave: erro, falha

[...] todas essas perversões seriam “sinais de degeneração”, demonstrando que essas aberrações da meta sexual, esses afrouxamentos da relação com o objeto sexual, ocorreram desde sempre, em todas as épocas por nós conhecidas e entre todos os povos, tanto primitivos quanto altamente civilizados, e que, ocasionalmente, conquistaram a tolerância e vigência geral. (p. 134)

Palavras-chave: perversão, suplência

[a sexualidade infantil] surge apoiando-se na satisfação das grandes necessidades orgânicas e se comporta de maneira auto-erótica, isto é, ela procura e encontra seus objetos no próprio corpo. (p. 140)

Palavras-chave: auto-erótica

Luto e Melancolia (1917 [1915]). In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas de Freud, v.12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

A identificação narcísica com o objeto se torna, então, substituto do investimento amoroso, do que resulta que a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada. Tal substituição do amor objetual pela identificação é um mecanismo importante nas afecções narcísicas. (p. 161).

Palavras-chave: amor, objeto

Conferência XXVI: a teoria da libido e o narcisismo (1917). In: *Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917-1918)*. Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Na verdade, a sexualidade é a única função do organismo vivo que se estende além do indivíduo e se refere à relação deste com sua espécie. (p. 416)

Palavras-chave: laço

O tabu da virgindade (1918) (contribuições para a psicologia da vida amorosa — III). In: *Amor, sexualidade, feminilidade*. Obras Incompletas de Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

Sempre que pudemos estudar a sujeição sexual nos homens, ela se revelou o resultado da superação de uma impotência psíquica através de uma determinada mulher, à qual o homem em questão permaneceu ligado desde então. Muitos casamentos estranhos e um bom número de desfechos trágicos – mesmo aqueles de amplo interesse – parecem encontrar seu esclarecimento nessa origem. (p. 108)

Palavras-chave: casamento

Portanto, podemos dizer, concluindo: a defloração não tem apenas uma consequência cultural de atar, de maneira duradoura, a mulher ao homem; ela também desata, contra o homem, uma reação arcaica de hostilidade que pode assumir formas patológicas, exteriorizando-se com bastante frequência no aparecimento de inibições na vida amorosa do casal, e às quais podemos atribuir o fato de que segundos casamentos tantas vezes dão mais certos que os primeiros. (p.175)

Palavras-chave: casamento

O Tabu da Virgindade (1918). In: *Amor, sexualidade, feminilidade*. Obras Incompletas de Sigmund Freud Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

Talvez esse horror (à mulher) seja justificado pelo fato de a mulher ser diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e por isso parece hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, ser contaminado por sua feminilidade e então, mostra-se incapaz. (p. 163)

Palavras-chave: homem/mulher

Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (1920-1923). Obras completas, v. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Mas toda essa intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura, por meio da formação da massa e dentro da massa. Enquanto perdura a formação de massa, ou até onde se estende, os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele. Segundo nossas concepções teóricas, tal limitação do narcisismo pode ser produzida apenas por um fator, pela ligação libidinal a outras pessoas. O amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos. (p.40)

Palavras-chave: massa, amor

Após essas discussões estamos preparados para oferecer uma fórmula relativa à constituição libidinal de uma massa. Pelo menos de uma massa tal como vimos até aqui, isto é, que tem um líder e não pôde adquirir secundariamente, através de excessiva “organização”, as características de um indivíduo. Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu. (p.59)

Palavras-chave: massa, objeto

Organização genital infantil (1923) (Uma interpolação na teoria da sexualidade). In: *Amor, sexualidade, feminilidade*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

A principal característica dessa “organização genital infantil” é, ao mesmo tempo, sua diferença da organização genital definitiva do adulto. Ela reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas *um genital*, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do *falo* [*Phallus*]. (p. 239)

Palavras-chave: falo, organização genital infantil

A organização genital infantil (...) reside no fato de que para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, possui um papel. Portanto não há um primado genital, mas um primado do falo (*Phallus*). (p 239)

Palavras-chave: falo

Sabemos como elas (as crianças) reagem às primeiras impressões da falta de pênis. Elas negam essa falta, acreditam realmente ver um membro, atenuam a contradição entre a observação por meio da informação de que ele ainda é pequeno, mas que ainda irá crescer, e depois, lentamente, chegam à conclusão afetivamente importante de que ele pelo ao menos esteve presente e que depois foi removido. A falta de pênis será considerada consequência da castração, e a criança encontra-se agora diante da tarefa de se haver com a relação da castração com a sua própria pessoa. (...) Só me parece que a *importância do complexo de castração* só pode ser corretamente apreciada se considerarmos sua origem na fase do primado do falo. (p.240)

Palavras-chave: falo

Não se deve acreditar que a criança generalize sua observação - de que pessoas do sexo feminino não possuem pênis - tão rapidamente e de boa vontade; já lhe pesa a suposição de que a falta de pênis como consequência da castração seja um castigo. Ao contrário, a criança acha que teria perdido o genital apenas pessoas indignas do sexo feminino, que provavelmente se tornaram culpadas como ela pelas mesmas moções proibidas (p. 241)

Palavra-chave: castração

O declínio do complexo de Édipo (1924). In: *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. (p. 250)

Palavras-chave: complexo de Édipo

O complexo de Édipo da menina é muito mais inequívoco do que o do pequeno portador de pênis; de acordo com a minha experiência, só raramente ele vai além da substituição da mãe e da posição feminina em relação ao pai. A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. (p. 253)

Palavras-chave: complexo de Édipo

A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. Ela (a menina) desliza = poderíamos dizer: ao longo de uma equação simbólica = do pênis para o bebê (...) o complexo de Édipo é então lentamente abandonado, porque esse desejo nunca se realiza (...) De modo geral, no entanto, precisamos admitir que nossa compreensão desses processos de desenvolvimento na menina é insatisfatória, lacuna e vaga. (p 253)

Palavras-chave: complexo de Édipo

Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: *Amor, sexualidade, feminilidade*. Obras Incompletas de Sigmund Freud Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

Conhecemos a pré-história do complexo de Édipo na menina. O correspondente no menino é bastante desconhecido. Na menina, o complexo de Édipo é uma formação secundária. As repercussões do complexo de castração o precedem e o preparam (...). *Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração*. (p. 269)

Palavras-chave: Complexo de Édipo, castração

A diferença nessa parte do desenvolvimento sexual no homem e na mulher é uma consequência compreensível da diferenciação anatômica entre os genitais e da situação psíquica a ela ligada; ela corresponde a distinção entre castração consumada e mera ameaça de castração. (p. 269)

Palavras-chave: diferença, anatomia

... admitimos, de boa vontade, que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino, e que todos os indivíduos humanos, em razão de sua constituição bissexual e da herança cruzada, reúnem em si características masculinas e femininas, de maneira que a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto. (p. 271)

Palavras-chave: bissexualidade

Fetichismo (1927). In: *Neurose, psicose, perversão*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

[...] O fetiche é o substituto para o falo da mulher [*Phallus des Weibes*] (da mãe), no qual o garotinho acreditou e do qual - sabemos o porquê - não quer abrir mão. (p. 316)

Palavras-chave: fetichismo

A investigação do fetichismo deve ser altamente recomendada àqueles que ainda duvidam da existência do complexo de castração ou que acham que o susto [schreck] diante dos genitais femininos tem outro fundamento[...]. (p. 319)

Palavras-chave: horror ao feminino

Sobre a Sexualidade Feminina (1931). In: *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

O complexo de Édipo da mulher é o resultado final de um longo desenvolvimento, ele não é destruído pela influência da castração, mas criado por ele; ela escapa das intensas influências hostis que atuam no homem como destruidoras e, inclusive, muito frequentemente, não é absolutamente superado pelas mulheres (p. 291)

Palavras-chave: castração

Manuscrito inédito de 1931: edição bilíngue. São Paulo: Blucher, 2017.

[...] todos os seres humanos são constituídos em dupla camada, são bissexuais. Cada indivíduo singular, seja homem ou mulher, é composto por elementos de masculinidade e elementos de feminilidade.” (p. 39)

Palavras-chave: bissexualidade

Por que a guerra? (1933). In: *Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Freud.* Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Naturalmente o Estado ideal seria uma comunidade de seres humanos que submeteu a sua vida pulsional à ditadura da razão. Nada mais poderia suscitar uma união tão perfeita e capaz de resistência entre as pessoas, mesmo sob a renúncia às ligações afetivas entre elas. Mas é altamente provável que esta seja uma esperança utópica. p. 358

Palavras-chave: utopia

A feminilidade (1933), conferência XXXIII. In: *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras Incompletas de Freud.* Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

[...] a ciência lhes diz algo que contraria as suas expectativas, e provavelmente conseguirá confundir os seus sentimentos. Ela lhes chama a atenção para o fato de que partes do aparelho sexual masculino também são encontradas no corpo da mulher, ainda que em

estado atrofiado, e o mesmo ocorre no outro caso. Ela vê nessa ocorrência o indício de uma bipartição da sexualidade, uma bissexualidade, como se o indivíduo não fosse nem homem nem mulher, e sim ambos a cada vez, só que com mais de um do que do outro. (p. 222)

Palavras-chave: ciência/indivíduo

Só a relação com um filho traz à mãe uma satisfação ilimitada; de todas as relações humanas, ela é absolutamente a mais perfeita e a mais isenta de ambivalência. (p. 240)

Palavras-chave: maternidade

XV●AMPWAP 2026

Jacques Lacan

Seminários

O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud [1953-1954]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Estudemos um complexo patógeno às vezes muito aparente e às vezes quase imperceptível... Traduzirei antes por - ou bem aparente como sintoma, ou bem impossível de apreender, não manifesto - porque se trata da maneira pela qual o complexo se traduz, e é da tradução do complexo que se diz que ela é aparente ou que ela é imperceptível. Não é mais a mesma coisa que dizer que o próprio complexo o é. Existe na tradução francesa um deslocamento que basta para produzir uma flutuação. Eu continuo - ...desde a sua manifestação no consciente até as suas raízes no inconsciente, chegamos logo a uma região em que a resistência se faz sentir tão nitidamente que a associação que surge então leva a sua marca - dessa resistência - e nos aparece como um compromisso entre as exigências dessa resistência e a do trabalho de investigação. (p. 51).

Palavras-chave: sintoma, resistência

No momento em que aborda a questão do complexo de castração no seu paciente, questão que ocupa uma função extrema mente particular na estruturação desse sujeito Freud formula o problema seguinte: quando o temor da castração entra em questão nesse sujeito, aparecem sintomas, que se situam no plano que chamamos comumente anal, porque são manifestações intestinais. Ora, todos esses sintomas, nós os interpretamos no registro da concepção anal das relações sexuais, consideramos que eles testemunham uma certa etapa da teoria infantil da sexualidade. Com que direito? Pelo fato mesmo de que a castração entrou em jogo, o sujeito não se elevou a um nível de estrutura genital? Qual é a explicação de Freud? (p. 55)

Palavras-chave: castração

Normalmente, o sujeito atribui aos objetos da sua identificação primitiva uma série de equivalências imaginárias que multiplicam o seu mundo - esboça identificações com certos objetos, retira-os, os refaz com outros, etc. Cada vez, a ansiedade interrompe a identificação definitiva, a fixação da realidade. Mas essas idas e voltas darão sua moldura a esse real infinitamente mais complexo que é o real humano. Após essa fase ao longo da qual as fantasias são simbolizadas, vem o estado dito genital, em que a realidade é então fixada. (p. 85)

Palavras-chave: Melaine Klein, fantasia

No desconhecimento, a recusa, a barragem oposta à realidade pelo neurótico, constatamos um recurso à fantasia. Há aí *função*, o que no vocabulário de Freud só pode reenviar ao registro imaginário. Sabemos como as pessoas e as coisas do meio do neurótico mudam inteiramente de valor, e isso em relação a uma função que nada impede de designar - sem procurar para além do uso comum da linguagem - como imaginária. *Imaginária* reenvia aqui - primeiramente, à relação do sujeito com as suas identificações formadoras, é o sentido pleno do termo imagem em análise - em segundo lugar, à relação do sujeito ao real, cuja característica é ser ilusória, é a face da função imaginária mais frequentemente valorizada. Ora, certo ou errado, pouco nos importa no momento, Freud sublinha que não há nada de semelhante na psicose. O sujeito psicótico, se ele perde a realização do real, não reencontra nenhuma substituição imaginária? É isso que o distingue do neurótico. (p. 138)

Palavras-chave: fantasia, identificação

De que falamos nós, senão disso, quando evocamos uma realidade oral, anal, genital, quer dizer, uma certa relação entre nossas imagens e as imagens? Não é outra coisa senão das imagens do corpo humano, e a hominização do mundo, a sua percepção em função de imagens ligadas à estruturação do corpo. Os objetos reais, que passam por intermédio do espelho e através dele, estão no mesmo lugar que o objeto imaginário. O próprio da imagem é o investimento pela libido. Chama-se investimento libidinal aquilo através de que um objeto se torna desejável, quer dizer, aquilo através de que se confunde com essa imagem que levamos em nós, diversamente, e mais ou menos estruturada. (p. 165)

Palavras-chave: corpo

O sintoma se nos apresenta inicialmente como um traço, que nunca será mais do que um traço, e que ficará sempre incompreendido até que a análise tenha ido suficientemente longe, e que tenhamos compreendido o seu sentido. Também se pode dizer que, assim como a *Verdrängung*, não é nunca senão uma *Nachdrängung*, o que vemos sob a volta do recalcado é o sinal apagado de algo que só terá o seu valor no futuro, pela sua realização simbólica, a sua integração na história do sujeito. Literalmente, nunca será mais do que uma coisa que, num dado momento de realização, *terá sido*. (p. 186)

Palavras-chave: sintoma, traço

Sublinho desaparecimento, porque vocês encontram em análises como esta a chave secreta dessa *aphanisis* de que fala Jones quando tenta apreender, para além do complexo de castração, aquilo que ele toca na experiência de certos traumas infantis. Mas nos perdemos ali numa espécie de mistério, porque não reencontramos o plano do imaginário. Afinal de contas, toda uma parte da experiência analítica não é nada além disto - a exploração dos becos sem saída da experiência imaginária, dos seus prolongamentos que não são inumeráveis, porque repousam na estrutura mesma do corpo enquanto define

como tal uma topografia concreta. Na história do sujeito, ou antes no seu desenvolvimento, aparecem certos momentos fecundos, temporalizados, em que se revelam os diferentes estilos de frustração. São os ocos, as falhas, as hiências aparecidas no desenvolvimento que definem esses momentos fecundos. (p. 253)

Palavras-chave: castração

O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Mas é justamente pelo sujeito, por um sujeito primitivamente desafinado, fundamentalmente despedaçado por este ego, que todos os objetos são desejados. O sujeito não pode desejar sem dissolver-se ele próprio, e sem ver, devido a este mesmo fato, escapar-lhe o objeto, numa serie de deslocamentos infinitos - refiro-me aqui ao que chamo, de maneira abreviada, a desordem fundamental da vida instintual do homem. E é da tensão entre o sujeito - que não seria capaz de desejar sem estar fundamentalmente separado do objeto - e o ego, donde parte o olhar em direção ao objeto, que a dialética da consciência toma seu ponto de partida. (p. 224)

Palavras-chave: sujeito, objeto

O seminário, livro 3: as psicoses [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Freud coloca o eu em relação com o caráter fantasmático do objeto. Quando ele escreve que o eu tem o privilégio do exercício, da prova da realidade, que é ele que atesta para o sujeito a realidade, o contexto não é duvidoso - o eu aí está como uma miragem, o que Freud chamou o ideal do eu. Sua função não é a de objetividade, e sim a de ilusão, ela é fundamentalmente narcísica, e é a partir dela que a sujeito dá a nota da realidade a seja o que for. O objeto de nosso amor não e senão nos mesmos, e o tu és aquele que me matas. O recalcado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. (p. 12)

Palavras-chave: amor, fantasma, objeto

Freud insiste no seguinte: que toda maneira, para o homem, de encontrar o objeto é, e não passa disso, a continuação de uma tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto a se reencontrar. (p.13)

Palavras-chave: objeto

O sujeito humano_desejante se constitui em torno de um centro que é o outro medida em que lhe dá a sua unidade, é o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto do desejo do outro. (...) Ele só interessa enquanto objeto do desejo do outro. (p. 27)

Palavras-chave: Castração, desejo

Assim como é habitual na evolução concreta das coisas, aquele que triunfou e conquistou o gozo torna-se completamente idiota, incapaz de outra coisa que não seja gozar, enquanto aquele que foi dele privado guarda toda a sua humanidade. (p. 27)

Palavras-chave: Castração, gozo

[...] no interior da relação da fala, alguma coisa que provém de uma outra origem - é exatamente a distinção do imaginário e do real. Uma alteridade primitiva esta inclusa no objeto. (...) ele só se interessa enquanto objeto do desejo do outro. (p. 50)

Palavras-chave: nó, desejo

Essa distinção entre o Outro com um A maiúsculo, isto é, entre o Outro enquanto não é conhecido, e o outro com um a minúsculo, isto é, do outro que é o eu, fonte de todo conhecimento é fundamental. É nesse afastamento, e no ângulo aberto dessas duas relações, que toda a dialética do delírio deve ser situada. (p.51)

Palavras-chave: delírio

Toda apreensão humana da realidade está submetida a essa condição primordial - o sujeito está na busca do objeto de seu desejo, mas nada o conduz a ele. A realidade, na medida em que ela, está subtendida pelo desejo, é no início alucinada. (p. 52)

Palavras-chave: Castração, desejo, objeto

Tenta-se designar com a noção de traumatismo, que é uma noção etiológica, a função da realidade no desencadeamento da neurose. Isso é uma coisa, mas outra coisa é o momento da neurose em que se produz no sujeito uma certa ruptura com a realidade. De que realidade se trata? Freud sublinha isso logo de saída, a realidade que é sacrificada na neurose é uma parte da realidade psíquica. (p. 56)

Palavras-chave: Trauma, Há-Um

Se Deus não se detém nas necessidades cotidianas do homem, se ele não compreende nada do homem, é que o compreende bem demais. A prova é que ele introduz na língua fundamental também o que se passa enquanto o homem dorme, isto é, seus sonhos.

Pode-se dizer que nesse delírio Deus é essencialmente o termo polar em relação a megalomania do sujeito, mas é na medida em que Deus aí está preso em seu próprio jogo. (p. 84)

Palavras-chave: Deus, Há-Um

O desejo sexual é com efeito o que serve ao homem para se historicizar, na medida em que é nesse nível que se introduz pela primeira vez a lei. (p. 92)

Palavras-chave: Castração, desejo

O falo é um símbolo do qual não há correspondente, equivalente. (p. 102)

Palavras-chave: Falo

A que se prendem os sintomas? - senão a implicação do organismo humano em alguma coisa que é estruturada como uma linguagem, com o que tal elemento de seu funcionamento vai entrar em jogo como significante. (p. 110)

Palavras-chave: sintoma

O que é ser uma mulher, e, especificamente, o que é um órgão feminino? Observem que nós nos encontramos aí diante de alguma coisa de singular- a mulher se interroga sobre o que é ser uma mulher, da mesma forma que o sujeito macho se interroga sobre que é ser uma mulher. (p.197)

Palavras-chave: mulher

Não há, propriamente, diremos nós, simbolização do sexo da mulher como tal. Em todo o caso, a simbolização não é a mesma, não tem a mesma fonte, não tem o mesmo modo de acesso que a simbolização do sexo do homem. E isso, porque o imaginário fornece apenas uma ausência, ali onde alhures há um símbolo muito prevalente. (p.201)

Palavras-chave: homem/mulher

Tornar-se uma mulher e interrogar-se sobre o que é uma mulher são duas coisas essencialmente diferentes. Eu direi mesmo mais- é porque não nos tornamos assim que nos interrogamos, e até certo ponto, interrogar-se é o contrário de tornar-se. (p. 204)

Palavras-chave: mulher

(...) a concepção freudiana do complexo de Édipo, não é de um triângulo pai-mãe-criança de que se trata, é de um triângulo (pai)-falo-mãe-criança. Onde estará o pai ali dentro? Ele está no anel que faz manter-se tudo junto. (p.358)

Palavras-chave: nó, Nome-do-pai

O seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

A ideia de um objeto harmónico, encerrando, por sua natureza, a relação sujeito-objeto, é perfeitamente contradita pela experiência — não diria nem mesmo a experiência analítica, mas a experiência comum das relações entre o homem e a mulher. Se a harmonia nesse registro não fosse coisa problemática, não haveria análise em absoluto. Nada mais preciso que as formulações de Freud sobre esse ponto — há, neste registro, uma hiância, alguma coisa que não funciona, o que não quer dizer que isso baste para defini-la. (p.25)

Palavras-chave: harmonia, sujeito, objeto

A noção da relação de objeto é impossível de compreender, e até mesmo de exercer, se não pusermos nela o falo como um elemento, não digo mediador, pois isso seria dar um passo que ainda não demos juntos, mas terceiro. (p. 28)

Palavras-chave: Falo

O que falta no nível da castração, na medida em que esta é constituída pela dívida simbólica, a alguma coisa que sanciona a lei e que lhe dá seu suporte o seu inverso, o que é a punição, fica absolutamente claro que não é, com nossa experiência analítica, um objeto real. (p. 37)

Palavras-chave: A lei que há

O erro é partir da ideia de que existem a linha e a agulha, a moça e o rapaz, e entre um e outro uma harmonia preestabelecida, primitiva, de tal maneira que se alguma dificuldade se manifesta, só pode ser por alguma desordem secundária, algum processo de defesa,

algum acontecimento puramente acidental e contingente. Quando se imagina que o inconsciente quer dizer que o que está num sujeito foi feito para adivinhar o que lhe deve responder num outro, não se faz outra coisa senão supor uma harmonia primitiva.” (p.48)

Palavras-chave: homem/mulher, harmonia

Existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos. (p. 56)

Palavras-chave: Falo

Quando o sujeito declara pôr em jogo no tratamento aquilo que é a fantasia, ele a exprime sob uma forma notável por sua imprecisão, deixando abertas as questões a que só responde com muita dificuldade. Na verdade, ele não pode dar, de saída, uma resposta satisfatória, pois quase nada mais é capaz de dizer para caracterizar essa fantasia. Além disso, não o faz sem marcar uma espécie de aversão, até mesmo de vergonha ou acanhamento. (p.116)

Palavras-chave: fantasia

Essa fantasia, como se apresenta? Ela porta em si o testemunho, ainda muito visível, dos elementos significantes da palavra articulada no nível desse transobjeto, se podemos dizê-lo, que é o grande Outro, o lugar onde se articula a palavra inconsciente, o S na medida em que é palavra, história, memória, estrutura articulada. (p.120)

Palavras-chave: fantasia, Outro

Com a fantasia, encontramos-nos diante de algo da mesma ordem, que fixa, reduz ao estado de instantaneidade, o fluxo da memória, detendo-o neste ponto que se chama a lembrança encobridora. Pensem na maneira como uma sequência cinematográfica que se desenvolvesse rapidamente fosse parar de repente num ponto, imobilizando todos os personagens. Essa instantaneidade é característica da redução da cena plena, significativa, articulada de sujeito a sujeito, ao que se imobiliza na fantasia, a qual fica carregada de todos os valores eróticos incluídos naquilo que ela exprimiu e de que ela é a testemunha e o suporte, o último suporte restante. (p. 121)

Palavras-chave: fantasia, lembrança encobridora

O que intervém na relação de amor, o que é demandado como signo de amor nunca passa de alguma coisa que só vale como signo. Ou, para ir ainda mais adiante, não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem. Mas vamos observar bem que a dimensão do dom só existe com a introdução da lei. Como nos afirma toda a meditação sociológica, o dom é algo que circula, o dom que vocês fazem é sempre

aquele que receberam. Mas quando se trata do dom entre dois sujeitos, o ciclo de dons vem ainda de outra parte, pois o que estabelece a relação de amor é que o dom é dado, se podemos dizê-lo, em troca de nada. (p.142)

Palavras-chave: amor, dom

Na medida em que ele [o falo] está ali ou não está ali, e unicamente na medida em que ele está ou não está ali, é que se instaura a diferenciação simbólica entre os sexos. (p.155)

Palavras-chave: Falo

Esse algo mais, que é preciso que exista, é exatamente a existência, por trás dela, de toda a ordem simbólica de que ela depende, e a qual, como está sempre mais ou menos presente, permite um certo acesso ao objeto de seu desejo, o qual já é um objeto tão específico, tão marcado pela necessidade instaurada pelo sistema simbólico, que é absolutamente impensável de outra maneira quanto à sua prevalência. Esse objeto chama-se falo, e foi em tomo dele que fiz girar toda a nossa dialética da relação de objeto no ano passado. (p. 198)

Palavras-chave: Falo

A castração é o signo do drama do Édipo, como também dela é ele o pivô implícito. (p.221)

Palavras-chave: castração

Há o pai simbólico. Há o pai real. A experiência nos ensina que na assunção da função sexual viril, é o pai real cuja presença desempenha um papel essencial. Para que o complexo de castração seja pelo sujeito verdadeiramente vivido, é preciso que o pai real jogue realmente o jogo. É preciso que ele assuma sua função de pai castrador, a função de pai sob sua forma concreta, empírica, diria quase degenerada, sonhando com o personagem do pai primordial e a forma tirânica e mais ou menos horripilante sob a qual o mito freudiano a apresentou para nós. É na medida em que o pai, tal como existe, preenche sua função imaginária naquilo que esta tem de empiricamente intolerável, e mesmo de revoltante quando ele faz sentir sua incidência como castradora, e unicamente sob este ângulo — que o complexo de castração é vivido. (p.374)

Palavras-chave: castração, pai

Este é o plano [plano do erotismo] onde as relações entre os sexos são efetivamente elucidadas, na medida em que se encontram a caminho de uma resposta à questão formulada a propósito de seu próprio sexo pelo sujeito, na medida em que ele é ao mesmo tempo algo que entrou no mundo e que jamais é satisfeito, a saber, a famosa oblatividade perfeita

onde se encontraria a harmonia ideal entre o homem e a mulher. Jamais encontramos essa harmonia senão num horizonte-limite, que sequer nos permite designá-la como o objetivo a se realizar pela análise. Para ter uma perspectiva salubre sobre o progresso de nossa investigação, é preciso perceber que na relação entre o homem e a mulher, a partir do momento em que ela é consagrada, permanece sempre aberta uma hiância. [p.385].

Palavras-chave: homem, mulher, hiância

O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Quanto a isso, insisto em que todos vocês tomem conhecimento dos exemplos, que dei em " A instância da letra" , daquilo a que chamo funções essenciais do significante, na medida em que é por elas que o arado do significante sulca no real o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o. Trata-se das funções da metáfora e da metonímia. (p. 33)

Palavras-chave: real, metáfora, metonímia

Uma vez que tudo depende do Outro, a solução é ter um Outro só para si. É a isso que se chama amor. Na dialética do desejo, trata-se de ter um Outro todo seu. (p. 138)

Palavras-chave: amor, Outro

Ora, o problema do Outro e do amor está no centro do cômico. [...] A origem da comédia está estreitamente ligada à relação do isso com a linguagem. (p. 139)

Palavras-chave: amor, Outro

A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o Outro é o fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética. (p. 145)

Palavras-chave: desejo, Outro

O que importa para o sujeito, o que ele deseja, o desejo como desejado, o desejo do sujeito, quando o neurótico ou o perverso tem de simbolizá-lo, isso, em última análise, é literalmente feito com a ajuda do falo. O significante do significado em geral é o falo. (p. 249)

Palavras-chave: Falo

Há sempre, na fantasia masoquista, uma faceta degradante e profanadora, que indica ao mesmo tempo a dimensão do reconhecimento e o modo de relação proibido do sujeito com o sujeito paterno. É isso que constitui o fundo da parte desconhecida da fantasia. (p. 255)

Palavras-chave: fantasia

A função constitutiva do falo, na dialética da introdução do sujeito em sua existência pura e simples e em sua posição sexual, é impossível de deduzir, se não fizermos dele o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher. (p. 285)

Palavras-chave: Falo

O problema do amor é o da profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor - dar o que não se tem -, é dar aquilo que ele não tem, o falo, a um ser que não o é. (p. 364)

Palavras-chave: amor, falo

O essencial do que apresentei, ao lhes descrever a função do falo, foi que ele é o significante que marca o que o Outro deseja na medida em que ele mesmo, como Outro real, Outro humano, está, em sua economia, marcado pelo significante. É essa fórmula, precisamente, que estamos estudando. É precisamente na medida em que o Outro é marcado pelo significante que o sujeito pode - e só pode através disso, por intermédio desse Outro - reconhecer que também- é marcado pelo significante, ou seja, que há sempre algo que resta para além do que pode satisfazer-se por intermédio do significante, isto é, pela demanda. Essa clivagem feita em torno da ação do significante, esse resíduo irreduzível ligado ao significante, também tem seu signo próprio, mas esse signo vem a se identificar com essa marca no significado. É aí que o sujeito tem de encontrar seu desejo. (p. 378-379)

Palavras-chave: Falo

mas com o sujeito dizendo-o com toda a clareza - é na medida em que o Outro como objeto do desejo é percebido como falo, e em que, como tal, é percebido como falta no lugar de seu próprio falo, que o sujeito experimenta uma coisa que se assemelha a uma curiosíssima vertigem. (p. 397-398)

Palavras-chave: desejo, falo

Com efeito, o desejo da histérica não é o desejo de um objeto, mas o desejo de um desejo, um esforço de se manter em frente ao ponto no qual ela convoca seu desejo, o ponto onde está o desejo do Outro. (p. 419)

Palavras-chave: desejo

O obsessivo resolve a questão do esvaecimento de seu desejo fazendo dele um desejo proibido. Faz com que ele seja sustentado pelo Outro, precisamente pela proibição do Outro. (p. 427)

Palavras-chave: desejo

O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação [1958-1959]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

Diante do outro, o sujeito se identifica com o falo, mas ele mesmo se fragmenta quando está em presença do falo (p.146)

Palavras-chave: falo

No homem, o desejo está fora da relação amorosa, a forma acabada dessa relação supõe, de fato, que o sujeito dê o que não tem, o que é a própria definição do amor. Em contrapartida, a forma ideal do desejo, se me permitem, realizar-se nele quando ele reencontra o complemento de seu ser na mulher, na medida em que ela simboliza o falo. (p.147)

Palavras-chave: homem/mulher, amor, falo

No amor, o homem fica verdadeiramente alienado ao objeto de seu desejo, ao falo. No ato erótico, contudo, esse mesmo falo reduz a mulher a ser um objeto imaginário. Por isso é que, no próprio âmago da relação amorosa mais profunda, mais íntima, mantém-se no homem a duplicidade do objeto. (p.147)

Palavras-chave: homem/mulher, amor, falo

(...) na medida em que a satisfação do desejo se dá no plano real, o amor da mulher, no seu desejo, volta-se para um ser que está para além do encontro do desejo – a saber, o homem enquanto privado do falo, o homem que, precisamente, por sua natureza de ser completo, de ser falante, é castrado. (p.147)

Palavras-chave: homem/mulher, castração, desejo

A fórmula simbólica ($\$ \langle \rangle a$) dá sua forma ao que chamo de fantasia fundamental. [...] Dizer que se trata aqui da fantasia fundamental nada mais significa do que o seguinte, a saber, que, na perspectiva sincrônica, ela garante sua estrutura mínima a suporte do desejo. Nela vocês encontram dois termos, cuja dupla relação entre um e outro constitui a fantasia. Essa relação se complexifica na medida em que é numa relação terceira com a fantasia que o sujeito se constitui como desejo. (p.393)

Palavras-chave: fantasia fundamental, desejo

(...) o objeto *a* se define, em primeiro lugar, como o suporte que o sujeito se dá quando fraqueja... [...] quando ele fraqueja na sua certeza de sujeito. (p.393)

Palavras-chave: objeto *a*

O desenvolvimento da análise mostra, pois, que a homossexualidade está bem longe de ser uma exigência instintiva primordial e que não se pode identificá-la a uma pura e simples fixação ou desvio do instinto. (p.396)

Palavras-chave: homossexualidade

O *a* minúsculo é um termo obscuro, um termo opaco, que participa de um nada, ao qual se reduz. É para além desse nada que o sujeito vai buscar a sombra de sua vida, inicialmente perdida. [...] o objeto perdido, o objeto *a* ser reencontrado não é aquele que uma perspectiva genética promove do objeto primitivo de uma impressão primordial. Faz parte da própria natureza do desejo constituir o objeto segundo essa dialética. (p.400)

Palavras-chave: objeto *a*, desejo

Qualquer que seja a forma sob a qual se apresenta, persiana ou telescópio ou qualquer outro anteparo, a fenda é o que faz o sujeito perverso entrar no desejo do outro. (p.450)

Palavras-chave: perversão, desejo

A fantasia é o suporte e o índice de certa posição do sujeito no desejo. [...] ...ao contrário do que se costuma dizer por uma espécie de precipitação do pensamento, estas não são duas posições recíprocas, *aquele que mostra/aquele que vê* completando-se um ao outro. Ao contrário, paradoxalmente, essas duas posições são rigorosamente paralelas. (p.453).

Palavras-chave: fantasia, voyeurismo, exibicionismo

Em ambos os casos, o sujeito é indicado na fantasia pelo que chamamos de 'fenda', de hiância, algo que, no real, é ao mesmo tempo buraco e lampejo, na medida em que o voyeur espia por trás de sua persiana, que o exibicionista entreabre seu anteparo. Aqui, o sujeito é indicado pelo seu lugar no ato. Ele nada mais é que esse lampejo-objeto que nos referimos e que é vivido, percebido, pelo sujeito como a abertura de uma hiância que, por sua vez, o situa como aberto. Aberto para quê? Para outro desejo que não o seu, estando esse seu desejo profundamente afetado, atingido, abalado pelo que é percebido o lampejo. (p.453).

Palavras-chave: fantasia, voyeurismo, exibicionismo

(...) no trajeto da funcionalização do sujeito como falo, interpõe-se o desejo. No desejo, com efeito, exprime-se o ser do sujeito no ponto de sua perda, na medida em que, como vimos, a partir de certo momento o sujeito já não pode se apreender no desejo, ele já não é, ele falta-a-ser [*manque à être*]. É essa falta que encontra a função fálica (p.460-461)

Palavras-chave: falo, desejo

É certo que sempre reservo para a mulher a possibilidade-limite da união perfeita com um ser, ou seja, que, no coito, haja para ela fusão completa do ser amado com seu órgão. Isso não exclui que, na experiência comum, as dificuldades que se apresentam na ordem sexual girem precisamente em torno do seguinte ponto: de que no momento ideal, e, de certa forma apoteótico, apocalíptico até, da união sexual perfeita, não se situam senão no limite, a passo que, de fato, na prova comum da experiência, a mulher sempre tem de lidar, mesmo quando alcança a realização de sua feminilidade, com o objeto fálico como separado. E até porque lida com o falo como tal e nesse registro, sua ação, sua incidência, pode ser percebida pelo homem como castradora.

De resto, é claro, isso permanece inconsciente por ela até a análise, assim como permanece inconsciente que esse falo que ela não tem, ela o é simbolicamente, na medida em que é objeto do desejo do outro. Ela não sabe nem um nem outro.

Essa posição específica da mulher vale enquanto for inconsciente por ela. Isso quer dizer: enquanto só vale para o Outro, o parceiro. No entanto, a fórmula muito singular, paradoxal, em que se resolve sua relação com o falo é que, no inconsciente, ela o é e, concomitantemente, ela o tem. (p.480)

Palavras-chave: homem/mulher, falo

O neurótico utiliza a alternativa fundamental sob uma forma metonímica na medida em que, para ele, não tê-lo é a forma sob a qual ele se afirma, e de modo mascarado, sê-lo. Ele não tem o falo para ser o falo de forma escondida, inconsciente. (p.483)

Palavras-chave: falo

Na metonímia do neurótico, o sujeito, como dissemos, é o falo – no limite, ou seja, num ponto que ele só alcançará na perspectiva fugidia de seus sintomas – somente na medida em que não o tem. É o que se trata de não revelar. Disso resulta que, à medida que a análise progride, encontrarmos nele uma crescente angústia de castração (p.497).

Palavras-chave: falo, castração

O falo nada mais é que o significante do desejo do desejo. O desejo não tem outro objeto além do significante de seu reconhecimento. É o que nos permite deixar de ser incautos no troca que ocorre no nível de desejo, quando nos damos conta de que o sujeito passou para o outro lado da relação sujeito-objeto, que passou para a. (p.512)

Palavras-chave: falo, desejo

O seminário, livro 7: A ética da psicanálise [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

Esse das Ding não está na relação - de algum modo refletida, na medida em que é explicitável - que faz o homem colocar em questão suas palavras como referindo-se às coisas que, no entanto, elas criaram. Há outra coisa em das Ding. [p.61]

Palavras-chave: das Ding

Não cobiçarás. Foi a Coisa, portanto, que, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo mandamento, excitou em mim todas as concupiscências; porque sem a Lei a Coisa estava morta. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevivendo o mandamento, a Coisa recobrou vida, e eu morri. Assim o mandamento que me devia dar a vida, conduziu-me à morte. Por que a Coisa, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me, e por ele fez-me desejo de morte. (p. 106)

Palavras-chave: Coisa

(...) o que é achado é procurado, mas procurado nas vias de significante. Ora, essa busca é, de alguma forma, uma busca antipsíquica que, por seu lugar e sua função, está para além do princípio do prazer. Pois, segundo as leis do princípio do prazer, o significante projeta nesse para além a equalização, a homeostase, a tendência ao investimento uniforme do sistema do eu como tal – fazendo-o faltar. (p. 145)

Palavras-chave: homeostase

Ora, o paradoxo do que se pode chamar, na perspectiva do princípio do prazer, de o efeito do *Vorlust*, dos prazeres preliminares, é justamente que eles subsistem de encontro à direção do princípio do prazer. É na medida em que se sustenta o prazer de desejar, isto é, para dizer com todo o rigor, o prazer de experimentar um desprazer, que podemos falar da valorização sexual dos estados preliminares do ato de amor. (p.185)

Palavras-chave: amor

Estou também tentando fazê-los ver que a estética freudiana, no sentido mais amplo do termo, isto é, a análise de toda a economia dos significantes, nos mostra inacessível essa Coisa. Isso deve ser colocado no início do problema para tentar articular suas consequências, particularmente a questão da idealização. Viram da última vez, aliás, esboçar-se, a respeito da sublimação da moral cortês, o surgimento de um tipo ideal. (p. 193)

Palavras-chave: Coisa

Deus, portanto, está morto. Visto que está morto, o estava desde sempre. (p.216)

Palavras-chave: Deus

Nada é mais evidente em nossa experiência clínica. Quem é que, em nome do prazer, não afrouxa desde o primeiro passo um pouco sério em direção a seu gozo? Não é o que todos os dias sentimos de perto? (p. 222)

Palavras-chave: gozo

Talvez esteja aqui o sentido do amor ao próximo que me poderia tornar a dar a verdadeira direção. Para isso seria preciso enfrentar que o gozo de meu próximo, seu gozo nocivo, seu gozo maligno, é ele que se propõe como o verdadeiro problema para o meu amor. (p. 225)

Palavras-chave: amor, gozo

Não é, portanto, uma proposição original dizer que o recuo diante do Amarás teu próximo como a ti mesmo é a mesma coisa que a barreira diante do gozo, e não seu contrário. Recuo de amar meu próximo como a mim mesmo na medida em que nesse horizonte há algo que participa de não sei qual crueldade intolerável. Nessa direção, amar meu próximo pode ser a via mais cruel. (p. 233)

Palavras-chave: amor, gozo

O desejo do homem de boa vontade é de fazer bem, de fazer o bem, e aquele que vem ao encontro de vocês, é para encontrar-se bem, para se encontrar em concordância consigo mesmo, para ser idêntico, conforme a alguma norma. Ora, vocês sabem o que encontramos, no entanto, à margem, mas porque não no horizonte, do que se desenvolve diante de nós como o que é dialética e progresso do conhecimento de seu inconsciente. Na margem irreduzível, assim como no horizonte de seu bem próprio, o sujeito se revela ao mistério jamais inteiramente resolvido do que é o seu desejo. (p. 282)

Palavras-chave: desejo, bem

O Seminário, livro 8: A transferência [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

(...) concretamente, na análise ou fora da análise, pode e deve se fazer a divisão entre as duas perspectivas sobre amor. Uma delas afoga, deriva, mascara, elide, sublima todo o concreto da experiência nessa famosa escalada em direção a um bem supremo do qual é espantoso que ainda possamos, nos, em análise, guardar vagos reflexos de três vinténs, sob o nome de oblatividade, essa espécie de amar-em-Deus, se posso dizer, que estaria no fundo de toda relação amorosa. Numa outra perspectiva, e a experiência o demonstra, tudo gira em torno desse privilégio, desse ponto único, que é constituído em alguma parte por isso que só encontramos num ser quando amamos verdadeiramente. Mas, o que é isso? Justamente, *agálma*, este objeto que aprendemos a demarcar na experiência analítica. (p. 151)

Palavras-chave: agálma

A análise descobriu, como sabemos, que aquilo com que o sujeito tem a ver é o objeto da fantasia, na medida em que este se apresenta como o único capaz de fixar um ponto privilegiado naquilo a que é preciso chamar, com o princípio do prazer, uma economia regulada pelo nível do gozo. (p. 239)

Palavras-chave: gozo, fantasia

Ora, e na própria medida em que algo se apresenta como revalorizando que o tipo de deslizamento infinito, o elemento dissolutivo trazido ao sujeito, por si mesma, pela fragmentação significativa, que ele assume valor de objeto privilegiado, que estanca esse deslizamento infinito. Um objeto pode assumir também, com relação ao sujeito, esse valor essencial que constitui a fantasia fundamental. O próprio sujeito se reconhece ali como detido, ou, para lembrar-lhes uma noção mais familiar, fixado. Nessa função privilegiada nos o chamamos *a*. E é na medida em que o sujeito se identifica à fantasia fundamental que o desejo como tal assume consistência, e pode ser designado, que o desejo, também,

de que se trata para nós esta enraizado, na sua própria posição, na *Horigkeit*; isto é, para utilizar a nossa terminologia, que ele se coloca no sujeito como desejo do Outro, grande A. (p. 172)

Palavras-chave: fantasia fundamental

(...) o objeto de que se trata, disjunto do desejo, o objeto falo, não é a simples especificação, o homólogo, a homonímia, do *a* imaginário onde decai a plenitude do Outro, do grande A. Não é uma especificação, enfim surgida, daquilo que teria sido anteriormente o objeto oral, depois o objeto anal. Como lhes indiquei desde o início do discurso de hoje, quando marquei para vocês o primeiro encontro do sujeito com o falo - o falo é um objeto privilegiado no campo do Outro, um objeto que vem em dedução do estatuto do Outro como tal. (p. 219)

Palavras-chave: falo

A questão das relações entre o desejo e isso diante do que ele se fixa já nos conduziu à noção do desejo enquanto desejo de outra coisa. Chegamos até aí pelas vias da análise dos efeitos da linguagem sobre o sujeito. É muito estranho que uma dialética do amor, a de Sócrates, que se fez por inteiro, precisamente, por meio da dialética, e através de uma prova dos efeitos imperativos da interrogação como tal, não nos leve ao mesmo entroncamento. Ela faz muito mais: permite-nos ir mais além e captar o momento de báscula, de virada onde, da conjunção do desejo com seu objeto enquanto inadequado, deve surgir essa significação que se chama o amor. (p. 42)

Palavras-chave: amor

Pois bem, é isso, nós também apagamos o mais que pudemos aquilo que quer dizer objeto parcial. Havia ali uma descoberta, a do lado fundamentalmente parcial do objeto na medida em que ele é pivô, centro, chave do desejo humano. Isso bem valeria que nos detivéssemos um instante. Mas não, qual nada, nosso primeiro esforço foi interpretá-lo apontando para uma dialética da totalização, transformá-lo no objeto chato, o objeto redondo, o objeto total, o único digno de nós, o objeto esférico sem pés nem patas, o todo do outro, onde, como todos sabem, irresistivelmente nosso amor acaba, encontra seu termino. (p. 147)

Palavras-chave: objeto

O Seminário, livro 10: a angústia [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Não se trata apenas de *Que quer ele comigo?*, mas também de uma interrogação em suspenso que concerne diretamente ao eu: não *Como me quer ele?*, mas *Que quer ele a respeito deste lugar do eu?* (p. 14)

Palavras-chave: Eu, desejo

O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo. (p. 32)

Palavras-chave: Outro, desejo, objeto a

Eu diria que o primeiro tempo é: o mundo existe. (p.42)

Palavras-chave: mundo

[...] em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos auto-erotismo, de um gozo autista. (p. 55)

Palavras-chave: auto-erotismo, gozo autista

Ora, o que são as histórias senão uma imensa ficção? O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? (p.56)

Palavras-chave: ficção, gozo

[...] esse resíduo não imaginado do corpo, que, por um desvio que sabemos designar, vem manifestar-se no lugar previsto para a falta, e de um modo que, por não ser especular, torna-se impossível de situar? (p.71)

Palavras-chave: objeto a, corpo

O significante, disse-lhes eu a certa altura, é um traço, porém um traço apagado. (p. 73)

Palavras-chave: significante, traço

Aquilo de que se trata é nossa relação angustiada com um objeto perdido, mas que certamente não está perdido para todo o mundo. (p.74)

Palavras-chave: angústia, objeto a

Depois tentamos estendê-la ao universo, mas a causa original é a causa de um traço que se apresenta como vazio, que quer fazer-se passar por um falso traço. (p.75)

Palavras-chave: causa, traço, vazio

Reconhecer a necessidade do lugar vazio num ponto funcional do desejo, e constatar que a própria natureza a fisiologia, não encontrou alhures seu ponto funcional mais favorável [...]. (p.83)

Palavras-chave: vazio, desejo

Compreender é sempre avançar capengando para o mal-entendido. (p.90)

Palavras-chave: compreender, mal-entendido

É em função desse amor, digamos, real que se institui o que é a questão central da transferência, aquela que o sujeito formula a si mesmo a respeito do ágalma, ou seja, o que lhe falta, pois é com essa falta que ele ama. (p.122)

Palavras-chave: amor, falta

(...) O que damos no amor é, essencialmente, aquilo que não temos, e quando isso que não temos volta para nós, com certeza há uma regressão e, ao mesmo tempo, uma revelação daquilo em que faltamos para essa pessoa, para representar essa falta. (p. 156)

Palavras-chave: falta, amor

(...), o que escapa ao masoquista, e que o coloca na mesma situação de todos os perversos, é que ele acredita, com certeza, que o que procura é o gozo do Outro, e, justamente por acreditar nisso, não é isso que ele busca. (p. 168)

Palavras-chave: gozo, Outro

A detumescência na copulação merece reter-nos a atenção, para valorizar uma das dimensões da castração. O fato de o falo ser mais significativo na vivência humana por sua possibilidade de ser um objeto decaído do que por sua presença, é isso que aponta a possibilidade do lugar da castração na história do desejo. (p. 187)

Palavras-chave: falo, castração

É por funcionar na cópula humana não apenas como instrumento de gozo, mas também como seu negativo, que o falo se apresenta na função de *a* com sinal de menos” (p. 194)

Palavras-chave: falo, objeto *a*

(...) quanto as relações do homem e da mulher, articular tudo que pode tornar lícita e justificada a permanência de um mal-entendido obrigatório só pode ter o efeito degradante de permitir que todos os meus ouvintes abafem suas dificuldades pessoais (...), na certeza de que esse mal-entendido é estrutural. (p. 197)

Palavras-chave: homem/mulher, mal-entendido

“(... falar de mal-entendido não equivale, de modo algum, falar de um fracasso necessário. Se o real é sempre subentendido, não vemos por que o mais eficaz dos gozos não possa ser atingido pelas próprias vias do mal-entendido”. (p. 197)

Palavras-chave: mal-entendido

O amor é um fato cultural. (...) Isso deve incitar-nos a dispor de outra maneira os suportes do que temos a dizer acerca da conjunção do homem e da mulher no ponto em que o próprio Freud o diz, assinalando que esse desvio poderia ter-se produzido de forma diferente. (p. 198)

Palavras-chave: amor, homem/mulher

Qualquer exigência de *a* sobre a via de encontrar a mulher-só pode desencadear a angústia no Outro, justamente por eu não fazer dele mais do que *a* (...). É por isso mesmo que o amor-sublimação permite ao gozo condescender ao desejo. (p. 199)

Palavras-chave: mulher, objeto *a*

A angústia do homem liga-se à possibilidade do não poder. Daí o mito, bastante masculino, que faz da mulher o equivalente de uma de suas costelas (...) no mito da costela, trata-se justamente do objeto perdido. A mulher, para o homem, é um objeto feito disso. (p. 209)

Palavras-chave: homem/mulher

Quanto à mulher, é inicialmente o que ela *não tem* que constitui, a princípio, o objeto de seu desejo, ao passo que, no homem, trata-se daquilo que ele *não é* e no que falha. (p. 221)

Palavras-chave: homem/mulher

A distância, a não-coincidência dessa falta com a função do desejo em ato, estruturado pela fantasia e pela vacilação do sujeito em sua relação com o objeto parcial, é isso que cria a angústia, e a angústia é a única a almejar a verdade dessa falta. (p. 253)

Palavras-chave: fantasia

A copulação está em toda parte, mas só une ao faltar, justamente ali onde seria copulativa. Esse furo central confere um valor privilegiado à angústia de castração, único nível em que a angústia se produz no próprio lugar da falta do objeto. (p. 348)

Palavras-chave: angústia de castração

O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais de psicanálise [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Esta função do impossível não deve ser abordada sem prudência, como toda função que se apresenta de forma negativa. Eu quereria simplesmente sugerir-lhes que a melhor maneira de abordar essas noções não é tomá-las pela negação. Este método nos levaria aqui a questão sobre o possível, e o impossível não é forçosamente o contrário do possível, ou bem ainda, porque o oposto do possível é seguramente o real, seremos levados a definir o real como o impossível. (p. 158-59)

Palavras-chave: real, impossível

É a libido, enquanto puro instinto de vida, quer dizer, de vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela, de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível. E o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada. E é disso aí que são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto *a*. (p. 186)

Palavras-chave: objeto *a*

A função da tique, do real como encontro, o encontro enquanto podendo faltar enquanto que essencialmente é encontro falta se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção - a do traumatismo (p. 57)

Palavras-chave: traumatismo, real

Freud ali explica em suma que a referência polar atividade-passividade esta ali para denominar, para recobrir, para metaforizar o que resta de insondável na diferença sexual. Jamais em parte alguma ele sustenta que, psicologicamente, a relação masculino-feminino seja apreensível de outro modo senão pelo representante da oposição~ao atividade-passividade. Enquanto tal, a oposição masculino-feminino jamais é atingida. Isto designa bastante a importância do que é repetido aqui na forma de um verbo particularmente agudo para exprimir o de que se trata - essa oposição passividade-atividade escorre se molda se injeta. E uma arteriografia, e as relações masculino-feminino mesma não a esgotam (p. 181-182)

Palavras-chave: homem/mulher

A mascarada não é o que entra em jogo na ostentação necessária, no nível dos animais, ao acasalamento, bem como o enfeite se revela aí, geralmente, do lado do macho. A mascarada tem um outro sentido no domínio humano, e precisamente de funcionar no nível não mais imaginário, mas simbólico. (p.183)

Palavras-chave: mascarada

Desde a primeira aproximação, vemos, na dialética do olho e do olhar, que não há de modo algum coincidência, mas fundamentalmente logro. Quando, no amor, peço um olhar, o que há de fundamentalmente insatisfatório e sempre falhado, é que - Jamais me olhas lá de onde te vejo. (p. 100)

Palavras-chave: amor

Amar e, essencialmente, querer ser amado. (p. 239)

Palavras-chave: amor

Quero dizer que a operação e a manobra da transferência devem ser regradas de maneira que se mantenha a distancia entre o ponto desde onde o sujeito se vê amável, - e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta por a, e onde a vem arrolhar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito (p. 255)

Palavras-chave: objeto a, divisão

O seminário, livro 14: a lógica do fantasma [1966-1967]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2024.

“Não me é dado, nem é passível de o ser outro gozo que não o de meu corpo. Isso não se impõe imediatamente, mas suspeitamos.” (p.166)

Palavras-chave: gozo, corpo

“Não há castração senão na medida em que o homem só se introduz na função do casal pela via de uma relação que não se inscreve imediatamente na conjunção sexual.” (p.176)

Palavras-chave: castração

“Eu lhes disse que a é um dos termos, qualquer um, da relação genital – digo, qualquer que seja o seu sexo.

Na relação sexual, na experiência da relação subjetiva que ela inclui, definida pela análise como edipiana, a menina, assim como o menino, entra ali primeiramente como criança, em outras palavras como já representando o produto” (p.186)

Palavras-chave: objeto a

“Mas todo mundo sabe que, se existe algo que está presente na relação sexual, é o ideal do gozo do Outro, e é também o que constitui sua originalidade subjetiva.” (p.189)

Palavras-chave: gozo do Outro, relação sexual

“Se algo vem se fundar em torno do gozo do Outro, é na medida em que a estrutura a que enunciamos faz hoje surgir o fantasma [*fantôme*] do dom. É porque ela adquire um valor privilegiado quanto o ser. Esse dom se chama amor, que defini como o dom do que não se tem” (p.190)

Palavras-chave: amor; gozo do Outro

“Sem definir o ato sexual como um ato de pleno exercício é impossível conceber a função que Freud deu à sexualidade com relação à estrutura disso que se deve chamar, com ele, de satisfação, *Befriedigung*, satisfação que é preciso chamar de subjetiva, pois ela não poderia ser conotada de outro lugar senão aquele em que se institui o sujeito como tal” (p.193)

Palavras-chave: ato sexual, satisfação

“Um ato sexual é menos um ato sexual – é um ato imaturo, deve ser remetido por nós ao campo de um tem inacabado, mantido preso ao atraso de algum estádio arcaico – se é cometido simplesmente no ódio?” (p.196)

Palavras-chave: ato sexual, ódio

“E quanto à satisfação do ato sexual?

Ela resulta disso que conhecemos pela experiência analítica, de que há – não de um parceiro para o outro, mas de algum dos parceiros para a ideia do casal como um – essa falta que podemos definir de modo diferente, falta-em-ser, falta no gozo do Outro – essa falta, essa não coincidência do sujeito como produto, na medida em que ele avança no campo do ato sexual.” (p. 205)

Palavras-chave: gozo, falta, satisfação

“Então enfatizamos o fato de que existe sexualidade. A rigor, é exatamente porque existe sexualidade que não há ato sexual. Mas talvez o inconsciente queira dizer que perdemos isso. Pelo menos é o que parece.” (p.219)

Palavras-chave: sexualidade, ato sexual

“O que se oferece a nós a esse respeito é que o sujeito deve enfrentar a dificuldade de ser um sujeito sexuado. A questão será a de saber como articular isso.” (p. 219)

Palavras-chave: sexuação

Por mais confusa que seja na teoria, a noção de maturação pulsional acentua isso, que não existe ato sexual, no sentido em que cabo de articular sua necessidade, que não inclui, coisa estranha, castração.

O que chamamos de castração? Não é apenas fechar torneirinha, como nas fórmulas tão agradavelmente produzidas pelo pequeno Hans, pois é preciso que a torneira fique em seu lugar. O que está em questão é que ela não poderia tirar seu gozo de si mesma. (p.225)

Palavras-chave: castração; gozo

O homem e a mulher, aí estão eles, no máximo de sua disjunção. Eu lhes falei do homem-ela, mas e o homem-ele? Onde ele está? Desapareceu. Não existe mais – pois ele está precisamente extraído, como tal, do valor de uso. (p. 227)

Palavras-chave: homem/mulher

O a designa o objeto de mesmo nome, que já pude fazer com que percebam como sendo o que se poderia chamar de o alicerce do sujeito. Essa metáfora implica que só sujeito é a joia, um vez que o objeto a é a armação que o suporta, o que a sustentação enquadra. (p.233)

Palavras-chave: objeto a

A sexualidade, heim? É um gênero, um pântano, um charco, um *derramamento de óleo*, como se diz há algum tempo. Introduzam o dedo, levem-no à ponta do nariz – ali vocês sentirão o cheiro de que se trata. Isso tem a ver com sexo. p. 235-236.

Palavras-chave: sexualidade, pulsão

...é impossível dar um sentido, entenda-se um sentido analítico, aos termos *masculino* e *feminino*". ? (p. 236)

Palavras-chave: masculino, feminino

Se relação sexual existisse, eis o que ela quereria dizer: que o sujeito de cada sexo pode tocar algo do outro no âmbito do significante sem que isso inclua nesse outro consciência, nem mesmo inconsciente – apenas acordo. Isso seria uma pura relação do significante com o significante. (p.237)

Palavras-chave: relação sexual

O valor de gozo tem sua origem na falta marcada pelo complexo de castração, em outras palavras, na proibição do auto-erotismo, que incide sobre um órgão preciso, e cuja função é introduzir aqui esse elemento de unidade a inauguração de um estatuto de troca em que tudo depende do que vai ser em seguida, no ser falante, economia disso que então se trata quanto ao sexo. O importante é ver a reversão que resulta disso e que é a seguinte, como toda a experiência nos ensina, o ser que – na prova à qual o sujeito é submetido, o dito sexual – será levado à função de parceiro (digamos, para ilustrar meu discurso, que esse ser seja a mulher) só adquire seu valor de objeto de gozo na medida em que o falo designa, por esse (-phi) que constitui o complexo de castração e que leva um órgão ao valor de troca, o que constitui precisamente a distância entre o a e a unidade do sexo. (p.239-40)

Palavras-chave: gozo, castração, função fálica

Quando falo do complexo de castração, é sem desconhecer, claro, tudo que ele tem de controverso. O mínimo que se pode dizer é que ele pode induzir o erro sobre a pessoa e especialmente do lado macho, como se vê no que os descreve tão bem o *Gênesis*, a saber, a mulher concebida a partir de algo de que no corpo do homem é privado e que por pudor, é chamado de *uma costela*. (p.241)

Palavras-chave: castração

Ora, a subjetivação do sexo não produz nada além de infortúnio. Mas produz.

O que ela já produziu quando nos foi dada de maneira unívoca na experiência psicanalítica foi esse dejetos do qual partimos como ponto de apoio necessário para reconstruir toda a lógica dessa díade – ao nos deixarmos guiar por isso de que esse objeto é propriamente a causa, a saber, o fantasma. (p. 246)

Palavras-chave: subjetivação do sexo; fantasma

É por razões metafóricas, porque o *a* é a criança metafórica do Um e do Outro – na medida em que ele nasceu como dejetos da repetição inaugural, aquela de onde nasce o sujeito e que, para ser repetição, exige a relação do Um com o Outro. (p. 248)

Palavras-chave: objeto *a*

Um gozo encanestrado, eis o que Freud, ao forjar o mito do pai e de seu assassinato, nos designa como sendo a função original do gozo. Sem essa referência, não poderíamos sequer prosseguir concebendo o problema que será agora o nosso, a saber: o que está em jogo nas operações graças às quais se intercambiam, se economizam e se invertem as funções do gozo, tal como as que teremos de enfrentar na experiência psicanalítica? (p.261)

Palavras-chave: gozo

A profunda adulteração do gozo por sua passagem à função de um valor, é isso que se chama castração. (p. 284)

Palavras-chave: castração, gozo

Pelo menos, marquem que há aí dois registros diferentes. A questão de saber se, no ato sexual o homem chega ao Homem em seu estatuto de homem, e assim também a mulher, é totalmente diferente de saber se alguém tem que encontrar ou não o seu parceiro definitivo, uma vez que é disso que se trata quando evoca o encontro. Curioso: quanto mais os poetas evocam a questão, menos ela se mostra eficaz na consciência de cada um.” (p. 286)

Palavras-chave: ato sexual, homem/mulher

Em outras palavras, para todos aqueles que já estão familiarizados com os termos usuais na psicanálise, é nesse plano, unicamente nesse plano, que Tânatos pode se encontrar, de algum modo, em conexão com Eros. A conjunção entre Eros e Tânatos só é possível na medida em que o gozo do corpo – digo, do corpo próprio, para além do princípio do prazer – se evoca e não se evoca a não ser no ato que coloca um furo, um vazio, uma hiância em seu centro, em torno do qual se localiza a detumescência hedonista. É a partir daí que se pode conceber que não é uma grosseira elucubração mítica da psicanálise ter introduzido na economia do instinto o que, não por acaso, ela designa por esses dois nomes próprios. (p. 287)

Palavras-chave: pulsão, gozo, corpo

Deixarei em suspenso a questão do que acontece com o objeto fálico, porque é preciso que eu o escrutine da maneira como é suportado como objeto – e não se trata de uma necessidade que só se impõe a mim –, tudo isso para perceber que ele próprio não é suportado. Eis o que quer dizer o complexo de castração – não existe objeto fálico – e é nossa única chance de que haja um ato sexual. Não é a castração, é o objeto fálico que é o efeito do sonho do qual fracassa o ato sexual. (p.290)

Palavras-chave: castração

(...) a partir do momento em que sabemos que o inconsciente é o discurso do Outro, está claro que tudo o que é da ordem da sexualidade só poderia penetrá-lo sob as espécies desse questionamento – o ato sexual é possível? Existe esse nó definível como um ato em que o sujeito poderia fundar-se como sexuado, ou seja, macho ou fêmea? Onde o sujeito, sendo sexuado em si, ou, se não o é, procede nesse ato a uma operação que possa, mesmo em seu termo, desembocar na essência pura do que é macho e do que é fêmea? Quero dizer, no desembaraçar, na partilha, sob uma forma polar, do que é macho e do que é fêmea, e isso precisamente na conjunção que os reúne nisso que nomeio como sendo gozo – termo que não introduzo aqui, neste momento, nem pela primeira vez, uma vez que introduzido ele foi há muito tempo, e especialmente em meu Seminário sobre a ética. (p. 295)

Palavras-chave: ato sexual, gozo, sexuação

O gozo tem certa relação com o sujeito, na medida em que, na sua confrontação com o furo deixado em certo registro do ato – o registro eminentemente questionável do ato sexual –, ele é colocado em suspenso por uma série de modos ou de estados que são de insatisfação. Eis o que, por si só, justifica a introdução desse termo *gozo* que também se propõe a nós e especialmente no sintoma, como indiscernível do registro da satisfação. (p. 295)

Palavras-chave: gozo, sintoma, ato sexual

O gozo é o que marca os traços e os limites do princípio do prazer. É algo de substancial que é importante produzir sob a forma que articularei em nome de um novo princípio: só existe gozo do corpo. (p. 300)

Palavras-chave: gozo; corpo

O corpo e o gozo são dois termos que só existem um a partir do outro. Se a sua separação, sua divisão é aquilo por onde se introduz o sujeito como efeito de significância, então nós temos, como analistas, que nos colocar a questão sobre como o gozo é manejável a partir do sujeito. A resposta nos é dada pelo que a análise descobre como sendo a aproximação da relação do sujeito com o gozo, no campo do ato sexual, ou seja, anulação do gozo que é, como tal, a mais imediatamente interessada na conjunção sexual, o que a análise chama de castração, e aparição do que chamei de *valor de gozo*. (p.302)

Palavras-chave: gozo, corpo, castração

Não, o perverso permanece sujeito durante todo o tempo que dura o exercício do que ele coloca como questão ao gozo. O gozo que ele visa nessa questão é o gozo do Outro, na medida em que ele mesmo, o perverso, é, talvez, o único resto desse gozo, mas é por uma atividade de sujeito que ele se coloca. (p.305)

Palavras-chave: perversão, gozo

É um fato que, imprudente sem saber absolutamente o que digo, eu me anuncio como sendo homem ali onde não penso e que faço isso na forma invertida do *Tu és minha mulher ali onde não sou*. Ainda assim isso tem o interesse de dar à mulher a possibilidade de se enunciar também. É o que exige que ela esteja ali como sujeito – pois sujeito ela se torna, ela como eu, a partir do momento em que se enuncia. Esse encontro que se dá sob a forma pura da mensagem – ainda mais pura, insisto nisso, que não se saber absolutamente o que se diz – coloque em primeiríssimo plano a função do sujeito no ato sexual. É mesmo como puro sujeito que nos apercebemos do fundamento desse ato. Esse puro sujeito se situa na junção, ou melhor dizendo, na *disjunção* do corpo com o gozo. É um sujeito na medida dessa disjunção. (p.313-314)

Palavras-chave: homem/mulher, gozo

O gozo próprio a um corpo o define. Um corpo é algo que pode gozar. Só que, aí está, nós o transformamos na metáfora do gozo de um outro. Então, o que se torna o seu? Será que muda? Toda a questão está aí, e não está resolvida – por quê? Mesmo assim, nós analistas sabemos, o que não quer dizer que possamos sempre dizê-lo. Essa é uma observação geral, não vou repeti-la a todo tempo – esse corpo é o lugar do Outro. (p.316)

Palavras-chave: corpo, gozo, Outro

Colocar-se a questão sobre o gozo feminino, bem, já é abrir a porta para todos os atos perversos. Mas colocar a questão – e já é grande coisa que possamos fazê-lo –, a própria mulher já tem essa suspeita. Isso não lhe vem diretamente, claro, mas pela reflexão acerca do que introduz nela a falta do gozo que há do lado do homem. De fato, ela só entra no campo da questão do gozo pela via do desejo, que é, conforme ensino, o desejo do Outro, ou seja, aqui, o desejo do homem. Em contrapartida, no homem, a questão do gozo se coloca primitivamente, no fato de que está envolvida desde o início no fundamento mesmo da possibilidade do ato sexual. (p. 320)

Palavras-chave: gozo feminino

Como o homem vai questionar o gozo? Por meio de objetos, desses objetos que chamam de *pequeno a*, na medida em que são marginais e escapam à estrutura do corpo, estrutura que chamo de especular. Aí está a miragem que faz dizer que a alma é a forma do corpo. (p.320)

Palavras-chave: gozo, objeto *a*

O masoquismo questiona a completude e o rigor da separação entre gozo e corpo, e a sustenta como tal. É por aí que ele chega a retirar, como se diz, do campo do Outro o que permanece para ele disponível para um certo jogo do gozo. Ele dá uma solução que não é a via do ato sexual, mas que se dá nela. (p. 321)

Palavras-chave: masoquismo, gozo, corpo

O ato perverso se situa no plano da questão sobre o gozo. O ato neurótico, ainda que se refira ao modelo do ato perverso, não tem outro fim senão o de sustentar o que não tem nada a ver com a questão do ato sexual, ou seja, o efeito do desejo. (p. 321)

Palavras-chave: perversão

O termo *lógica do fantasma* é suficientemente justificado pelo fato de que vou uma vez mais enfatizar hoje que o fantasma é, de maneira bem mais estreita do que todo o resto do inconsciente, estruturado como uma linguagem. Afinal de contas, o fantasma é uma frase, com uma estrutura gramatical, o que parece indicar a articulação de sua lógica. (p. 323)

Palavras-chave: fantasma

De fato, mais e melhor que em qualquer lugar, aliás, é no campo do gozo sexual que aparece prevalente – e não por acaso – a submissão do gozo ao princípio do prazer, que é propriamente o limite, o tropeço, o fim colocado a toda forma de excesso do gozo. Ora, são precisamente objetos que, no corpo, se definem por estar de certo modo em relação ao princípio do prazer, fora do corpo. São os objetos *a*. Bem, é aí que o homem, ele muito especialmente – na medida em que, para ele, conforme disse, o complexo de castração já articula o problema –, vai encontrar o gozo perdido. (p. 330)

Palavras-chave: gozo; objeto *a*

O *a* é uma coisa ambígua – por mais que seja do corpo, mesmo individual, é no campo do Outro, e não é para menos, pois o sujeito precisa encontrar seu vestígio, e ao fazer dele a petição – digo, nesse campo, porque ali que se desenha o próprio sujeito. (p.330)

Palavras-chave: objeto *a*, corpo, Outro

Digo – tendo por modelo *Uma criança é espancada* – que o fantasma não passa de um arranjo significativo cuja fórmula já dei ao parear o *pequeno a* com o S barrado. Isso quer dizer que o fantasma tem duas características: a presença de um objeto *a* e, por outro lado, nada além do que engendra o sujeito como \$, a saber, uma frase. É por isso que *Uma criança é espancada* é típico. *Uma criança é espancada* não é nada mais do que a articulação significativa *Uma criança é espancada* – com a ressalva, leiam o texto, de que ali paira algo impossível de eliminar, que se chama o olhar. (p.351)

Palavras-chave: fantasma; objeto *a*

Na verdade, em sua interpretação, e mais especialmente ainda, na interpretação geral que vocês dão da estrutura dessa ou daquela neurose, no final o fantasma sempre terá que se inscrever nos registros que são aqueles que forneci, a saber: para fobia, o desejo prevenido; para histeria, o desejo insatisfeito; para a obsessão, o desejo impossível. (p.352)

Palavras-chave: fantasma; desejo; neurose

O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

“[...] pelo menos no campo que é aparentemente o nosso, nenhuma harmonia, como quer que tenhamos que designá-la, é admissível. Daí impor-se a nós, seguramente, a interrogação sobre o discurso que convém a esse campo” (p.12)

Palavras-chave: harmonia

Mostrei naquela ocasião, [...] que nesse traço unário reside o essencial do efeito do que, para nós, analistas, no campo em que lidamos com o sujeito, chama-se repetição. (p.119)

Palavras-chave: repetição; traço unário

A psicanálise não é um saber do sexual. (p.199)

Palavras-chave: saber; sexual

“Que se possa esclarecer numa análise os caminhos que o impedem, ao homem a quem essa mulher se dirige, de fazê-lo direito, gostamos de acreditar que isto se produz no final de uma análise.” (p.199)

Palavras-chave: homem; mulher; final de análise

A vertente pela qual se aborda na psicanálise o que há com o saber sexual é a do que pode pesar de proibição sobre esse saber Palavras-chave: ...] O saber sexual, não direi que entramos na questão por aí, mas que nos confrontamos com ele. Abordamos o saber sexual pelo ponto em que essa proibição pesa, e é por isso que os primeiros enunciados de Freud a respeito do inconsciente enfatizam a função da censura como tal. (p.200)

Palavras-chave: saber sexual; proibição

“Os que já estavam aqui dois anos atrás lembram-se de que dei à questão do ato premissas certamente diferentes das de tomar como um dado a existência de um ato sexual. Assim como concluí que, tomando ato pela ênfase estrutural que é a única em que ele subsiste, podemos enunciar que não existe ato sexual.” (p.202)

Palavras-chave: não existe ato sexual

“O gozo, aqui, é um absoluto, é o real, e tal como o defini, como aquilo que sempre volta ao mesmo lugar. Se o sabemos, é por causa da mulher.” (p.206)

Palavras-chave: gozo; real; mulher

É justamente por postular o gozo como um absoluto que a histérica é rejeitada, só podendo responder a ele pelo ângulo de um desejo insatisfeito em relação a ela mesma. (p.207)

Palavras-chave: gozo; desejo insatisfeito

Só que, se há uma coisa que a análise introduz, é justamente que esse Um **não cola**, e é por isso que ela introduz algo novo, unicamente à luz do qual, aliás, essas próprias façanhas do erotismo a que aludi há pouco podem ganhar sentido. (p.208)

Palavras-chave: Um

O que acontece com o gozo não é de modo algum redutível a um naturalismo. O que há de naturalista na psicanálise é, simplesmente, o nativismo dos aparelhos chamados pulsões, e esse nativismo é condicionado pelo fato de que o homem nasce num banho de significantes. Não há nenhuma razão para lhe dar qualquer continuidade no sentido do naturalismo. (p.208)

Palavras-chave: gozo

[...] em torno da função sexual, organiza-se não o instinto, que teríamos bastante dificuldade de situar em algum lugar a partir de hoje, mas uma estrutura social. (p.209-210)

Palavras-chave: função sexual

Então, antes de enunciar alguma coisa sobre a relação sexual, melhor seria atentarmos para o fato de que isso não tem nada a ver com o que vem substituí-la por completo, especialmente na psicanálise, ou seja, os fenômenos de identificação com um tipo que, segundo o caso, é dito masculino ou feminino. (p.216)

Palavras-chave: relação sexual; fenômenos de identificação

“Seria interessante indagar se alguns desses dois termos, masculinidade e feminilidade, é uma qualificação aceitável como predicado. Será que podemos dizer todos os machos? [...] será que todos os não machos quereria dizer as fêmeas? Os abismos abertos por tal recurso, que confia no princípio da contradição, talvez pudessem ser tomados no outro sentido” (p.217)

Palavras-chave: fenômenos de identificação; masculinidade; feminilidade

A lógica freudiana, se assim posso dizer, indica-nos com clareza que não pode funcionar em termos polares. Tudo o que ela introduziu como lógica do sexo decorre de um único termo, que é realmente seu termo original, que é a conotação de uma falta, e que se chama castração. Esse menos essencial é de ordem lógica, e sem ele nada pode funcionar. Tanto no homem quanto na mulher, toda a normatividade se organiza em torno da transmissão de uma falta. (p.218)

Palavras-chave: castração

Então, em que nível se situa ela, a relação sexual, quanto ao que possamos formular? No nível da Mulher? Do Outro, lugar do desejo que desliza sob toda fala, intacto, impassível? Ou da Coisa, lugar do gozo? (p.220);

Palavras-chave: relação sexual

O que eu lhes disse - que não existe relação sexual -, se há um ponto em que isso se afirma na análise, e tranquilamente, é que a Mulher, não sabemos o que é isso. Ela é desconhecida no lugar - a não ser, graças a Deus, por representações. Desde sempre, nunca foi conhecida senão desse modo. (p.220)

Palavras-chave: Não existe relação sexual; mulher

É realmente o caso de valorizar a formulação dessa expressão, introduzida por Freud a propósito do *recalcamento*. Não se trata, por ora, de saber se as mulheres são recalçadas, mas de saber se a Mulher como tal o é, e por que não, nela própria, é claro. (p.221)

Palavras-chave: mulher

Numa palavra, a pulsão, por si só, designa a conjunção da lógica com a corporeidade. O enigma concerne mais a isto: como foi possível convocar o gozo da borda a uma equivalência com o gozo sexual? (p.223)

Palavras-chave: pulsão; gozo sexual

Com efeito, não é isso que aparece na experiência do neurótico? Preenchê-la pelo mito de uma unidade primitiva, de um paraíso perdido, melhor dizendo encerrado pelo trauma de nascimento, não seria cair nisto que precisamente desempenha um papel na questão do neurótico? Para ele, de fato, trata-se da impossibilidade de fazer o objeto pequeno *a* entrar novamente no plano imaginário, em conjunção com a imagem narcísica. (p.252)

Palavras-chave: narcisismo; objeto *a*; neurótico

Não podemos partir de nenhum vestígio para fundar o significante da relação sexual. Tudo se reduz a um significante, o falo, que justamente não está no sistema do sujeito, uma vez que não é o sujeito que ele representa, e sim, digamos, o gozo sexual como externo ao sistema, ou seja, absoluto. (p.310)

Palavras-chave: relação sexual, falo

O gozo sexual, em relação a todos os outros, tem o privilégio de que alguma coisa no princípio do prazer, o qual sabemos constituir a barreira ao gozo, mesmo assim deixa um acesso a ele. O gozo sexual é o gozo por excelência, é verdade, mas confessem que ler isso na pena de Freud, de um cientista tão merecedor desse título quanto o nosso Freud, tem qualquer coisa, afinal, que pode dar o que pensar. Mas o gozo sexual não está no sistema do sujeito. Não há sujeito do gozo sexual. (p.311)

Palavras-chave: gozo sexual

Estas observações não têm outro interesse aqui senão permitir-nos precisar o sentido do falo como significante que falta. O falo é o significante fora do sistema e, em síntese, o significante convencional para designar o que é radicalmente foracluído do gozo sexual. (p. 311)

Palavras-chave: falo; gozo sexual

Essa verdade, como dissemos, está do lado do desejo, isto é, da divisão do sujeito. [...] A verdade de que se trata resume-se em que a Coisa freudiana, isto é, essa verdade [...] tem como propriedade ser assexuada, ao contrário do que se diz, ou seja, que o freudismo é o pansexualismo. Só que, como o ser vivo, que é o ser pelo qual se veicula uma verdade, tem uma função e uma posição sexuais, resulta daí que não há relação sexual, no sentido preciso da palavra, em que uma relação seja uma relação logicamente definível. (p.334)

Palavras-chave: verdade assexuada; vivo; relação sexual

Como tentei articular, dessa vez há dois anos, e não apenas um, falta o que se poderia chamar de relação sexual, ou seja, uma relação definível como tal entre o sinal do macho e o da fêmea. A relação sexual desta vez, o que é correntemente chamado por esse nome só pode compor-se de um ato. Foi isso que me permitiu formular estes dois termos: que não existe ato sexual, no sentido de esse ato ser o de uma relação exata, e, inversamente, que existe apenas o ato sexual, no sentido de que só existe o ato para criar a relação. (p.334)

Palavras-chave: relação sexual; ato sexual

A psicanálise nos revela que a dimensão própria do ato - do ato sexual, pelo menos, porém, ao mesmo tempo, de todos os atos, o que já se evidenciara fazia muito tempo- é o fracasso. É por essa razão que, no cerne da relação sexual, há na psicanálise o que se chama de castração. (p.334)

Palavras-chave: ato sexual; fracasso; castração

O a vem substituir a hiância que se designa no impasse da relação sexual e reproduz a divisão do sujeito, dando-lhe sua causa, que até então não era apreensível de maneira alguma, porque é próprio da castração que nada possa enunciá-la, propriamente falando, uma vez que sua causa está ausente. Em seu lugar vem o objeto a, como causa substituta do que constitui, radicalmente, a falha do sujeito. (p.335)

Palavras-chave: objeto a; relação sexual; castração

O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

O saber, isto é o que faz com que a vida se detenha em um certo limite em direção ao gozo. Pois o caminho para a morte - é disso que se trata, é um discurso sobre o masoquismo-, o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo. (p.16)

Palavras-chave: saber; gozo; morte

Há uma relação primitiva entre o saber e o gozo, e é ali que vem se inserir o que surge no momento em que aparece o aparato do que concerne ao significante. É desde então concebível que, desse surgimento do significante, releiamos sua função. (p.16)

Palavras-chave: saber; gozo; significante

É na juntura de um gozo - e não de qualquer um, ele sem dúvida deve permanecer opaco -, é na juntura de um gozo privilegiado entre todos-não por ser o gozo sexual, pois o que esse gozo designa por estar na juntura é a perda do gozo sexual, é a castração -, é em relação à juntura com o gozo sexual que surge, na fábula freudiana da repetição, o engendramento daquilo que lhe é radical, e dá corpo a um esquema articulado literalmente. (p.17)

Palavras-chave: gozo sexual; castração; repetição

A relação com o gozo se acentua subitamente por essa função ainda virtual que se chama a função do desejo. É também por esta razão que articulo como mais-de-gozar o que aqui aparece, e não o articulo como um forçamento ou uma transgressão. [...] O que a análise mostra [...] é precisamente isto, não se transgride nada. [...] não se trata aqui de transgressão, mas antes de irrupção, queda no campo de algo que é da ordem do gozo - um bônus. (p.17)

Palavras-chave: gozo; desejo; irrupção

Como temos o significante, é preciso que a gente se entenda - e é justamente por isto que não nos entendemos. O significante não é feito para as relações sexuais. Desde que o ser humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de situar em qualquer lugar da natureza. [...] Em todo caso, uma coisa é certa - se para o homem isso funciona assim-assim, é graças a um truque que permite isso, pelo fato, em primeiro lugar, de tomá-lo insolúvel. (p.31)

Palavras-chave: significante; relações sexuais;

O que a histérica quer que se saiba é, indo a um extremo, que a linguagem derrapa na amplidão daquilo que ela, como mulher, pode abrir para o gozo. Mas não é isto que importa à histérica. O que lhe importa é que o outro chamado homem saiba que objeto precioso ela se torna nesse contexto de discurso. (p.32)

Palavras-chave: histérica; mulher; linguagem; gozo

Mas, mesmo assim, há algo de completamente radical - é a associação, no que está na base, na própria raiz da fantasia, dessa glória, se é que posso me exprimir assim, da marca. Falo da marca sobre a pele, onde se inspira, nessa fantasia, o que nada mais é que um sujeito que se identifica como sendo objeto de gozo. (p.47)

Palavras-chave: fantasia; marca; gozo

Na prática erótica que estou evocando, a flagelação [...] o gozar assume a própria ambiguidade pela qual é no seu plano, e em nenhum outro, que se percebe a equivalência entre o gesto que marca e o corpo, objeto de gozo. Gozo de quem? Será aquele que porta o que chamei de glória da marca? É seguro que isto queira dizer gozo do Outro? Claro, é uma das vias de entrada do Outro em seu mundo, e ela, certamente, não é refutável. Mas a afinidade da marca com o próprio gozo do corpo, eis precisamente onde se indica que é apenas pelo gozo, e de modo algum por outras vias, que se estabelece a divisão em que se distingue o narcisismo da relação com o objeto. (p.47)

Palavras-chave: gozo do Outro; Gozo do corpo; narcisismo; relação com o objeto

De fato, se o gozo é proibido, claro que é apenas por um primeiro acaso, uma eventualidade, um acidente, que ele entra em ação. O ser vivo que funciona normalmente ronrona no prazer. Se o gozo é marcante, e se ele se homologa por ter a sanção do traço unário e da repetição - que desde então o institui como marca -, se isso se produz, só pode originar-se de um pequeníssimo desvio no sentido do gozo. (p.47)

Palavras-chave: gozo; marca; traço unário

As mulheres, não é por acaso que elas estão menos fechadas que seus parceiros nesse ciclo de discursos. O homem, o macho, o viril, tal como o conhecemos, é uma criação de discurso - nada, pelo menos, do que dele se analisa pode ser definido de outra maneira. Não se pode dizer o mesmo da mulher. Contudo, nenhum diálogo é possível se não se situar no nível do discurso. (p.52)

Palavras-chave: homem; mulher; discurso

Já disse sobre ele o suficiente para que saibam que o gozo é o tonel das Danaides, e que uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar. Começa com as cócegas e termina com a labareda de gasolina. Tudo isso é, sempre, o gozo. (p.68)

Palavras-chave: gozo

Tratemos aqui de dar corpo a essa noção mediante um outro enunciado abrupto, que é central para a teoria freudiana - não há felicidade a não ser do falo. Freud o escreveu de todas as formas, e mesmo da maneira ingênua que consiste em dizer que nada pode ser comparado ao gozo mais perfeito, que é o do orgasmo masculino. (p.69)

Palavras-chave: falo; gozo perfeito; orgasmo masculino

No entanto, o que a teoria freudiana mais acentua é que só o falo pode ser feliz - não o portador do dito cujo. Mesmo quando, não por oblatividade, mas em desespero de causa, ele o porta ao interior de uma parceira supostamente desolada por não ser ela própria a portadora. (p.69)

Palavras-chave: falo

E é por isso mesmo que na investigação analítica o que interessa é saber como aparece, em suplência à interdição do gozo fálico, algo cuja origem definimos a partir de uma coisa totalmente diversa do gozo fálico, que é situada e, por assim dizer, mapeada, pela função do mais-de-gozar. (p.70)

Palavras-chave: Gozo fálico; mais-de-gozar

É por isso que os recordo, e quero dar a eles uma nova ênfase, destinada a modificar o que, para vocês, pode carregar como uma aura a idéia de que o discurso freudiano se centra no dado biológico da sexualidade. (p.70)

Palavras-chave: discurso freudiano; sexualidade

É isso justamente o que mostra que temos que ser muito, mas muito prudentes antes de pensarmos que é um chamado não apenas de um organicismo qualquer, mas inclusive de uma referência à biologia, o que põe em primeiro plano a função do sexo no discurso freudiano. (p.71)

Palavras-chave: discurso freudiano; função do sexo

No *sexus* latino está implicado aquilo que salientei primeiro, ou seja, que é em tomo do falo que gira todo o jogo. (p.71)

Palavras-chave: *sexus*; falo

Naturalmente, não há nas relações sexuais apenas o falo. Porém o que esse órgão tem de privilegiado é que se pode, de algum modo, isolar bem o seu gozo. Ele é pensável como excluído. Para usar palavras violentas [...] ele tem justamente uma propriedade que podemos considerar [...] como extremamente local e excepcional. (p.71)

Palavras-chave: relações sexuais; falo; gozo; excluído

A questão é articular o que há dessa exclusão fática no grande jogo humano de nossa tradição, que é o do desejo. O desejo não tem relação imediatamente próxima com esse campo. Nossa tradição o apresenta como o que ele é, Eros, a presentificação da falta. (p.72)

Palavras-chave: exclusão; desejo; falta

A repetição é uma denotação precisa de um traço que eu extraí para vocês do texto de Freud como idêntico ao traço unário, ao pequeno bastão, ao elemento da escrita, um traço na medida em que comemora uma irrupção do gozo. (p.73)

Palavras-chave: repetição; traço unário; irrupção de gozo

Eis porque podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer -não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo. (p.73)

Palavras-chave: prazer; desprazer; gozo

Falar de sexualização prematura tem certamente seu interesse. É claro que o assim chamado primeiro impulso sexual no homem é, evidentemente, aquilo que dele se diz, a saber, prematuro. Mas ao lado do fato de que possa implicar, com efeito, jogo de gozo, não é menos verdade que o que vai introduzir a secção entre libido e natureza não é apenas o auto-erotismo orgânico. Há outros animais além dos homens que são capazes de se coçar, e isto não os levou, os macacos, a uma grande elaboração do desejo. Em compensação, aqui há uma vantagem em função do discurso. (p.73)

Palavras-chave: prematuridade; gozo; homem

A mulher permite ao gozo ousar a máscara da repetição. Ela aqui se apresenta como o que é, como instituição da mascarada. Ela ensina seu pequeno a se exhibir. Ela conduz ao mais-de-gozar porque mergulha suas raízes, ela, a mulher, como a flor, no gozo mesmo. Os meios do gozo são abertos pelo seguinte princípio - que ele tenha renunciado ao gozo · fechado e alheio, à mãe. (p.74)

Palavras-chave: mulher; mascarada; gozo, mãe

É aí que vem se inserir a vasta convivência social que converte o que podemos chamar de diferença dos sexos ao natural em sexualização da diferença orgânica. Tal inversão implica, como denominador comum, a exclusão do órgão especificamente masculino. Desde então, o macho é e não é o que ele é em relação ao gozo. E aí também a mulher se produz como objeto, justamente por não ser o que ele é, por um lado diferença sexual, e, por outro lado, por ser aquilo ao que ele renuncia como gozo. É essencial fazer estes lembretes no momento em que, falando do avesso da psicanálise, coloca-se a questão do lugar da psicanálise na política. (p.74)

Palavras-chave: diferença dos sexos x sexualização da diferença orgânica; gozo

A intrusão na política só pode ser feita reconhecendo-se que não há discurso- e não apenas o analítico- que não seja do gozo, pelo menos quando dele se espera o trabalho da verdade. (p.74)

Palavras-chave: discurso; gozo

É aí que o discurso da histérica adquire seu valor. Ele tem o mérito de manter na instituição discursiva a pergunta sobre o que vem a ser a relação sexual, ou seja, de como um sujeito pode sustentá-la ou, melhor dizendo, não pode sustentá-la. (p.87)

Palavras-chave: discurso histórico; relação sexual

O interessante é esta verdade - o que está em jogo no saber sexual se apresenta como inteiramente estranho ao sujeito. Eis o que originalmente se chama, no discurso freudiano, o recalado. (p.87)

Palavras-chave: saber sexual; recalque

Fala-se, a propósito da histérica, de complacência somática. Embora o termo seja freudiano, não podemos perceber que ele é bem estranho, e que trata-se antes de recusa do corpo? (p.88)

Palavras-chave: complacência somática; recusa do corpo

Em seu ponto de partida fundamental, o discurso do mestre exclui a fantasia. E é isto exatamente o que faz dele, em seu fundamento, totalmente cego. O fato de que em outro lugar a fantasia possa surgir- especialmente no discurso analítico [...] diz-nos um pouco mais sobre o que vem a ser o fundamento do discurso do mestre. (p.101)

Palavras-chave: fantasia; discurso do mestre; discurso analítico

Que o pai morto seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível. E é nisso mesmo que reencontramos aqui os termos que defini como aqueles que fixam a categoria do real, na medida em que ela se distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário -o real é o impossível. Não na qualidade de simples escolha contra o qual quebramos a cara, mas de escolha lógico daquilo que, do simbólico, se enuncia como impossível. É daí que surge o real. (p.116)

Palavras-chave: pai morto, gozo, impossível; real

A castração é a operação real introduzida pela incidência do significante, seja ele qual for, na relação do sexo. (p.121)

Palavras-chave: castração, sexo

Trata-se agora de saber o que quer dizer essa castração, que não é uma fantasia, da qual resulta não haver causa do desejo que não seja produto dessa operação, e que a fantasia domine toda a realidade do desejo, ou seja, a lei. (p.121)

Palavras-chave: castração, causa de desejo

Se a psicanálise nos presentifica o sexo, e a morte como sua dependência - embora ali não estejamos seguros de nada, a não ser de uma apreensão maciça do lugar da diferença sexual na morte-, isto é por demonstrar de maneira [...] articulada, que, da tomada pelo discurso deste ser [...] em parte alguma aparece qualquer articulação em que se exprima a relação sexual, a não ser de um modo complexo, do qual nem sequer se pode dizer que seja mediado, se bem que haja *medii* - *media*, como queiram - sendo um deles esse efeito real que chamo de mais-de-gozar, que é o *a* minúsculo. (p.145-146)

Palavras-chave: relação sexual; mais-de-gozar; morte

O que é que a experiência nos indica, com efeito? Que é só porque esse a substitui a mulher que o homem a deseja. Que, inversamente, aquilo com que a mulher lida, se é que podemos falar disso, é com esse gozo, que é o dela, e que de algum modo se representa por uma onipotência do homem, que é precisamente aquilo pelo que o homem, ao se articular, ao se articular como mestre, se acha em carência. (p.146)

Palavras-chave: homem/mulher, gozo

É daí que se deve partir na experiência analítica - o que poderia ser chamado de homem, quer dizer, o macho como ser falante, desaparece, se desvanece, pelo próprio efeito do discurso, do discurso do mestre escrevam-no como queiram -, por não se inscrever senão em castração, que de fato deve ser propriamente definida como privação da mulher da mulher, na medida em que ela se realizaria em um significante congruente. (p.146)

Palavras-chave: homem/mulher; castração

É a roupagem bem-arrumada do fato fundamental de não haver lugar possível em uma união mítica, que seria definida como sexual, entre o homem e a mulher. É justamente o que apreendemos no discurso psicanalítico - o Um unificante, o Um-tudo - não é disso que se trata na identificação. A identificação-pivô, a identificação-mor, é o traço unário, é o ser marcado como um. (p.146)

Palavras-chave: homem/mulher; traço unário

Se o homem tivesse usado menos a mediação de Deus para acreditar que se une com a mulher, há muito tempo, quem sabe, já teríamos essa palavra latusa. Seja como for, esta pequena intervenção é para que não fiquem tranquilos quanto às suas relações com a latusa. Com absoluta certeza, todos têm que lidar com duas ou três dessa espécie. A latusa não tem razão alguma para se limitar em sua multiplicação. O importante é saber o que acontece quando a gente entra verdadeiramente em relação com a latusa como tal. (p.154)

Palavras-chave: homem/mulher; latusa

O importante é que, natural ou não, é efetivamente como ligado à própria origem da entrada em ação do significante que se pode falar de gozo. Com que goza a ostra ou o castor, ninguém jamais saberá nada disso porque, faltando significante, não há distância entre o gozo e o corpo. A ostra e o castor estão no mesmo nível da planta que, afinal, talvez tenha também um gozo, nesse plano. (p.168)

Palavras-chave: gozo; significante

O gozo é exatamente correlativo à forma primeira da entrada em ação do que chamo a marca, o traço unário, que é marca para a morte, se quiserem dar-lhe seu sentido. Observem bem que nada toma sentido até que a morte entre na jogada. (p.169)

Palavras-chave: gozo; traço unário; morte

É a partir da clivagem, da separação entre o gozo e o corpo doravante mortificado, a partir do momento em que há jogo de inscrições, marca do traço unário, que a questão se coloca. (p.169)

Palavras-chave: gozo; corpo mortificado; traço unário

O objeto a é o que permite arejar um pouquinho a função do mais-de-gozar. O objeto a é o que são todos vocês, na medida em que estão aqui enfileirados - todos abortos do que foi, para aqueles que os engendraram, causa do desejo. E é aí que vocês têm que se orientar, a psicanálise lhes ensina isto. (p.170)

Palavras-chave: objeto a; mais-de-gozar; aborto

O Seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Quaisquer que possam ter sido os tropeços a que ele mesmo sucumbiu nesse campo, o que Freud revelou do funcionamento do inconsciente nada tem de biológico. Não tem o direito de ser chamado de sexualidade senão pelo que chamamos de relação sexual. E isso é completamente legítimo, aliás, até o momento em que nos servimos do termo "sexualidade" para designar uma outra coisa, a saber, aquilo que se estuda em biologia: o cromossomo e sua combinação XY ou XX, ou XX, XY. Isso não tem absolutamente nada a ver com aquilo de que se trata, e que tem um nome perfeitamente enunciável: as relações entre o homem e a mulher. Convém partir desses dois termos, com seu sentido pleno, com o que isso comporta de relação. (p. 30)

Palavras-chave: homem/mulher

É que, para os homens, a menina é o falo, e é isso que os castra, para as mulheres, o menino é a mesma coisa, o falo, e ele é também o que as castra, porque elas só adquirem um pênis, e isso é falho. No começo, nem o menino nem a menina correm riscos, a não ser pelos dramas que desencadeiam; por um momento, eles são o falo. É esse o real, o real do gozo sexual enquanto destacado como tal: é o falo. Em outras palavras, o Nome-do-Pai. A identificação desses dois lermos, em sua época, scandalizou certas pessoas beatas. (p.33)

Palavras-chave: falo

(...) essa função do falo torna insustentável, doravante, a bipolaridade sexual, e insustentável de uma forma que. literalmente volatiliza o que acontece com o que se pode escrever dessa relação. É preciso distinguir o que sucede com essa intromissão do falo do que alguns acreditaram poder traduzir pela expressão falta de significante. Não é de falta de significante que se trata, mas do obstáculo feito a uma relação. (p.62)

Palavras-chave: falo

O Seminário, livro 19: ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

Já no ano passado, e por razões que são de tentativa, julguei poder enunciar e escrever, como na matemática, a função que se constitui por existir o gozo chamado gozo sexual, que é propriamente o que constitui um obstáculo à relação sexual. É a função (Φx). (p. 31)

Palavras-chave: matemática, gozo sexual, obstáculo

Quando vocês tratam dos significantes matemáticos, que têm um estatuto diferente do de nossos pequenos significantes sexuais e invadem de outra maneira o real, talvez convenha, enfim, tentar ressaltar no espírito de vocês que existe ao menos uma coisa real, a única de que temos certeza — é o número. Quanta coisa se faz com ele! (p. 34)

Palavras-chave: número, real, existência

Voltemos ao que temos a dizer. Existe. Esta referência que acabo de fazer não é uma simples digressão: é para lhes dizer que é aí que existe um sentido. É um sentido precário. É como significantes que todos vocês existem. Vocês existem, com certeza, mas isso não vai longe. Vocês existem como significantes. Tentem imaginar-se, digamos, esvaziados dessa história toda, e depois me contem o que acharam. Após a guerra, incitaram-nos a existir de maneira fortemente contemporânea. Pois bem, vejam o que restou disso e vocês entenderão. Eu ousaria dizer que, apesar dos pesares, as pessoas tinham um pouquinho

mais de ideias na cabeça quando demonstravam a existência de Deus. E evidente que Deus existe, porém não mais que vocês. Isso não vai muito longe. Enfim, isto é para destacar o que vem a ser a existência. (p. 35)

Palavras-chave: existência, Deus, significantes

E o que pode nos interessar com respeito a esse existe, em matéria de significante? Seria que existe pelo menos um para quem isso não funciona, essa história de castração. Foi justamente por isso que ela foi inventada. E o chamado Pai, e é por isso que o Pai existe pelo menos tanto quanto Deus, ou seja, não muito. (p.35)

Palavras-chave: castração, existência, Pai

(...) há uns espertinhos que descobriram que eu dizia que o Pai é um mito, porque salta aos olhos, com efeito, que o Φx não funciona no nível de Totem e tabu. O Pai não é castrado, caso contrário, como poderia possuí-las todas, vocês se dão conta? Aliás, é só ali que elas existem como todas, porque é às mulheres que isso convém, o não-todo, o que comentarei proximamente. Portanto, é a partir desse existe um, é com referência a essa exceção, que todos os outros podem funcionar. Só que, vejam, compreendendo muito bem que podemos escrever a rejeição da função, Φx negada, ou seja, não é verdade que isso se castre. E esse o mito. Mas o que os espertinhos não perceberam foi que isso é correlato à existência, e que formula o existe desse não é verdade da castração. (p.35)

Palavras-chave: castração, não-todo, mito

O que é a necessidade, disse eu, que se instaura a partir de uma suposição de inexistência? Nesta pergunta, não é o que inexistente que importa, mas justamente a suposição da inexistência, a qual é apenas consequência da produção da necessidade. A inexistência só constitui problema por já ter, certamente, uma resposta dupla, do gozo e da verdade, porém ela já inexistente. Não é através do gozo nem da verdade que a inexistência adquire um estatuto, que ela pode inexistir, isto é, chegar ao símbolo que a designa como inexistência, não no sentido de não ter existência, mas de só ser existência a partir do símbolo que a faz inexistente, e que, ele sim, existe. Como vocês sabem, ele é um número, geralmente designado por zero. O que bem mostra que a inexistência não é o que se poderia crer, o nada [néant], pois o que poderia sair dele? (p. 50)

Palavras-chave: nada, zero, inexistência

A inexistência não é o nada. E, como acabo de lhes dizer, um número que faz parte da série dos números inteiros. Não há teoria dos números inteiros, se vocês não se derem conta do que vem a ser o zero. (p. 50)

Palavras-chave: zero, inexistência, nada

Quando digo que só gozamos com o Outro, o importante não é a relação daquilo que poderíamos acreditar que é nosso ser com aquilo que goza, mas sim que não usufruímos dele sexualmente - não existe relação sexual - nem somos usufruídos por ele. (p. 109)

Palavras-chave: Outro, relação sexual, gozo

A pretexto de o corpo, evidentemente, ser uma das formas do Um, de se manter unido e ser, salvo acidente, um indivíduo, o Um, é promovido por Freud. Isso põe em questão a díade de Eros e Tânatos formulada por ele. Se essa díade não fosse sustentada por outra figura, que é precisamente aquela em que fracassa a relação sexual, isto é, do Um e do *Não Um*, ou seja, zero, é difícil dizer que função poderia ter esse par espantoso. É fato que ele serve, em benefício de um certo número de mal-entendidos, para destacar a pulsão de morte, assim descrita a torto e a direito. Apesar desse discurso selvagem, que se institui a partir da tentativa de enunciar a relação sexual, é rigorosamente impossível considerar a cópula de dois corpos como formando um só. (p. 109)

Palavras-chave: Um, Não Um, relação sexual

O primeiro passo da experiência analítica é introduzir nela o Um, como o analista que se é. Nós o fazemos dar o passo de entrada, e com isso a primeira forma de manifestação do analisando é censurar o analista por ser apenas um entre muitos. E, desse modo, o que ele manifesta, mas sem se aperceber disso, é claro, é que ele não tem nada a ver com esses outros, e é por isso que gostaria de ficar sozinho com o analista, para que isso faça dois. Ele não sabe que a questão seria dele perceber que dois é esse Um que ele acredita ser, e no qual se trata de ele dividir. (p.123)

Palavras-chave: experiência analítica, Um, divisão

Isso não é evidente, haver *um*. Tem jeito de ser evidente porque, por exemplo, existem seres vivos, e porque vocês têm toda a aparência, cada um de vocês, tão bem arrumados aí, de serem totalmente independentes uns dos outros e de constituírem, cada um, o que hoje em dia chamamos de uma realidade orgânica, sustentada como indivíduo. (p.134)

Palavras-chave: Um, indivíduo, aparência

Se não há relação a dois, cada qual continua a ser um (...). Quando os gametas se juntam, o que resulta não é a fusão dos dois. Antes que isso se realize, é preciso uma tremenda evacuação - a meios e, como é chamada. E aquilo que é um, novo, para que isso se faça, é preciso que cada um dos dois tenha largado um certo número de destroços. (p. 151)

Palavras-chave: relação sexual, resto, fusão

A tal da teoria dos conjuntos não tem outro objeto direto senão evidenciar como pode ser gerada a noção própria de número cardinal. Ilustrei-o grosseiramente, da última vez, como o uso pedagógico da correspondência biunívoca - é no momento em que falta um parceiro nas duas séries comparadas que surge a ideia do Um. Há um que falta. O Um surge como que do efeito da falta. (p. 152)

Palavras-chave: teoria dos conjuntos, falta, Um

Quando o Um se articula, destaca-se exatamente isto: não há dois. Eu lhes disse, isto é um dizer. Vocês podem até encontrar aí, ao alcance da mão, a confirmação do que digo que a verdade só pode meio-dizer. Basta vocês decomporem a formulação. Para dizer isso, ele só pode dizer, ou bem há - e, como digo eu, *Há-um* -, ou bem, *não dois*, o que se interpreta imediatamente por nós: não existe relação sexual. Já está, portanto, como vocês podem ver, ao alcance da nossa mão. (p. 177)

Palavras-chave: Um, Há, relação sexual

“A classe, como tudo que é rotulado por um atributo, tem a ver com a relação sexual. Ora, o que lhes peço para apreenderem, justamente, graças à função do conjunto, é que há Um distinto daquilo que, como atributo, unifica uma classe. (p. 181)

Palavras-chave: atributo, classe, Um.

Dessa distinção do atributo, naturalmente, resulta que não se coloquem num mesmo conjunto esfregões e guardanapos, por exemplo. Em oposição a essa categoria, chamada classe, existe a do conjunto, na qual não só os esfregões e os guardanapos são compatíveis, como também, num conjunto como tal de cada uma dessas duas espécies, só pode haver um. Num conjunto, se nada distingue um esfregão de outro, só pode haver um esfregão, assim como só pode haver um guardanapo. O Um, como diferença pura, é aquilo que distingue a ideia do elemento. (p. 182)

Palavras-chave: conjunto, elemento, diferença pura.

$3x.<\mathcal{E}>x$, existe um x tal que o que há de sujeito determinável pela função que domina a relação sexual, ou seja, a função fálica, diz não a essa função. Vocês já podem ver que a questão da existência está ligada a um dizer, um dizer não. Eu até diria mais, um dizer que não. Isto é capital, e nos indica a que ponto se deve tomar, na nossa formação de analistas, o que é enunciado pela teoria dos conjuntos — há pelo menos um que diz que não. (p. 194)

Palavras-chave: função fálica, relação sexual, dizer não

“O $\exists x \overline{\Phi x}$, isto é, negação de Φx , designa há muito tempo – desde uma origem tão remota que chega a ser confuso que Freud o tenha ignorado — o ao menos um. É o Um sozinho, que se determina por ser efeito do dizer que não à função fálica. Para que a história de Totem e tabu seja outra coisa que não um mito, é preciso pormos aí tudo o que se disse dela até hoje. (p.195)

Palavras-chave: função fálica, Um sozinho, mito

Do ponto de onde falamos, essa exceção, não a chamaremos de mítica. Essa exceção é a função inclusiva. Que enunciar do universal, senão que ele é circunscrito pela possibilidade negativa? A existência desempenha aqui o papel do complemento, ou, para falar mais matematicamente, do limite. Em algum lugar, portanto, há um todo x que se torna o A invertido de $\forall$, toda vez que se encarna no que podemos chamar de um ser, que só se coloca como ser e, nominalmente, como homem. p. 196

Palavras-chave: exceção, limite, existência

Na medida em que o modo do pensamento é, digamos, subvertido pela falta de relação sexual, só se pensa por meio do Um. O universal é aquilo que resulta do envolvimento de certo campo por alguma coisa que é da ordem do Um, exceto que se trata do sujeito, grafado como S barrado e definido como efeito de significante, ou, dito de outra maneira, aquilo que um significante representa para outro significante. (p. 197)

Palavras-chave: Um, universal, sujeito barrado

Durante séculos, porém, há que acreditar que a matemática prescindiu de qualquer indagação sobre o Um, já que foi tardiamente, e por intermédio de uma interrogação lógica, que ela fez com que se desse um passo nessa questão central concernente à verdade, ou seja, a como e por que Há-um. Em torno desse Um gira a questão da existência. Já fiz algumas observações a esse respeito, quais sejam, que a existência nunca foi abordada como tal, antes de uma certa era, e que se investiu muito tempo na extração da essência. Falei do fato de não haver em grego nada corrente que queira dizer existir, não que eu ignorasse o *ex-istemi*, *ex-istano*, mas por constatar que nenhum filósofo jamais se servira dele. No entanto, é aí que começa algo que pode nos interessar — trata-se de saber o que existe. Existe apenas o Um. (p. 192)

Palavras-chave: Um, existência, lógica

A teoria dos conjuntos é a interrogação: por que Há-um?. O Um não circula pelas ruas, pensem vocês o que pensarem, inclusive com essa certeza totalmente ilusória, e ilusória há muito tempo — o que não impede que as pessoas se prendam a ela —, de que vocês são Um, vocês também. No entanto, bastaria tentarem sequer levantar o dedo mindinho para perceberem que não apenas vocês não são Um, como são, ah, são inumeráveis,

inumeráveis cada um por si, inumeráveis a ponto de lhes haverem ensinado, o que talvez seja um dos bons resultados do afluente psicanalítico, que vocês são, no que concerne aos homens, inteiramente finitos. (p. 192)

Palavras-chave: Há-um, indivíduo, teoria dos conjuntos

“O não-todo não resulta de que nada o limite, porque nele o limite é situado de outra maneira. Ao contrário da inclusão no $\exists x. \Phi x$ da existência do Pai, cujo dizer que não o situa em relação à função fálica, é na medida em que há no $\overline{\exists x} \overline{\Phi x}$ o vazio, a falta, a ausência de seja o que for que negue a função fálica, que, inversamente, não há nada a não ser o não-todo na posição da mulher em relação à função fálica. Ela, com efeito, é não toda. O que não quer dizer que negue essa função, seja sob que incidência for.” (p.198)

Palavras-chave: não-todo, limite, Pai

E isso que Freud nos dá com sua história para boi dormir de Totem e tabu. Se quisermos pensar seja o que for das relações que chamamos de humanas, não se sabe por quê, na experiência que se instaura a partir do discurso analítico, é absolutamente necessário afirmar que existe um para quem a castração não se sustenta. Castração quer dizer o quê? Quer dizer que tudo deixa a desejar, não quer dizer outra coisa. Para pensar isso, ou seja, pensá-lo a partir da mulher, é absolutamente necessário que haja um para quem nada deixe a desejar. Essa é a história do mito de Totem e tabu. Se vocês perderem isso, não vejo absolutamente o que lhes permita se situarem de alguma forma. Ora, é importante nos situarmos. (p. 200)

Palavras-chave: existência, Totem e Tabu, desejo

O Seminário, livro 20: *mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

O que faz aguentar-se a imagem é um resto. A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretense objetual – papo furado – é de fato o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade. O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que no conduz ao impossível de estabelecer a relação [...] A relação dos quem? – dois sexos. (p. 14)

Palavras-chave: Amor, Um, impossível

[...]O que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, como tal, em parte alguma do enunciável, esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual. (p. 14)

Palavras-chave: gozo sexual, Um, impossibilidade

[...]eu enuncio que o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual. É nisto que se escoram os avanços do discurso analítico, e é por isso aí que ele determina o que é realmente do estatuto de todos os outros discursos. (p. 17)

Palavras-chave: discurso analítico, impossível, relação sexual

Direi que o significante se situa no nível da substância gozante. (...) O significante é causa de gozo. (p. 36)

Palavras-chave: gozo, substância, significante

O que, com efeito, constitui o fundo da vida, é que, para tudo que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres, o que chamamos de coletividade, a coisa não vai. A coisa não vai e todo mundo fala disto, e uma grande parte de nossa atividade se passa a dizer isto. (p. 46)

Palavras-chave: relação, coletividade, impossível

Tudo o que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito do discurso que se chama escrita. (p. 49)

Palavras-chave: escrita, relação sexual, suplência

A mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe. (...) Para esse gozo que ela é não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse a que será seu filho. (p. 49)

Palavras-chave: mulher, mãe, objeto a

Nosso recurso é, na alingua, o que a fratura. (p. 61)

Palavras-chave: lalingua, recurso, fratura

É mesmo em relação ao para-esser que devemos articular o que vem em suplência à relação sexual enquanto inexistente. É claro que, em tudo que disto se aproxima, a linguagem só faz manifestar sua insuficiência. O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor. (p. 62)

Palavras-chave: parecer, suplência, amor

[...]nós dois somos um só[...]É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse que manifestamente escapa, o seu significado. (p. 64)

Palavras-chave: amor, relação sexual, significado.

A realidade é abordada com os aparelhos do gozo. Aí está mais uma fórmula que lhes proponho, se é que podemos convir que, aparelho não há outro senão a linguagem. É assim que, no ser falante, o gozo é aparelhado. (p. 75)

Palavras-chave: gozo, realidade, linguagem.

Esse negócio da relação sexual, se há um ponto desde onde isto se poderia esclarecer, é justamente do lado das damas, na medida em que é da elaboração do não-todo que se trata de romper o caminho. (p. 78)

Palavras-chave: feminino, relação sexual, não-todo

Essa rata é a única forma de realização dessa relação se, como coloco, não há relação sexual. (p. 79)

Palavras-chave: falha (rata), relação sexual, realização

Na medida em que o objeto *a* faz em alguma parte – e com um ponto de partida, um só, o do macho – o papel do que vem em lugar do parceiro que falta, é que se constitui o que costumamos ver surgir também no lugar do real, isto é, a fantasia. (p. 85-86)

Palavras-chave: objeto *a*, real, fantasia

[...] entre os sexos, no ser falante, a relação não se dá, [...] é somente a partir daí que se pode enunciar o que vem, a essa relação, em suplência. Há muito tempo que escandi com um certo *Há um* o que constitui o primeiro passo neste encaminhamento. (p. 90)

Palavras-chave: há-um, relação sexual, suplência

É mesmo preciso partir disto, que esse Há um é para ser tomado com o sotaque de que há Um sozinho. É daí que se apreende o nervo do que temos mesmo que chamar pelo nome com que a coisa retine por todo o curso dos séculos, isto é, o amor. (p. 91)

Palavras-chave: Há um, Um sozinho, amor.

O que nos é oferecido a ler pelo que, da linguagem, existe, isto é, o que vem a se tramar como efeito de sua erosão – foi assim que defini a escrita – não pode ser ignorado. (p. 92)

Palavras-chave: escrita, linguagem, leitura.

A mim me parece sensível que o Outro, adiantado no tempo de *A instância da Letra* como lugar da fala, era uma maneira, não posso dizer de laicizar, mas de exorcizar o velho bom Deus. (p. 93)

Palavras-chave: Outro, Deus, letra.

É uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo. (p. 94)

Palavras-chave: relação sexual, obstáculo, amor cortês.

O amor cortês é, para o homem, cuja dama era inteiramente, no sentido mais servil, a sujeita, a única maneira de se sair com elegância da ausência da relação sexual. (p. 94)

Palavras-chave: amor cortês, relação sexual, suplência.

O pensamento é gozo. O que traz o discurso analítico é isto, que já estava começado na filosofia do ser – há gozo do ser. (p. 96)

Palavras-chave: gozo, discurso analítico, ser.

Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. (p. 99)

Palavras-chave: não todo, gozo suplementar, função fálica.

Há um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo, que é, se posso me exprimir assim *para além do Falo*. (p. 100)

Palavras-chave: gozo do corpo, falo, além.

Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. (p. 100)

Palavras-chave: gozo feminino, não saber experimentar.

Esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada, não é ele o que nos coloca na via da *ex-sistência*? E por que não interpretar uma face do Outro, a face Deus, como suportada pelo gozo feminino? (p. 103)

Palavras-chave: gozo feminino, *ex-sistência*, Deus.

É aí que alíngua, alíngua em francês, deve me dar uma ajuda [...] simplesmente me permitindo dizer que a gente âme (que a gente *alma*). Eu *almo*, tu *almas*, ele *alma*. Aí vocês vêem que só nos podemos servir da escrita, mesmo para incluir o *jamais j'âmais* (o *jamais já almais*). (p. 113)

Palavras-chave: lalingua, alma, amor.

Dito de outro modo, o de que se trata é de o amor ser impossível, e a relação sexual se abismar no não-senso, o que não diminui em nada o interesse que devemos ter pelo Outro. (p. 117-118)

Palavras-chave: amor, relação sexual, não-senso.

Outra coisa ainda nos ata quanto ao que é da verdade: é que o gozo é um limite. [...] o gozo só se interpela, só se evoca, só se suprema, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência. Mesmo o amor, como sublinhei da última vez, se dirige ao semblante. E, se é verdadeiro que o Outro só se atinge agarrando-se, como disse da última vez, ao *a*, causa do desejo, é também do mesmo modo a aparência de ser que ele se dirige. Esse ser-aí não é um nada. Ele é suposto a esse objeto que é o *a*. (p. 124)

Palavras-chave: amor, limite, semblante.

O necessário, ele nos é introduzido pelo *não pára*. O *não pára* do necessário é o *não pára de se escrever*. É mesmo a essa necessidade que nos leva aparentemente a análise da referência do Falo. O *não pára de não se escrever*, em contraposição, é o impossível,

tal como o defino pelo que ele não pode, em nenhum caso, escrever-se, e é por aí que designo o que é da relação sexual - a relação sexual *não pára de não se escrever*. (p. 127)

Palavras-chave: Falo, necessário, impossível.

Aí há um furo, e esse furo se chama o Outro. Pelo menos foi assim que acreditei poder denominá-lo, o Outro enquanto lugar onde a fala, por ser deposta - vocês prestarão atenção nas ressonâncias - funda a verdade e, com ela, o pacto que supre a inexistência da relação sexual, enquanto ela seria pensada, pensada pensável, dito de outro modo, e que o discurso não seria reduzido a só poder - se vocês se lembram do título de um dos meus seminários - partir da aparência. (p. 155)

Palavras-chave: verdade, suplência, semblante.

Parece que o sujeito representa para si os objetos inanimados em função de não haver relação sexual. Há apenas corpos falantes, eu disse, que fazem para si uma ideia do mundo como tal. O mundo, o mundo do ser cheio de saber, é apenas um sonho, um sonho do corpo enquanto falante, pois não existe sujeito conhecedor. Há sujeitos que se dão correlatos no objeto a, correlatos de fala que goza enquanto gozo de fala. Que outra coisa ela amarra senão outros Uns? (p. 155)

Palavras-chave: corpo falante, sonho, Uns.

Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado - perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto a - e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é do defrontamento com este impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real, que é posto à prova o amor? Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal. Mas é mesmo de coragem que se trata, ou dos caminhos de um reconhecimento? Esse reconhecimento não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual - tornada aí relação de sujeito a sujeito, sujeito no que ele é apenas efeito do saber inconsciente - *pára de não se escrever*. (p. 197-198)

Palavras-chave: impasse, amor, poesia.

A contingência, eu a encarnei no *pára de não se escrever*. Pois aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual. (p. 198)

Palavras-chave: contingência, exílio, encontro.

Ilusão de que algo não somente se articula mas se inscreve, se inscreve no destino de cada um, pelo quê, durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem. O deslocamento da negação, do *pára de não se escrever ao não pára de se escrever*, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor. (p.198, 199)

Palavras-chave: ilusão, inscrição, amor

O Seminário, livro 23, o sinthoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Esse enunciado tem a seguinte vantagem: se vocês acham, e mesmo esperam, que o chamado homem se coloque acima do que parece ser a lei da natureza na medida em que não há para ele relação naturalmente sexual - esse naturalmente, portanto, com restrições -, é porque tal enunciado lhes permite afirmar logicamente que este não é um privilégio do homem, o que acaba por se verificar. Entretanto, cuidado para não dizer em que o sexo não tem nada de natural. Tentem antes saber o que se passa em cada caso, da bactéria ao pássaro, uma vez que eles têm nomes. (p. 13)

Palavras-chave: natureza, nome, sexual

Trata-se da falta, o *sin*, e é uma vantagem que meu *sinthome* comece com ele. Em inglês, quer dizer pecado, a falta primordial. Daí a necessidade de que não cesse a falha que sempre aumenta, exceto ao sofrer o cessa da castração como possível. Esse possível, eu disse tempos atrás que é o que cessa de se escrever. [...]. Mas de modo algum notaram, e sequer eu mesmo o fiz, que é preciso colocar uma vírgula. O possível é o que cessa, vírgula, de se escrever. Ou, melhor, que cessaria, de tomar o caminho de se escrever, no caso em que adviria, enfim, o discurso que evoquei, o tal discurso que não seria da ordem do semblante. (p. 14)

Palavras-chave: falta, cessa de se escrever, discurso

A mulher só é toda sob a forma pela qual o equívoco toma de nossa *lalíngua* o que ela tem de picante, sob a forma do *mas isso não*, tal como se diz *tudo, mas isso não*. Essa era efetivamente a posição de Sócrates. O *mas isso não* é o que introduz sob meu título desse ano como *sinthoma*. (p.15)

Palavras-chave: mulher, *lalíngua*, *sinthoma*

Digo que é preciso supor tetrádico o que faz o laço borromeano perversão quer dizer apenas *versão em direção ao pai* -, em suma, o pai é um sintoma, ou um *sinthoma*, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real implica ou supõe a *ex-sistência* do sintoma. A configuração seguinte, à esquerda, esquematiza o imaginário, o simbólico e o real como separados uns dos outros. Vocês têm a possibilidade de ligá-los. Com o quê? Com o *sinthoma*, o quarto. (p.21)

Palavras-chave: pai, *ex-sistência*, *sinthoma*

“(...) a linguagem não é, ela mesma, uma mensagem, mas que se sustenta apenas pela função do que chamei de furo no real. Por isso, há a via de nosso novo *mos geometricus*, isto é, da substância que resulta da eficácia própria da linguagem, e que é suportada pela função do furo. Para exprimi-lo nos termos desse famoso nó borromeano em que me fio, digamos que ele repousa inteiramente sobre a equivalência de uma reta infinita com um círculo. (p. 32)

Palavras-chave: linguagem, furo, nó

A imaginação de consistência vai diretamente ao impossível da fratura, mas é por isso que a fratura pode sempre ser o real- o real como impossível. Nem por isso ele é menos compatível com a dita imaginação, e inclusive a constitui. (p.37)

Palavras-chave: nó, real, desejo

Esse A barrado quer dizer que não há Outro do Outro, que nada se opõe ao simbólico, lugar do Outro como tal. Por conseguinte, tampouco há gozo do Outro. A-barrado, o gozo do Outro do Outro, não é possível pela simples razão de que não existe. Logo, daí resulta que restam apenas os dois outros termos. Há, por um lado, o sentido, que se produz na articulação do campo planificado do círculo do simbólico com o círculo do imaginário. Há, por outro lado, o gozo dito do falo, na medida em que ele sai da relação do simbólico com o real. (p. 54)

Palavras-chave: A barrado, gozo do Outro, gozo do falo

Que é o *savoir-faire*? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável, porque não há Outro do Outro para operar o Juízo Final. Pelo menos sou eu quem o enuncio assim. Isso quer dizer que há alguma coisa da qual não podemos gozar. Chamemos isso de o gozo de Deus, estando aí incluído o sentido de gozo sexual. A imagem que se faz de Deus - admitindo-se que ele *ex-siste* - implica ou não que ele goza do que cometeu? Responder que ele não *ex-siste* resolve a questão, devolvendo-nos o fardo de um pensamento cuja essência é inserir-se na realidade - primeira aproximação da palavra real, que tem um outro sentido em meu vocabulário -, nessa realidade limitada que se atesta pela *ex-sistência* do sexo. (p. 59)

Palavras-chave: *Savoir-faire*, Outro, *ex-sitência*.

O que é um fato? É justamente ele quem o faz. Só há fato pelo fato de o *falasser* o dizer. Não há outros fatos senão aqueles que o *falasser* reconhece como tais dizendo-os. Só há fato pelo artifício. E é um fato que ele mente, isto é, que ele instaura falsos fatos e os reconhece, porque tem mentalidade, isto é, amor-próprio. (p.63)

Palavras-chave: Fato, artifício, dizer.

O *falasser* adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante. Já é um grande milagre que ele subsista durante o tempo de sua consumação, que é de fato, pelo fato de dizê-lo, inexorável. Nada pode ser feito, ela não é reabsorvível. (p. 64)

Palavras-chave: *Falasser*, corpo, consistência.

Na medida em que há *sinthoma*, não há equivalência sexual, isto é, há relação. Com efeito, se a não-relação deriva da equivalência, a relação se estrutura na medida em que não há equivalência. Há, portanto, ao mesmo tempo, relação sexual e não há relação. Há relação na medida em que há *sinthoma*, isto é, em que o outro sexo é suportado pelo *sinthoma*. Permito-me dizer que o *sinthoma* é, muito precisamente, o sexo ao qual não pertenço, isto é, uma mulher. Se uma mulher é um *sinthoma* para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher, posto que o *sinthoma* se caracteriza justamente pela não-equivalência. (p.98)

Palavras-chave: Não há relação, mulher, *sinthoma*.

Impelir ao sim ou não é impelir ao par. Isso porque há uma relação entre linguagem e sexo. Essa relação não foi ainda esclarecida por completo, mas, se é que se pode dizer, eu a encetei. Vejam – ao empregar a palavra em *encetei*, eu me dou conta de que faço uma metáfora. E o que essa metáfora quer dizer? Posso falar da metáfora no sentido geral. Mas o que quer dizer esta, a que acabo de fazer, deixo para vocês descobrirem. A metáfora só indica o seguinte, exceto por existir, prova que a relação sexual é tomar o que reluz por ouro [*prendre une vessie pour une lanterne*], isto é, o que melhor se pode dizer para exprimir uma confusão. O que reluz pode ser ouro, mas é preciso que se tenha, por exemplo, o fogo de uma lanterna para que se possa constatá-lo, uma vez que reluzir não basta para alguma coisa ser ouro. (p. 117)

Palavras-chave: Par, linguagem, confusão.

“Disse-lhes, a esse respeito, que não há relação sexual. Mas isso é divagação, porque faz parte do *sim ou não*. A partir do momento em que digo *não há*, já é muito suspeito que não seja verdadeiramente um pedaço de real, posto que o estigma do real é de a nada se ligar, tal como disse há pouco.” p.120

Palavras-chave: Não há, pedaço de real, ligação.

É preciso fazê-lo! se reduz a escrevê-lo. O que é curioso é esse nó ser um apoio [apput] ao pensamento [pensée]. Esse nó é um apoio ao pensamento, mas, curiosamente, para tirar daí alguma coisa, é preciso escrevê-lo, ao passo que, se nos limitarmos a pensá-lo, não é fácil representá-lo, mesmo o mais simples, não é fácil vê-lo funcionar. Esse nó, esse nó bo, implica que é preciso escrevê-lo para ver como ele funciona. Chamá-lo de nó bo faz pensar em alguma coisa que é evocada em algum lugar por Joyce- onde sobre o monte Nebo a Lei nos foi dada. Uma escrita é, portanto, um fazer que dá suporte ao pensamento. Para dizer a verdade, o nó bo muda completamente o sentido da escrita. Ele dá a tal escrita uma autonomia, ainda mais notável por haver uma outra escrita, aquela que resulta do que poderia ser chamado de uma precipitação do significante. p. 140

Palavras-chave: escrita, nó, Joyce

A simples introdução dos nós bo sugere que eles sustentam um osso. Isso sugere, se posso dizer assim, suficientemente alguma coisa que chamarei, nessa ocasião, ossobjeto [osbjct]. É isso que caracteriza efetivamente a letra com que faço acompanhar esse ossobjeto, a saber, a letra pequeno a. Se reduzo esse ossobjeto a esse pequeno a, é precisamente para marcar que a letra, nesse caso, apenas testemunha a intrusão de uma escrita como outro [autre] com um pequeno a. A escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante. Não é de hoje que me interessa por essa questão da escrita, e a promovi pela primeira vez ao falar do traço unário, que, em Freud, é *einzigster Zug*. p. 141

Palavras-chave: objeto pequeno a, escrita, letra

Alguma coisa lhe aconteceu e faz com que, nele [Joyce], o que chamamos correntemente de ego tenha um papel muito diferente do simples papel que imaginamos simples - que ele tem para o mais comum dos que chamamos, de modo apropriado, mortais. O ego cumpre nele uma função da qual só posso dar conta pelo meu modo de escrita. O que me colocou nessa via vale a pena ser assinalado. É que a escrita é essencial a seu ego. Ele ilustrou isso em um encontro com não sei mais qual João-Ninguém que foi entrevistá-lo. p. 143.

Palavras-chave: psicanálise, escrita, ego

O que se passa quando alguma coisa acontece a alguém em consequência de uma falha? Essa falha não está condicionada unicamente pelo acaso. Com efeito, o que a psicanálise nos ensina é que uma falha jamais se produz por acaso. Há, por trás de todo lapso, para chamá-lo por seu nome, uma finalidade significativa. Se há um inconsciente, a falha tende a querer exprimir alguma coisa, que não é somente o que o sujeito sabe, uma vez que o sujeito reside nessa divisão mesma que representei em outros tempos pela relação de um significante com outro significante. A falha exprime a vida da linguagem (...). p. 144

Palavras-chave: lapso, falha, furos

Ter relação com o próprio corpo como estrangeiro é, certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo ter. Tem-se seu corpo, não se é ele em hipótese nenhuma. É o que faz acreditar na alma, e depois disso não há razão para se deter, e achamos também que temos uma alma, o que é o cúmulo. Mas a forma de Joyce deixar cair a relação com o corpo próprio é totalmente suspeita para um analista, pois a ideia de si como um corpo tem um peso. É precisamente o que chamamos de ego. Se o ego é dito narcísico, é porque, em certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem. No caso de Joyce, o fato de não haver interesse por essa imagem naquela ocasião não é o que assinala que o ego tem nele uma função particularíssima? (p. 145)

Palavras-chave: ego, nó, corpo

“Vocês precisam perceber que o que eu lhes disse sobre as relações do homem com o seu corpo até se inteiramente ao fato de o homem dizer que o corpo, seu corpo, ele o tem. Dizer seu já é dizer que ele o possui, como se fosse, naturalmente, um móvel. Isso nada tem a ver com qualquer coisa que permita definir estritamente o sujeito, que, por sua vez, só se define de modo correto na medida em que é representado por um significante junto a outro significante. Aqui, uma observação que poderia, talvez, deter um pouquinho o que constitui abismo quando permitimos cerrar a pai-versão com o uso do nó borromeano. Há alguma coisa que nos surpreende por tampouco servir ao corpo como tal-é a dança. Isso permitiria escrever de modo um pouco diferente o termo condanção [condensation]”. p. 150

Palavras-chave: dança, sujeito, corpo.

“O real é reto? Gostaria de observar que, na teoria de Freud, o real não tem nada a ver com o mundo. O que ele nos explica com alguma coisa concernente precisamente ao ego, a saber, o *Lust-Ich*, é que há uma etapa de narcisismo primário que se caracteriza não por não haver sujeito, mas por não haver relação do interior com o exterior.” p. 150

Palavras-chave: narcisismo, real, ego

Escritos

Para-além do "Princípio da realidade" (1936). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

De qualquer modo, no homem, a ideia de um mundo unido a ele por uma relação harmoniosa deixa adivinhar sua base no antropomorfismo do mito da *natureza*; à medida que se realiza o esforço que impulsiona a ideia, a realidade dessa base revela-se na subversão cada vez mais vasta da natureza que é a *hominização* do planeta: a "natureza" do homem é sua relação com o homem. (p. 91)

Palavras-chave: natureza, hominização

A psicologia freudiana, de fato, exacerbando sua indução com uma audácia próxima da temeridade, pretende remontar da relação inter-humana, tal como ela a isola como determinada em nossa cultura, a função biológica que seria seu substrato: e aponta essa função no *desejo sexual*. (p. 93)

Palavras-chave: desejo sexual

O estádio do espelho (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

[...] passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo. (p. 102)

Palavras-chave: complexo de Édipo

Ao cabo do projeto histórico de uma sociedade de não mais reconhecer em si outra função que não a utilitária, e na angústia do indivíduo diante da forma concentracionista do vínculo social cujo surgimento parece recompensar esse esforço, o existencialismo julga-se pelas justificativas que dá para os impasses subjetivos que, a rigor, resultam dele: uma liberdade que nunca se afirma tão autêntica quanto dentro dos muros de uma prisão, uma exigência de engajamento em que se exprime a impotência da consciência pura de superar qualquer situação, uma idealização voyeurista-sádica da relação sexual, uma personalidade que só se realiza no suicídio, e uma consciência do outro que só se satisfaz pelo assassinato hegeliano. (p. 102)

Palavras-chave: laço social

Variantes do tratamento-padrão (1955). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Se essa confusão revelou-se possível, no entanto, foi porque a função imaginária, guia de vida do animal na fixação sexual no congênere e no cortejamento em que se desencadeia o ato reprodutor, ou na demarcação do território, parece, no homem, estar inteiramente desviada para a relação narcísica em que o Eu se funda, e cria uma agressividade cuja coordenada denota a significação que tentaremos demonstrar como sendo o alfa e o ômega dessa relação [...]. (p. 345)

Palavras-chave: narcisismo

A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que flixa num sintoma - metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante - a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver. (p. 522)

Palavras-chave: sintoma

A significação do falo (1958). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Concebe-se como a relação sexual ocupa esse campo fechado do desejo e nele lançará sua sorte. É por ser o campo apropriado onde se produz o enigma que essa relação provoca no sujeito, ao "significá-la" duplamente para ele: retorno da demanda, que ela suscita, como demanda sobre o sujeito da necessidade; e ambiguidade presentificada no Outro que está em causa na prova de amor demandada. (p. 698)

Palavras-chave: falo, amor

Pode-se dizer que esse significante foi escolhido como o mais saliente do que pode captar no real da copulação sexual, e também como o que é mais simbólico no sentido literal (tipográfico) desse termo, já que ele equivale à cópula (lógica). (p. 699)

Palavras-chave: cópula

Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Por que não dizer aqui que o fato de que tudo o que é analisável é sexual não implica que tudo o que é sexual seja acessível à análise? (p. 739)

Palavras-chave: sexual

Outros Escritos

Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Se, com efeito, a psicanálise partiu das formas patentes da homossexualidade para reconhecer as discordâncias psíquicas mais sutis da inversão, é em função de uma antinomia social que convém compreender esse impasse imaginário da polarização sexual, quando nela se engajam invisivelmente as formas de uma cultura, os costumes e as artes, a luta e o pensamento. (p. 90)

Palavras-chave: homossexualidade

A lógica da fantasia (1967). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

É por exacerbar essa exigência do ato que somos o primeiro a pronunciar corretamente aquilo que se sustenta mal num enunciado irrefletido, mas corriqueiro: o primado do ato sexual. (p. 326)

Palavras-chave: ato sexual

Ele se articula pela distância de duas fórmulas. Primeira: não existe ato sexual - subtenda-se: que tenha peso para afirmar no sujeito a certeza de que ele é de um sexo. Segunda: só há o ato sexual, implicando: do qual o pensamento tem razão de se defender, já que nele o sujeito se fende - cf., acima, a estrutura da fantasia. (p. 326)

Palavras-chave: ato sexual

A mostração do masoquismo basta para revelar nisso a forma mais geral para abreviar as vãs tentativas em que se perde o ato sexual, mostração essa ainda mais fácil por passar a se revestir de uma irônica demonstração (p. 327-328)

Palavras-chave: ato sexual

Alocução sobre as psicoses da criança (1967). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Quanto não foi preciso de revolvimento, nas bases, quero dizer, para que reemergisse esse abismo em que atiramos como alimento - duas vezes por noite? duas vezes por mês? - nossa relação com um parceiro sexual. (p. 362)

Palavras-chave: parceiro sexual

Radiofonia (1970). In: *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

[...] Na psicanálise (porque também no inconsciente), o homem nada sabe da mulher, nem a mulher do homem. No falo se resume o ponto de mito em que o sexual se torna paixão do significante. (p. 410)

Palavras-chave: homem/mulher

Essa divisão [a do sujeito] repercute as desventuras do ataque que, do mesmo modo, o fez confrontar-se com o saber do sexual - traumáticamente, por estar esse assalto condenado de antemão ao fracasso, pela razão que enunciei: que o significante não é apropriado para dar corpo a uma fórmula que seja da relação sexual. (p. 411)

Palavras-chave: relação sexual, saber

Lituraterra (1971). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Uma ascese da escrita não me parece ser aceitável senão ao se unir a um “está escrito” mediante o qual se instaura a relação sexual. (p. 25)

Palavras-chave: relação sexual

Nota italiana (1973). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

O saber em jogo, emiti seu princípio como que do ponto ideal que tudo permite supor quando se tem o sentido da *épura*: trata-se de que não existe relação sexual, relação aqui, quero dizer, que possa pôr-se em escrita. (p. 314)

Palavras-chave: relação sexual, escrita

Sem tentar essa relação da escrita, não há meio, com efeito, de chegar ao que, ao mesmo tempo que afirmei sua inexistência, propus como objetivo pelo qual a psicanálise se igualaria à ciência: a saber, demonstrar que essa relação é impossível de escrever, isto é, que é nisso que ela não é afirmável nem tampouco refutável: a título da verdade. (p. 314)

Palavras-chave: relação sexual, escrita

O aturdito (1972). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

[...] Não há nenhum exagero, no que concerne ao que a experiência nos oferece, em situar na questão central do ser ou do ter o falo (cf. minha *Bedeutung dos Escritos*) a função que supre a relação sexual. (p.457)

Palavras-chave: falo, relação sexual

[...] Para todo x , ϕx é satisfeito, o que pode ser traduzido por um V denotando valor de verdade; isso, traduzido no discurso analítico, cuja prática é fazer sentido, "quer dizer" que todo sujeito como tal, já que este é o desafio desse discurso, inscreve-se na função fálica para obviar a ausência da relação sexual (a prática de fazer sentido está justamente no referir-se a esse *ab-senso*). (p. 458)

Palavras-chave: relação sexual, função fálica

O um que existe é o sujeito suposto de que aí a função fálica não compare. É apenas um modo de acesso sem esperança à relação sexual, a síncope da função que só se sustenta por ali ser semblante [*sembler*], por ali se emblemar [*s'y embler*], diria eu, não podendo essa relação bastar sequer para inaugurá-lo, mas sendo necessária, ao contrário, para completar a consistência do suplemento em que ela o transforma, e isso, por fixar o limite em que esse semblante já não é senão *des-senso* [*dé-sens*]. (p.459)

Palavras-chave: relação sexual, semblante, suplemento

Até aqui, seguimos Freud, e nada mais, no que se enuncia da função sexual *paratodo*, mas igualmente ficando numa metade, das duas que por sua vez ele discerne, a partir do mesmo cômado, por lhe remeter as mesmas diz-mensões. Essa remissão ao outro demonstra bem o que acontece com o ab-senso da relação sexual. Mas isso é mais tal ab-senso forçar. (p. 463)

Palavras-chave: relação sexual, dizer

O *não há relação sexual* não implica que não haja relação com o sexo. É justamente isso que a castração demonstra, porém não mais: ou seja, que essa relação com o sexo não seja distinta em cada metade, pelo fato mesmo de separá-las. (p. 464)

Palavras-chave: relação sexual, castração

É claro que bancar o calçado para esse pé é algo em que as mulheres (e que me perdoem entre elas essa generalização, que repudio prontamente, mas, nesse aspecto, os homens são meio surdos), as mulheres, dizia eu, empenham-se de vez em quando. Que a calçadeira se recomende por isso é, portanto, uma decorrência, mas que elas possam prescindir desta deve ser previsto, não só no MLF, que está na moda, mas também por não existir relação sexual, coisa de que a atualidade só faz dar testemunho, ainda que, segundo temo, momentâneo. (p. 465)

Palavras-chave: mulher

Chamemos heterossexual, por definição, aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu sexo próprio. Ficará mais claro. Eu disse "amar", e não prometido a elas por uma relação que não há. É justamente isso que implica o insaciável do amor, a qual se explica por essa premissa. (p. 467)

Palavras-chave: relação sexual, hetero, amor

O universo não está em outro lugar senão na causa do desejo, nem tampouco o universal. É daí que provém a exclusão do real... .. deste real: que *não há relação sexual*, pelo fato de que um animal, d'estabitat [*stabitat*] que é a linguagem, por abitalo [*labiter*] que para seu corpo cria um órgão - órgão que, por assim lhe ex-sistir, determina-o por sua função, desde antes que ele a descubra. (p. 475)

Palavras-chave: relação sexual, real

Seria porventura descabido dar o passo do real que explica isso traduzindo-o por uma ausência perfeitamente situável - a da "relação" sexual em qualquer matematização? (p. 480)

Palavras-chave: relação sexual

Sendo proibido o diálogo entre um sexo e outro, porque um discurso, seja qual for, funda-se ao excluir o que a linguagem introduz de impossível, ou seja, a relação sexual, resulta um certo inconveniente para o diálogo no interior de cada (sexo). (p. 489)

Palavras-chave: relação sexual, impossível

Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real - o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual - se depositou ao longo das eras. (p. 492)

Palavras-chave: relação sexual, equívoco

E para que o faça em torno de um furo desse real pelo qual se anuncia aquilo que, a posteriori, não há pluma que não se descubra atestando: que não há relação sexual. Assim se explica o meio-dito que superamos, aquele segundo o qual a mulher seria, desde sempre, um engodo da verdade. (p. 495)

Palavras-chave: relação sexual, real

Televisão (1973). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém. Não as digo imaginadas, mas leio aí, como Freud, um convite ao real que responde por isso. (p. 531)

Palavras-chave: ficções, impasse

Será possível dizer, por exemplo, que, quando o homem quer A mulher, ele só a alcança ao encalhar no campo da perversão? (p. 535)

Palavras-chave: mulher

O fato de não existir [A mulher] não impede que se faça dela o objeto do desejo. Muito pelo contrário, daí o resultado. Com o que O homem, enganando-se, encontra *uma* mulher com quem tudo dá certo: ou seja, comumente, o fiasco em que consiste o sucesso do ato sexual. (p. 536)

Palavras-chave: ato sexual, mulher

Basta que, em algum lugar, a relação sexual cesse de não se escrever, que se estabeleça a contingência (dá na mesma), para que se conquiste um esboço do que deverá ser concluído para demonstrar essa relação como impossível, ou seja, para instituí-la no real. (p. 537)

Palavras-chave: relação sexual, impossível, escrita

É por isso que *uma* mulher - já que de mais de uma não se pode falar - *uma* mulher só encontra O homem na psicose. (p. 538)

Palavras-chave: mulher

Revistas

Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana. *Pharmakón digital*, v.2, novembro de 2016.

É curioso que não se tenha extraído um pouco da moral da história do pequeno Hans de Freud. A angústia está muito precisamente localizada em um ponto da evolução desse parasita humano, é o momento em que um homenzinho ou uma futura mulherzinha se dá conta de que? Se dá conta de que está casado com seu pau. Vocês me perdoem por chamar isso assim, é o que geralmente chamamos de pênis ou pinto, e que se infla quando se percebe que ali não há nada melhor para fazer o falo, o que é obviamente uma complicação, uma complicação ligada ao fato do nó, à ex-sistência, cabe dizê-lo, do nó. Mas se há alguma coisa nas “Cinco lições de psicanálise” feita para nos mostrar a relação da angústia com a descoberta do pequeno pipi – chamemo-lo assim também, de todo modo isso é claro -, é certo ser inteiramente concebível que, para a menininha, como se diz, isso se estenda mais, razão pela qual ela é mais feliz. Isso se estende porque ela precisa de algum tempo para perceber que não tem o pequeno pipi, o que lhe produz angústia também, mas uma angústia por referência àquele que é aflito com isso. Digo “aflito”, porque falei de casamento e tudo o que permite escapar desse casamento é evidentemente bem-vindo. Disso decorre o sucesso da droga, por exemplo. Não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi.

Palavras-chave: casamento, nó

O que é um sintoma? É algo que tem a maior relação com o inconsciente (é o que se vê na prática). Gostaria que a psicanálise, como eu disse há pouco, dure, dure o tempo necessário, nem um minuto a mais, é claro, como sintoma, porque, de todo modo, é um sintoma tranquilizador.

Palavras-chave: sintoma

Conferência de Genebra sobre o sintoma (1975). *Opção Lacaniana*, n.23. São Paulo: Eolia, dezembro de 1998.

Não lhes passa pelo espírito que essa "realidade sexual", como eu me exprimia há pouco, é especificada no homem pelo fato de que não há, entre o macho e fêmea, nenhuma relação instintiva? Que nada faça com que todo homem - para designar o homem mediante o que lhe vai bastante bem, dado que se imagina naturalmente a ideia idéia do todo - que todo homem não esteja apto para satisfazer toda mulher? O que, efetivamente, parece ser a regra no que concerne a outros animais. Na verdade, eles não satisfazem todas as fêmeas,

mas trata-se apenas de aptidão. O homem - pois se pode falar do homem, precedido pelo o -, é necessário que ele se contente em sonhar com isso. É necessário que ele se contente em sonhar com isso, porque é absolutamente certo que não só ele não satisfaz toda mulher, mas também que a mulher - peço perdão, pelo que segue, aos membros do MLF talvez presentes aqui - A mulher não existe. Há mulheres, mas A mulher é um sonho do homem. (p.11)

Palavras-chave: homem/mulher

Rumo a um significante novo (1977). *Opção Lacaniana*, n. 22. São Paulo: Eolia, ago. 1998.

Isso se chama verdade, notadamente, sobre a relação sexual, a saber que, talvez a primeira mão, como digo - não vejo porque não fina disso um título - a relação sexual, não existe. Ela não existe propriamente falando, quero dizer, no sentido em que alguma coisa faria com que um homem reconhecesse obrigatoriamente uma mulher. De minha parte, sinto uma dificuldade em reconhecê-la, mas estou bem avisado por ter observado que não existe a. Isto coincide com minha experiência - não reconheço todas as mulheres. A relação sexual não existe, mas isso não é evidente. Ela não existe, salvo incestuosa. É exatamente nisso que Freud avançou - ela não existe, salvo incestuosa, ou assassina. (p. 7)

Palavras-chave: relação sexual, homem/mulher

É preciso reconstituir a relação sexual por um discurso. (p. 10)

Palavras-chave: relação sexual, discurso

Nomina non sunt consequentia rerum (1977). *Opção Lacaniana*, n.28. São Paulo: Eolia, julho 2000.

Se o x que está aí se abrisse, o imaginário se continuaria no real. É, com efeito, o que se passa, já que os corpos não são produzidos, da forma mais fútil, senão como apêndices, se posso dizer, da vida, dito de outro modo, daquilo sobre o que Freud especula quando fala do gérmen.

Encontramos aí, em torno da função falante, algo que isola o homem. E não é senão em função disso que não há relação sexual. Podemos dizer, neste caso, que a linguagem a suprimiria. É um fato - que o *blá-blá-blá* móvel se distingue do que não há relação. (p. 14)

Palavras-chave: corpo, *blá-blá-blá*

xv●AMPWAP 2026

Jacques-Alain Miller

Livros

Matemas I . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

O que se passou após Freud? Os analistas não pararam de construir fórmulas da relação sexual, a fim de resolver a questão do fim da análise. Situar o fim da análise ao nível de uma relação sexual possível leva-os necessariamente a apagar o complexo de castração — se posso dizer, com uma borracha genital. Lacan, ao contrário, permanece mais próximo a Freud quando formula que não há relação sexual. A fórmula preserva o que tem de irreduzível àquilo que Freud designava por castração, mas ela certamente indica também que a questão do fim de análise não se situa no nível da relação sexual, que não existe. Se deve haver relação sexual, a questão do fim da análise não é solucionável. Ela só pode ser resolvida a partir de sua ausência. (p.95)

Palavras-chave: relação sexual, castração, ausência.

No inconsciente, há um ponto de não-saber: do homem sobre a mulher e da mulher sobre o homem. Isso pode, de início, ser dito assim: os dois sexos são estrangeiros um para o outro, exilados. Mas essa formulação simétrica não é a mais justa. Pois o não-saber do qual se trata incide seletivamente sobre a mulher. Se não se sabe nada do outro sexo é, antes de tudo, por que não se sabe nada da mulher no inconsciente. Daí, a escritura: o Outro sexo, para dizer que é ele Outro, absolutamente distinto.

Com efeito, tem-se o significante do homem, tem-se apenas este. E a constatação de Freud: há um único símbolo da libido, esse símbolo é viril; o significante da mulher, por sua vez, é um significante perdido. O que faz com que Lacan seja totalmente freudiano ao formular que a mulher não existe. E Freud, sem dúvida, que não o é totalmente... É o que explica por que o sujeito que se coloca no dispositivo analítico é submetido a uma histeria estrutural. Não é somente porque ele se experiencia fendido pelos efeitos do significante, mas, mais ainda, porque se lançou volens nolens na busca do significante da mulher, necessário para a relação sexual existir. (p.96)

Palavras-chave: homem, mulher, Outro sexo.

Direi somente, para finalizar, que sem dúvida alíngua como tal não tem referência. É por isso que cada discurso fundamental lhe inventa uma. É seu semblante, colocado no lugar do agente. Mas isso é para cada um apenas um outro modo de fazê-lo faltar. A própria psicanálise certamente não é esse discurso que não seria de semblante. Ela também toma seu ponto de partida em um semblante, o objeto a. Como qualquer outro discurso, a

psicanálise é um artifício. Ela é um certo modo de abordar a língua. Seu privilégio, quanto à psicanálise, tal como Lacan a define, é ser esse viés com vocação para fazer desfalecer os semblantes. p.71, 72.

Palavras-chave: lalingua, semblantes, objeto a

A princípio, isso pode ser apreendido ao nível da discordância entre o desejo e a demanda. O desejo é — pelo impossível da satisfação da demanda — o efeito da impossibilidade do Outro de responder à demanda, e é por esse caminho que Lacan acabará por colocar o objeto a como causa do desejo. p.85

Palavras-chave: objeto a, desejo.

Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Até então, ele pensava em termos de intersubjetividade, ou seja, da relação de sujeito com sujeito. E, na sequência de Freud e no lugar da intersubjetividade, ele pensa a relação entre os sujeitos dos dois sexos. No fundo, ele pensa a relação sexual no lugar da intersubjetividade. O que finalmente responderá à tese funda mental do começo de seu ensino - há a intersubjetividade -, é a tese: “ Não existe relação sexual.” Se pensarmos a relação dos dois, em termos de sujeito, ela existe, Mas, se pensamos essa relação em termos sexuais, ela não existe. (p. 233)

Palavras-chave: intersubjetividade

Quanto ao amor, ele permanece no imaginário, mas a pulsão é de outra ordem. Lacan distingue de modo severo o amor e a pulsão, uma vez que o amor é não parcelar. O amor visa no outro a totalidade da pessoa, ao passo que a pulsão é fundamentalmente parcial, parcelar. (p. 84)

Palavras-chave: amor, pulsão

Em primeiro lugar, que não há gozo sem corpo. E, mesmo, sem o corpo vivo. Lacan indica-o deixando de lado o fenômeno tão interessante, mas raro, da necro- filia, que atraiu e apaixonou espíritos ilustres: Apollinaire, Bataille, Klossowski se interessaram pela questão. Em segundo, onde existe um gozo, há o Outro. O que lança certa suspeita sobre o tema do auto-erotismo, fundamental em Freud. Em terceiro, o Outro pode ser, eventualmente, o próprio corpo do sujeito. E, no escrito de Lacan intitulado “Radiofonía”, contemporâneo do Seminário 17, o primeiro grande Outro, o primeiro lugar do Outro como lugar do significante, é apresentado como o próprio corpo, o corpo no qual portamos

inscrições, fazem- se cicatrizes, inscrevem-se marcas. Contudo, sustentar que esse Outro pode ser o próprio corpo do sujeito é uma tese distinta da do auto-erotismo. Em quarto lugar, se há gozo, é preciso supor uma substância. Enfim, esta é a tese de Lacan, na qual o gozo é uma propriedade, uma substância suposta gozar, uma substância afetada de gozo. E aqui, a palavra “modo” encontra seu lugar pre ciso como maneira de ser de uma substância. (p. 152)

Palavras-chave: gozo, auto-erotismo

Lacan diz que o homem o encontra ($-\phi$) no corpo da mulher. E, de modo mais secreto, a mulher, que aparentemente encontra o significante fetiche no corpo do homem, visa-o, de fato, no ponto ($-\phi$), ou seja, o pênis não-falo, não no estado glorioso de ereção, é um significante também precioso, uma vez que significa o amor (p.234)

Palavras-chave: homem/mulher, fetiche

Lacan marca a disjunção entre gozo e falo. Sem dúvida o falo é o significante que dá corpo ao gozo na ordem simbólica, o que não impede que não capture tudo o que é do gozo. (p.240)

Palavras-chave: gozo

Por trás do olhar, há o corpo. Esse olhar, que estremece com as solicitações da luz, está encaixado no corpo. Desse modo, a resposta perceptiva é global. Respondo com o olhar, mas, na verdade, respondo com o corpo todo. (p.284)

Palavras-chave: olhar, corpo

Nesse estado infans e manipulável, todo o corpo está entregue ao gozo. É diferente pensar que o gozo irá se concentrar, no futuro, em um órgão. É claro que o gozo fálico não se encontra atualmente no gozo do corpo, e é preciso separar os dois gozos, tal como são na experiência. Por isso, Lacan pôde dizer que o gozo fálico está fora do corpo e rasga a tela imaginária. (p. 315)

Palavras-chave: gozo, corpo

Perspectiva do Seminário 23 de Lacan. O Sinthoma, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editorial, 2009

Da mesma forma, a negação da primazia do Outro faz com que a ausência de relação sexual esteja na ordem do dia. Não há relação sexual. Aí se encontra também o valor do termo solidão que repisei. Se há relação sexual, quando há relação sexual, só pode ser em relação a uma alteridade interna à estrutura do falasser. É a isso que devemos a famosa oposição encontrada em O sinthoma, entre o sinthoma e a devastação. A mulher faz sinthoma, o homem faz devastação, é assim que Lacan salva a relação sexual, mas indexando-a a uma alteridade que é interna à estrutura do falasser. É por isso que ele inventa uma geometria da relação sexual, completamente diferente do espaço concêntrico do imaginário. Ele inventa que a geometria da relação sexual é, sobretudo, a do reviramento da luva, a partir da especial adequação que Joyce sentia em relação à sua esposa - "ela me cabe como uma luva". Lacan formulou que tudo o que subsiste da relação sexual na solidão do falasser é a geometria da luva revirada, ou seja, o que contradiz o que não é da ordem do espaço concêntrico instantâneo da visão. A histerização, aqui, é uma função de auxílio, na medida em que Lacan define a histeria como a última realidade perceptível sobre o que é a relação sexual.

Vemos então que no quadro de uma psicanálise organizada pelo simbólico, a ausência da relação sexual faz escândalo, o que Lacan deve explicar a si mesmo, por exemplo, em seu texto "O aturdido". Não se trata absolutamente mais do mesmo que no texto do Seminário do sinthoma. Trata-se principalmente de saber em qual condição precária se estabelece a relação sexual, e é com a condição de lhe ser manejada uma alteridade interna à estrutura tripartida ou quadripartida do falasser. (p.116-117)

Palavras-chave: relação sexual, falasser

"Essa estrutura lógica é o que o inspirará um pouco mais tarde na construção das fórmulas da sexuação. Ao mesmo tempo em que lhe dá uma estrutura lógica, como função, como termo, ele situa o gozo fora dos limites do jogo significativo, fora do saber - não sabemos nada disso, diz ele. E nos damos claramente conta de que o uso que ele faz da palavra absoluto para qualificar o gozo refugia-o na solidão, na solidão do Um-corpo. É isso que o conduz a um questionamento do Um da união e à fórmula que ele terá mais tarde, a saber: Não há relação sexual. O que a pulsão se torna é tomado como representando por excelência o resultado da ação do significativo sobre o corpo. É essa ação (p.132) do significativo que, no derradeiro ensino de Lacan, é reconsiderada, em primeiro lugar porque o aspecto do significativo que Lacan valoriza então é seu aspecto parasitário e não seu aspecto ativo.

Disso decorre o problema: a harmonia sendo desfeita, recoloca-se a questão da relação entre o Um-corpo e o inconsciente que diz apenas uma única e mesma coisa. Esta é a questão que os esquemas borromeanos ao mesmo tempo refletem e encerram."(p.133)

Palavras-chave: Um, corpo, significativo, sexuação

“A gente entende, assim, que o que ele visa com a noção de urna significante que não teria nenhuma espécie de sentido, é, se posso dizer, a ressonância do efeito de furo, quer dizer, o que nos ditos se logifica a partir da ausência da relação sexual e se estende como urna significação vazia.” (p.184)

Palavras-chave: significante, dito, furo

“O amor é confusão. Sabemos muito bem que ele é feito de bricabrac, de partes e de pedaços que, em certo momento, fazem com que se produza a passagem do desejo ao amor. O amor é confusão, nele entra prestígio, semblante, erro de pessoa.

Então, no derradeiro ensino de Lacan, é preciso se acostumar com a degradação do simbólico. Evidentemente, esse não era o caso antes. Não era assim quando o próprio Lacan se estigmatizava dizendo: eu delirei com a linguística. Em que ele teria delirado com a linguística? Seu delírio com a linguística foi precisamente enfatizar a primazia da palavra sobre as coisas, atribuir à palavra o poder de fazer as coisas para nós.”(p.195)

Palavras-chave: Amor, palavra.

“Lacan tem o cuidado de sublinhar que a definição do que vocês são como ego não tem nada a ver com a definição do sujeito que passa pela representação significante. O ego se estabelece a partir da relação com Um-Corpo. Aqui, não há identificação, há pertença, propriedade. Isso não se divide em modos, ao gosto do traço unário, se posso dizer. Isso não visa o ponto de falta do Outro sujeito. Isso tem a ver com o amor, que não é o amor ao pai e sim o amor próprio, no sentido do amor a Um-Corpo. Essa é a fórmula de Lacan na página 64 do Seminário 23: o Sinthoma: “O falasser adora seu corpo.” (p.111)

Palavras-chave: Isso, corpo, amor.

“Como explicar isso? No fundo, como Lacan isolou o não há relação sexual? Ele o isolou como sendo a consequência que se pode tirar de todos os ditos do amor. Vejam, a este respeito, seu escrito Televisão. Os ditos de amor só se ordenarão a partir do momento em que se formula, em boa lógica: não há relação sexual. Em outras palavras, aí, nós já temos a referência feita a um furo, que é o furo da relação sexual. Parece-me que é a partir daí que se pode apreender a pertinência, difícil, sem dúvida, do modelo poético que Lacan propôs para a interpretação borromeana.” (p.180)

Palavras-chave: amor, furo, não relação

Ela se instala, com efeito, no amor cortês perpetuado, quer dizer: reconhece o amor como uma significação vazia e se consagra a encarná-lo na ausência da relação sexual. Este efeito de sentido, efeito de furo, reflete, repercute a divisão entre desejo e amor. O amor apreendido, enfim, no contexto do amor cortês, e eu diria em curto-circuito, se eu pude enunciar na última vez que não havia nada sobre a transferência em todo o derradeiro ensino

de Lacan, se houvesse alguma coisa, seria no nível desse efeito de furo que poderíamos situá-la.”(p.183)

Palavras-chave: amor cortês, efeito de furo.

Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011

“É uma maneira de dizê-lo. Dizer que ele está distante de si mesmo, que é um problema coincidir consigo mesmo, que sua essência é não coincidir com seu ser, que seu "para-si" se afasta de seu "em-si". A psicanálise diz algo desse em-si, que esse em-si é seu gozo, é seu mais-gozar, e que alcançá-lo só pode ser o resultado de uma ascese severa. É dessa forma que Lacan considerava a experiência analítica, como a aproximação, pelo sujeito, desse em-si, e ele tinha a esperança de que a experiência analítica permitiria ao homem reunir-se a seu em-si e elucidar o mais-gozar em que reside a sua substância. Mas também considerava que a falha que faz com que o homem seja doente era, para sempre, a ausência de relação sexual. Que essa doença era irremediável, que nada poderia preencher ou curar a distância de um sexo ao outro; que cada um, como sexuado, encontra-se isolado do que quisermos considerar como seu complemento .” (p.30)

Palavras-chave: Gozo, mais-gozar

“A psicanálise promove o direito de um só com relação ao discurso do mestre que faz valer o direito de todos. Isso revela quanto a psicanálise é frágil, como é fraca, como é sempre ameaçada. Ela só consiste, só se sustenta pelo desejo do analista de dar lugar ao singular, ao singular do Um. O desejo do analista se coloca do lado do Um, com relação ao todos. O todos tem seus direitos, sem dúvida, e os agentes do discurso do mestre se vangloriam de falar em nome do direito de todos. O psicanalista tem uma voz trêmula, uma voz bem pequena para fazer valer o direito da singularidade.” p.31

Palavras-chave: desejo do analista, Um.

“Evidentemente, a consequência da fórmula "a relação sexual não existe" é a de nos delinear uma economia do gozo que, de ponta a ponta, é substitutiva, sem original. "A relação sexual não existe" quer dizer: não há ganze Sexualstrebung -não há pulsão sexual total, tal como Freud havia empregado a expressão, e tal como Lacan, já em seu Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, nega. Isso se traduz como: a relação sexual não existe. Quer dizer: o gozo do qual o falasser é capaz é sempre aquele que não se deveria ter. Do gozo, sempre podemos dizer, em latim: Non decet -' ele não convém. O único que conviria seria o da relação sexual que não existe. Portanto, Lacan generaliza a economia substitutiva do gozo, que é a chave de toda a sua teoria das pulsões.” (p.211-212.)

Palavras-chave: gozo, não relação sexual.

A metáfora paterna resolve o gozo por meio do sentido comum: cada vez que somos tocados, que nos emocionamos, que algo nos diz alguma coisa, o falo está no lance, é o emblema do sentido comum.” (p.96)

Palavras-chave: Falo, Gozo

Por isso digo que o falo é um signo, de algum modo, metas significante. Uma construção de Lacan. Esforço para fazer entrar a lógica no gozo. A partir do momento em que aceitamos isso, então, com efeito, ordenamos o gozo. Temos o falo, imagem do fluxo vital, mas que funciona, a partir da castração, com um menos.

Sendo o índice de uma falta, ele tem substitutos: os objetos a. Desse modo, o gozo encontra-se repartido com base nessa castração. Disso decorre a lembrança, evocada por Lacan, de que o vazio da castração é envolto por seu conteúdo, o objeto a, centrado pela castração. (p.180)

Palavras-chave: Objeto a, castração, falo

Resta o amor, que Lacan não arranca de sua raiz imaginária quando diz que o amor dá a ilusão da relação sexual. Isso é o que faz a distinção, com propriedade, entre o gozo e o amor. Há um gozo em falar de amor, há um gozo em dar provas de amor, há um gozo em escrever cartas de amor, ou e-mails, é claro. E esse gozo é o que está, a um só tempo, o mais longe e o mais próximo, topologicamente, da relação sexual que não existe. (p.213)

Palavras-chave: Amor, gozo

A erótica do tempo. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2000

Sabemos que há uma estreita relação entre a existência de um obstáculo e a constituição do objeto como objeto do desejo. Isso está presente em todas as grandes histórias de amor, aquelas que são nossos mitos, e que moldaram de maneira decisiva a nossa sensibilidade. (p.15)

Palavras-chave: objeto do desejo, amor.

Há surpresas do amor porque o acontecimento do amor desmente o impossível da relação sexual. Essa é a razão de Lacan dizer que existe uma dimensão em que o amor é real, e não apenas imaginário e narcísico. A dimensão com que o amor é real é a causa do encontro contingente sobre um fundo de impossível. O próprio fato de que esse encontro seja contingente confirma o impossível. (p.60)

Palavras-chave: amor real, impossível.

O gozo fálico tem um ciclo, e o instrumento e sede desse gozo é um ser que sofre crises. Do ponto de vista da erótica do espaço, o gozo é localizado, existindo ao mesmo tempo uma estreita relação entre falo e tempo. Portanto, do lado masculino, o gozo é escandido, e até mesmo numérico, enumerável. (p.31)

Palavras-chave: gozo fálico, falo, tempo

Evidentemente, isso não é tão pregnante assim do lado feminino, caracterizado sobretudo pela exigência de que na passagem do tempo o amor substitua o gozo. Uma vez que o gozo masculino aconteceu, é preciso que o amor tome para si a seqüência do tempo. Vem daí a magnífica frase que expressa essa exigência: "Você já vai? (p.32)

Palavras-chave: feminino, tempo, gozo

O desejo de Lacan. Salvador: Biblioteca do Campo Freudiano da Bahia. 1995

Lacan chamou este significante de falo simbólico, na época do seminário A transferência. Depois o chamou significante do Outro barrado S(A). Há varias versões. Entretanto há sempre uma saída, pela via do matema, buscando-se um elemento que, de maneira autêntica, faria desaparecer a palavra. Lacan introduziu o objeto a como o pomo de onde o sujeito se separa da cadeia significante, ou seja, o significante do objeto traz outra versão desse funcionamento. Lacan chamou esta separação de "passe terminal de uma análise". É preciso dizer que cada vez que alguém interrompe uma análise - se separa de seu analista-, tal interrupção produz uma cicatriz que pode ser vista quando, eventualmente, se retome esta análise, mesmo que não tenha havido final: a perfeição de uma análise.

Não é suficiente dizer: há um final de análise autêntico e há interrupções antes do final. Certamente quando um sujeito realiza autenticamente a experiência analítica fica com a cicatriz da separação. O próprio sujeito percebe, às vezes, a dificuldade de se tornar de novo um analisante, percebe a cicatriz da separação da cadeia significante de sua análise. (p.19)

Palavras-chave: Outro, objeto a

"Sócrates insiste que é preciso ainda distinguir o homem como a instância que utiliza o corpo e o corpo que é a coisa utilizada. O verdadeiro si mesmo do homem não deve ser confundido com o corpo que é apenas a coisa utilizada; o si mesmo do homem é aquilo que utiliza o corpo. Por conseguinte, o que se serve do corpo é a alma que produz uma divisão entre ela própria e o corpo, entre o que utiliza e o que é utilizado.

É preciso dizer que esta distinção é totalmente decisiva para a cultura ocidental. A própria

religião apelou para esta divisão, de tal modo que considerou fundamental situar o S1 mesmo do homem na alma, e descartou todo o corporal a nível da força utilizada.” (p. 63)

Palavras-chave: Corpo, homem.

Perspectivas do Seminário 5 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar, 1999.

“Nos anos 30, para os analistas era muito consistente buscar a raiz do sentimento de culpa, mas não para nós, pois existe um polimorfismo desse sentimento. Precisamente pelo que você evocava, a culpa em relação ao gozo. Por que não colocar também o sentimento de culpa no nível onde está o supereu dizendo: "Goze!"? À medida em que o sujeito se sente em déficit em relação ao imperativo do gozo, sente-se culpado por não gozar. Vemos isso clinicamente nas mulheres que dizem ser frígidas, já que pelo ideal cultural, há culpa por não ter acesso ao gozo que seria necessário, é uma culpa ao nível do gozo.” (p.98)

Palavras-chave: Gozo, culpa.

“Há toda uma estratégia para diminuir a ênfase que Freud coloca sobre a função do gozo pois, embora em Freud esteja toda a construção significativa - o aspecto lingüístico que naquela época estava totalmente descuidado-, existe também todo o aspecto econômico. E é desse ponto de vista que Freud considera a tirada espirituosa - o que permite uma economia do gasto psíquico e um ganho de prazer. Lacan consegue contornar isso para, ao contrário, colocar no centro a técnica significativa, sendo que o retomo ao gozo ocupará a outra vertente de seu ensino. De certa forma, todo o Seminário contorna o parceiro-sintoma.” (p.25)

Palavras-chave: Gozo, significativa.

Todo o Seminário contorna o parceiro-sintoma. É muito engraçado ler, por exemplo, algumas frases inocentes de Lacan, na página 32: ... é o fenômeno técnico que especifica o chiste. Aí está o fenômeno central. Nada mais inocente. Ou seja, o fenômeno central não é o prazer, enquanto que, para Freud, a técnica não passa de um meio para o prazer. Inclusive, na página 108, diz: ... o prazer da tirada espirituosa só se completa no Outro e pelo Outro. É o laço trans-individual, a função trans-individual do inconsciente que só se completa no Outro. O que diz Freud no capítulo IV do livro sobre a tirada espirituosa? Diz que se ocupa da psicogênese. Por onde ele começa? Pelo bebê, precisamente pelo "bu bu bu", pelos ruídos com a boca, pelo balbucio.

Freud apóia-se em tudo que da tirada espirituosa pertence aos ruídos com a boca, que para ele é a raiz da tirada espirituosa. Posteriormente, superpõe algumas funções bastante complexas até chegar no fãmilionário. Mas antes temos o balbucio infantil.

Nesse nível, para Freud, existe um prazer fundamental, o puro prazer lúdico do significativo.

Lacan tem razão quando diz: o prazer da tirada espirituosa só se completa no Outro. Mas, para Freud, o prazer da tirada espirituosa tem suas raízes submersas no desenvolvimento, num estágio do sujeito no qual o Outro não está ainda constituído, quando, ao contrário, existe de alguma forma uma conexão direta entre o significante e o gozo, sem passar pelo Outro que diz sim. Podemos discutir isso pois, com efeito, esse balbúcio infantil, sem ser de alguma maneira suportado e acolhido, decai. É preciso o suporte do sorriso do Outro que, inclusive, nossos colegas da neurociência verificaram ser necessário para que os neurônios cresçam convenientemente.” (p. 25)

Palavras-chave: Gozo, significante, Outro.

Acho engraçado que Lacan tome uma nova perspectiva e é evidente que, para fazê-lo, é preciso afastar algumas coisas. Por isso diz: Vou lhes propor que não partamos de um recurso à criança; e está tudo aí. Se tomamos como ponto de partida o recurso à criança, temos, com efeito, uma conexão muito mais direta entre o significante e o gozo, que não passa pelo mecanismo complicado da paróquia, mas que se trata de uma paróquia de dois. Temos uma relação muito mais direta do S1 e do a precisamente no ruído com a boca, pois aí, como diz Freud, onde está o prazer? É o simples prazer da homofonia, dos sons que se repetem, e o simples fato de que o som se repita é agradável. Então, temos algo do originário que é justamente o que Lacan procura situar e estruturar em seu último ensino, apesar de, nesse momento, contornar e desvalorizar essa dimensão. Isso o conduz à elaboração, em seu lugar, de uma satisfação própria da tirada espirituosa, que não tem nada a ver com esse curto-circuito do significante e do gozo, uma satisfação que de fato está muito próxima do reconhecimento dado pelo Outro. Ele procura elaborar uma satisfação no nível do significante, própria da relação do sujeito com o Outro como lugar do significante. No fundo, tendo deixado de lado a criança freudiana, coloca em seu lugar uma satisfação interna à ordem significante, e é o que chama, na página 154, de satisfação peculiar do Witz. (p. 26-27)

Palavras-chave: Gozo, Outro.

Em geral, não há satisfação mas insatisfação, embora às vezes se produza, apesar de tudo, o milagre da satisfação. Ocorre no momento do próprio fracasso no dizer quando, na própria mensagem, sempre insuficiente, sempre de lado, o Outro chega a entender aquilo que está mais-além. Quer dizer, quando consegue entender justamente o fracasso em dizer. De certa maneira, a única felicidade está na interpretação, quando o Outro interpreta o fracasso no dizer, o lapso, o deslize, o limite e, no fundo, entende o que está mais-além, no horizonte. (p.28)

Palavras-chave: satisfação, dizer.

No fundo, percebemos aí que a hipótese da foracclusão do Nome-do-Pai faz desaparecer as conexões recíprocas, o círculo da autenticação entre código e mensagem, entre o Outro e

o significado do Outro. O esquema põe isto em evidência também sugerindo que, no lugar das conexões suprimidas, coloque-se a relação imaginária. Há uma certa substituição das conexões simbólicas pelo curto-circuito imaginário, que serve mais ou menos a Schreber para que ele possa restabelecer uma posição que não deixa de ser delirante, mas que com o tempo consegue mantê-lo em equilíbrio. De qualquer forma, permite-lhe redigir suas preciosas memórias. A substituição do simbólico pelo imaginário é a fórmula que vocês podem encontrar no primeiro capítulo, quando Lacan quer resumir os resultados do Seminário 3. É uma indicação muito valiosa sobre o uso clínico do grafo do desejo, e os esquemas desse Seminário são realmente fundamentais para seu uso clínico.

Nos últimos capítulos, podem ser encontradas algumas trajetórias que correspondem ao circuito do obsessivo e da histérica. São trajetórias que eu não tinha visto antes de tomar conhecimento das notas de Paul Lemoine, e que nos faltaram quando fizemos nosso estudo sobre a histeria e a obsessão -embora tenhamos conseguido suprir essa falta com o texto de Lacan. No entanto, temos aí alguns esquemas que ainda não exploramos e que nos oferecerão, para o próximo ano, todo um campo de estudo. Parece-me que tudo isso confirma a via segundo a qual é preciso voltar a pensar o Nome-do-Pai a partir do Witz." (p. 41)

Palavras-chave: Nome do pai, simbólico

A partir desse Seminário, o único matema que Lacan escreve é $S(A)$. Estabelece, ao mesmo tempo, o Nome-do-Pai e aquilo que o coloca em questão. Aí já encontramos o esboço da proposição que Laurent sublinhou: "Podemos ir além do pai sob a condição de nos servir dele." Isso reduz o Nome-do-Pai à condição de um instrumento. A partir desse Seminário, Lacan não confere em absoluto uma posição ontológica ao Nome-do-Pai, não é um ser, mas um instrumento. Pode-se dizer, recordando os termos que Vicens evocou esta manhã, que o Nome-do-Pai é um semblante, um significante que tem a vantagem de permitir que entendamos algo da relação entre o significante e o significado. (p. 43)

Palavras-chave: Nome do pai, significante.

Existe a Outra coisa do desejo, que todas as histórias do Witz põem em destaque. Demanda-se algo mas, na realidade, o desejo é de outra coisa, e quando é dado aquilo que se pede, continua-se em falta daquilo que ainda se deseja. Nessa defasagem está o inconsciente. Lacan faz também do tédio uma dimensão do inconsciente, com seu chamado eventualmente estúpido a um "poderia fazer Outra coisa" e, portanto, a distância tomada com a inércia do que existe. A insônia e o despertar, no fundo, respondem à pergunta: "o que estamos esperando? Quando temos insônia, eventualmente com ansiedade, não esperamos o estúpido sol, apesar da liberdade que Hume permite, de não ter a obrigação de aparecer mais uma vez, já que a indução não permite fazer disso uma necessidade. Mas a cada manhã, o sol decidiu aparecer, pelo menos em nossas regiões. É muito mais inquietante quando se nasce numa região onde o sol não aparece pela manhã. No fundo, Lacan destaca que não é somente o sol que esperamos, mas também o que o dia promete, esperamos o bom encontro, ou então o encontro que supomos que será ruim. E a partir

desse momento, há uma dimensão do inconsciente pois, além disso, não sabemos o que o dia nos reserva.” (p.46)

Palavras-chave: inconsciente, encontro, desejo.

Lacan elucidado; palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

O corpo está inscrito e representado no inconsciente, ele é representado como? Sob a forma despedaçada, representado essencialmente pelos quatro objetos envoltos no circuito da pulsão: os seios, as fezes, ao que Lacan acrescentou a voz e o olhar, quatro dejetos do corpo que têm função no inconsciente. Acrescenta-se a forma imaginária que se imprime no inconsciente, ao corpo do homem, que se chama falo. É assim o corpo no inconsciente. Não é a carne, é o que faz que não haja relação sexual no inconsciente. De um lado, há a representação de um único sexo, em relação ao qual os dois sexos tem que se determinar, ambos em relação ao mesmo símbolo sexual. E, por outro, há os quatro objetos, substâncias do objeto a, objetos assexuados. Há dois sexos na realidade, mas no inconsciente há um único símbolo para os dois, e quanto ao resto, é assexuado, o que não torna a vida fácil para o corpo.

Palavras-chave: Falo, objeto a, assexuado

Há uma condição de amor inconsciente que determina como e porque o ser humano elege seu objeto sexual, que poderia ser concebida sobre o modelo das fórmulas algébricas de Lévi-Strauss, indicando como o homem pode se relacionar com a mulher e como esta pode se relacionar com ele. É como se existisse uma fórmula matemática que expressasse a relação entre o homem e a mulher, ou seja, a relação supostamente algébrica do vínculo sexual. $H \leftrightarrow M$ É o que Lacan chama *le rapport sexuel*, que não se traduz por relação sexual, mas sim, por proporção sexual.

Todos os traumatismos sexuais que Freud encontrou em seus casos clínicos podem ser lidos da seguinte forma: o sujeito, a partir da relação pai-mãe, quer deduzir um matema da relação sexual, mas não consegue obtê-lo; tem somente um termo: o falo, a partir do qual pode tentar escrever esse matema. (p.307)

Palavras-chave: Falo, homem/mulher

O ponto chave é que a análise não considera o indivíduo pré-ordenado a uma só finalidade sexual. Freud indetermina o essencial do indivíduo, não o considerando prometido com o outro sexo. Partindo dessa nota dos “Três ensaios...”, deduz-se imediatamente o dito de Lacan: “Não há rapport sexual”; “Não há relação sexual”. Parece muito simples, mas Lacan esperou vinte e cinco anos de ensino para formulá-lo assim, para chegar a uma tal simplicidade, a qual demonstra que, na análise, não podemos falar de indivíduo definido, que tem a promessa do outro sexo e se vincula a ele, pois somente a conexão dos dois

sexos permite à espécie sobreviver. Por isso, Lacan escreve \$, que significa o sujeito barrado de todas as determinações e, dessa maneira, introduz a indeterminação. (p. 359)

Palavras-chave: outro sexo

O objeto a oral, o anal, o vocal e o escópico são estranhos objetos descobertos por Freud e Lacan, e não supõem relação entre homem e mulher, mas entre sujeito e gozo, numa proporção fundamentalmente perversa, significando que não há relacionamento com o outro sexo como tal. Freud descobriu a perversão polimórfica da criança, relação com o gozo na qual o outro sexo não entra (p. 294)

Palavras-chave: objeto a

Que função aí introduz o véu? Ver algo sob um véu tem uma propriedade de estrutura muito simples, mas essencial. O véu tem a propriedade de fazer existir o que não existe, realizando assim a falta. Sem ele podemos ver diretamente e constatar se há ou não há. Porém, se existe um véu, diremos sempre que há, porque não sabemos se o véu vela algo ou o nada e, de certa forma, o véu vela o nada. É muito importante velar o nada, talvez mais importante que velar o objeto, porque é como um operador imaginário que realiza a falta. Dessa maneira, o véu tem afinidades com o desejo, desde que este se vincula à falta. Como o amor aponta mais além do objeto, para o nada, o véu tem sempre uma relação com o amor. (p. 510)

Palavras-chave: véu, amor

O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015

Digamos que é o que Lacan chama de objeto pequeno a, um objeto suplementar em relação à ordem regulada pelo significante. Pequeno a é a pedra que existe em todo caminho da fala. Em francês, este pequeno a é o osso; aliás, o osso é uma espécie de pedra que há no corpo. (p. 24)

Palavras-chave: objeto a

Enfim, o corpo entra no ensino de Lacan enquanto objeto a. É preciso que se diga que ficamos aí, nesse plano. Ficamos na ideia de que o corpo, mortificado pelo significante, deixa lugar para exceções, restos suplementares que escapam à mortificação e que são os objetos a. Digamos que a ponta extrema do ensino de Lacan, nessa direção, termina colocando a equivalência do grande A e do corpo. (p.83)

Palavras-chave: objeto a, corpo

No nível da fala, há uma relação entre o sujeito e o Outro; por exemplo, é o Outro que tem o código, é ele que pode dar a resposta, e, a esse título, o sujeito está em relação necessária com ele. Adoramos explicar a lógica implacável, rigorosa, necessária da relação significante do sujeito com o Outro. Mas, no nível sexual, não há, justamente, relação significante necessária entre Um e Outro (p. 88-89)

Palavras-chave: Outro, Um

É preciso distinguir os termos relação e proporção. Vamos guardar o termo proporção para o nível significante, porque proporção é justamente um termo matemático, um termo que implica a necessidade, e vamos tomar o termo relação para o que se estabelece no nível sexual. Dizemos que, no nível sexual, a relação passa pelo gozo, passa pelo gozo do corpo e pelo gozo da *lalíngua*, passa pelo sintoma (p. 89)

Palavras-chave: *lalíngua*, corpo, sintoma

Agora vamos entrar, precisamente, na dimensão do parceiro-sintoma, como o osso de um tratamento. O parceiro, não podemos fundá-lo sobre a proporção significante no nível sexual; o parceiro se funda sobre a relação no nível do gozo. O que significa o termo parceiro-sintoma, enfim, é a definição que proponho hoje, significa o seguinte: a relação do parceiro supõe que o Outro torna-se o sintoma do falasser, isto é, torna-se um meio de seu gozo. Se retomamos a questão o que é o osso de um tratamento, vamos inicialmente lembrar o imaginário, vamos lembrar a identificação fálica, vamos lembrar a fantasia, e chegamos à última resposta que podemos dar hoje: o osso de um tratamento é o sintoma e, mesmo, precisamente, o parceiro-sintoma, quer dizer, um modo de gozar, um modo de gozar primeiramente do inconsciente, do saber inconsciente, da articulação significante e do investimento libidinal do significante e do significado; por isso mesmo, em segundo lugar, é um modo de gozar do corpo do Outro. Mas, como expliquei há pouco, o corpo do Outro é tanto o corpo próprio como o corpo de outrem (p. 89-90)

Palavras-chave: parceiro-sintoma, corpo

A promoção do corpo, em Lacan, não anula absolutamente o Outro como lugar do significante, ela coloca, simplesmente, mais em destaque que o significante é, ele próprio, um meio de gozo. É aqui que toma sentido a fórmula – não há relação sexual. Ela quer dizer que o falasser, como ser sexuado, faz parceria, não no nível do significante puro, mas no nível do gozo, e essa ligação é sempre sintomático (p. 91)

Palavras-chave: Outro, corpo

O que é o pornô senão uma fantasia filmada com uma variedade própria para satisfazer os apetites perversos em sua diversidade? Nada melhor que a profusão imaginária de corpos se entregando a um “se dar” e a um “se pegar” para mostrar a ausência da relação sexual no real (p.119)

Palavras-chave: pornô

O real do laço social é a inexistência da relação sexual. O real do inconsciente é o corpo falante. Enquanto a ordem simbólica era concebida como um saber regulando o real e lhe impondo sua lei, a clínica era dominada pela oposição entre neurose e psicose. Agora, a ordem simbólica é reconhecida como um sistema de semblantes que não comanda o real, mas lhe é subordinada. Um sistema respondendo ao real da relação sexual que não existe. (p. 134)

Palavras-chave: real, saber

Percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Se me agradou, e se me arrisquei a lhes falar um pouco do piropo, é porque essa situação me parece exemplar pela separação que o sujeito que fala mantém com o Outro, o Outro que está aí fundamentalmente fora de alcance, que está aí perdido. Destaca essa separação dos sexos que nenhuma relação sexual pode jamais preencher; e destaca que a linguagem vem ocupar, em sua função de criação espontânea ou poética, o lugar mesmo em que essa separação surge. Por isso, Lacan formula uma proposição, que lhes pode parecer difícil, mas da qual o piropo lhes oferece uma imagem. Lacan formula: não há relação-proporção sexual – espero que o tradutor haja encontrado uma palavra que não seja relação, *rapport*. Com efeito, relações sexuais, existem as que queiram, mas o que falta é uma relação fixa e invariável, como uma proporção entre um sexo e o outro sobre os trilhos do instinto, como se observa no animal quando não se o tornou excessivamente louco. Não há relação sexual, proporção sexual, no nível do significante (p.50)

Palavras-chave: relação sexual

(...) a proposição lacaniana de que não há relação sexual (ratio) pode ser considerada uma condição, de certa forma secreta, da emergência do discurso da ciência. De certo modo, os homens que elaboraram o discurso da ciência no século XVII devem ter estabelecido, de alguma forma, por algum lado, a proposição de que não há relação sexual. (p.55)

Palavras-chave: relação sexual, discurso da ciência

Após essa pequena digressão sobre a pessoa de Fliess, retornemos ao seu conceito de bissexualidade. O conceito de Lacan que o substitui é: “*Il n’y a pas de rapport sexuel*”, não há relação sexual. Não se trata, então, de bissexualidade e sim de nulisssexualidade, pois o objeto “a”, como tal, não tem sexualidade.(p. 182)

Palavras-chave: objeto *a*

Revistas

Opção Lacaniana

Psicanálise, religião. *Opção Lacaniana*, n.39. São Paulo: Eólia, maio de 2004.

Lacan retoma a clínica do traumatismo que é aquela de Freud, transportando-a para o campo do gozo. É o próprio gozo - tese que ele desenvolve no Aveso da psicanálise - que faz furo, que comporta uma parte de excesso que deve ser subtraída. Tanto o pai freudiano como o Deus do monoteísmo não passam da vestimenta, da cobertura dessa entropia. Portanto, um desperdício próprio ao gozo não precisa de um pai que o interdite para encontrar seu funcionamento, para encontrar seu regime. Ao longo do último ensino de lacan, esse furo vai se deslocar e ele será encontrado como a ausência da relação sexual entre o homem e a mulher introduzindo assim uma estrutura diferenciada do gozo segundo os sexos, que não é indicada em O avesso da psicanálise. (p. 23-24)

Palavras-chave: traumatismo, furo

Lacan e a Política. *Opção Lacaniana*, n. 40. São Paulo: Eolia, agosto de 2004.

No limite, Lacan disse que não há relação sexual, que o modo de gozar não está programado por natureza na espécie humana, mas ele se estabelece diferentemente para cada um dos dois sexos, e, em um outro nível, para cada um, um por um. (p. 18)

Palavras-chave: não há relação sexual

Uma fantasia. *Opção Lacaniana*, n.42. São Paulo: Eolia, fevereiro, 2005.

O mais-de-gozar ascendeu ao lugar dominante. Ora, o mais-de-gozar é correlativo ao que chamarei, para falar como Damazzio - eu me cultivo! -: um estado do corpo próprio e: como tal, o mais-de gozar é assexualdo. Ele comanda, mas o quê? Ele não comanda um “isso funciona”, mas sim um “isso falha” que, precisamente, escrevemos com \$. Em geral, quando barramos uma letra é porque nos enganamos, não é? Aqui, o mais-de-

gozar comanda um “isso falha”, em termos precisos, na ordem sexual. Em geral quando barramos uma letra é porque nos enganamos, não é? Aqui, o mais-de-gozar, comanda um “isso falha”, em termos precisos, na ordem sexual. Não vejo impedimentos em considerar que \$ escreve: não há relação sexual, tanto mais que a letra inicia, S, é a mesma de “sexo”. Isso nos levaria a dizer que a inexistência da relação sexual se tornou evidente, de modo a poder ser explicitada, escrita, a partir do momento em que o objeto *a* ascendeu ao *socle*. No regime do discurso do mestre, todavia, esta era uma verdade recalcada pelo significante mestre. Hoje, devemos constatar que o significante mestre, os significantes mestres já não chegam a fazer existir a relação sexual. (p. 12)

Palavras-chave: objeto *a*, assexuado, mais-de-gozar

A psicanálise foi inventada para responder a um mal-estar na civilização, um mal-estar do sujeito mergulhado em uma civilização que se poderia enunciar assim: para fazer existir a relação sexual, é preciso refrear, inibir, recalcar o gozo. A prática lacaniana tem de lidar com as consequências desse sucesso sensacional. Consequências ressentidas como da ordem da catástrofe. A ditadura do mais-de-gozar devasta a natureza; faz romper os casamentos, dispersa a família, remaneja o corpo, não apenas nos aspectos da cirurgia estética, ou da dieta - um estilo de vida anoréxica, como dizia Dominique Laurent -: ela realiza também uma intervenção muito mais profunda sobre o corpo. Nos dias de hoje, uma vez que se decifrou o genoma, é possível produzir-se, verdadeiramente, o que alguns chamam uma “pós-humanidade”. (p. 13)

Palavras-chave: mas-de-gozar, corpo

(...) Freud isolou o que neurotiza: o que é neurotizante: o esforço para fazer existir a relação sexual e o sacrifício de gozo que isso comporta. Podemos dizer que encontramos, aqui, o índice apontado para o que Lacan trará e que não consiste de modo algum em recusar o real científico e o saber no real. Porque recusar o real científico, recusar o discurso da ciência é uma via de perdição que abre para todas as manigâncias *psís*. Manigância não é um termo injurioso. Não recusar esse saber, admitir que há saber no real; mas, ao mesmo tempo, formular que nesse saber há um Furo, que a sexualidade faz Furo nesse saber. (p.16)

Palavras-chave: saber, real

Em primeiro lugar, os sintomas são sintomas da não-relação sexual, o que quer dizer: sem dúvida, que eles são articulados em significantes, mas isso é secundário. Eles não são essencialmente mensagens. São articulados em significantes, mas isso é o *blablablá* dos sintomas. Eles são, antes de tudo, signos da não-relação sexual. Eventualmente, signos de pontuação Lacan falava dos sintomas como pontos de interrogação na não-relação sexual. Ontem, eu escutei uma paciente dizer que o que resta para ela de angústia se liga ao corpo, como uma vírgula, uma pausa de respiração. Os sintomas são signos. Essa é uma abordagem diferente de sua abordagem como mensagem. (p.17)

Palavras-chave: corpo, *blá-blá-blá*

Um outro enunciado positivo: os sintomas são sintomas-gozo, se assim posso dizer. Eles exprimem que o gozo não está no seu devido lugar, pensava-se, ou seja, na relação sexual, da qual Freud nos dá as imitações grosseiras sob a forma da monogamia. O gozo nunca é o bom gozo. A partir daí, acedemos a um certo número de pontos nodais dessa clínica, pontos em questão que não abordarei hoje. Questões do tipo: o inconsciente é corporal? (p.17)

Palavras-chave: gozo, sintomas, inconsciente

O amor é o que poderia fazer mediação entre os um-sozinho. Dizer que é imaginário, dificulta. Quer dizer que o inconsciente não existe. O inconsciente primário não existe como saber. E para que se torne um saber, para fazê-lo existir como um saber, é preciso o amor. Por essa razão, ao final de seus Seminário: *le Noms du Père*, Lacan pôde dizer: uma psicanálise demanda amar seu inconsciente. É o único meio de estabelecer uma relação entre S1 e S2, porque no estado primário, tem-se uns disjuntos, dispersos. Então, uma psicanálise demanda amar seu inconsciente para fazer existir não a relação sexual, mas a relação simbólica. (p. 18)

Palavras-chave: amor, saber

Peças avulsas. Opção Lacaniana, n. 44. São Paulo: Eólia, novembro de 2005.

(...) há um problema da vida que não tem solução, mas que não pode deixar de ser colocado, a saber, não há relação sexual para a espécie humana. Toda sabedoria relativa aos falsos problemas não impede que esta questão se coloque, embora a forma proposicional sobre a qual esta tese é enunciada não seja satisfatória: não há. Não é satisfatória aos olhos do próprio Lacan, pois ela procede através de uma negação e a negação é uma relação, já é uma construção.

Tratar-se-ia então de apreender aqui o pedaço de real que visa quando se diz “não há relação sexual”, que é a face negativa do fato positivo: “há *sinthoma*”. Lacan chama de *sinthoma* o fato de positivo cujo enunciado, “não há relação sexual”, é apenas sua face negativa. (p. 17)

Palavras-chave: *sinthoma*

O real, tal como Lacan o concebe no *Seminário: O Sinthoma*, é uma invenção de algo que não é leve, sendo porém frágil em si mesmo. O real, tal como Lacan o concebe, não se liga a nada. É nesse sentido que ele pode trazer uma dúvida ao “não há relação sexual”, podendo dizer inclusive que esse enunciado é também um bordado porque participa do sim ou não, quer dizer, participa da relação. É um enunciado que fica preso na lógica da diferença; Então, ele tenta dizê-lo de outra forma para que isso faça real. (p. 25)

Palavras-chave: *sinthoma*, real

Gays em análise? Opção Lacaniana. São Paulo: Eólia, dezembro de 2006.

A fórmula de Lacan "não há relação sexual", que se tornou para nós um refrão, é da época da sociedade de celibatários. Ela teve este eco porque traduziu no âmbito clínico este momento em que percebemos o que podia haver de dissolvente, diminuidor do liame social que havíamos conhecido, na época do individualismo de massa.

Não é sua única faceta, mas é a que sublinho. E é porque Lacan pode formular "não há relação sexual", que pôde dizer, em seu lugar, "há liame social". É porque não há, entre os dois sexos, uma relação fvca, estabelecida e programada, que há liame social. Não o liame social, mas liame social, o que implica a possibilidade de que o liame social tome várias formas, seja plural. (p. 16)

Palavras-chave: não há relação sexual, há liame social

A estrutura cômica. Opção Lacaniana. Edição Especial, n.50, p.28, dez 2007.

Aprendemos a falar e isso vem dos parentes próximos. Essa é a face do grande Outro na aprendizagem da língua (...) é neles que se parafraseia a sociologia de Lacan. Por isso ele pode dizer, a um só tempo: não há relação sexual, tudo o que for relação sexual é um conjunto vazio (...) Com efeito, de um lado, não há relação sexual, mas, do outro, há o Édipo, ou seja, há, mesmo assim, um objeto sexual com o que há relação sexual, a mãe, e há alguém ou alguma coisa que o obstaculiza. (p.28)

Palavras-chaves: não há relação sexual; há relação sexual; grande Outro.

Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro. Opção Lacaniana, n.51, São Paulo: Eólia, abril 2008.

Lacan atribui à histórica a promoção ao infinito do gozo como absoluto, ou seja, promover a castração ao nível do Nome-do-Pai simbólico querendo ser seu gozo. Em um clarão, temos ao mesmo tempo a fórmula: "não há relação (*rappor*t) sexual" (..) Lacan obtém essa fórmula a partir da oposição entre o gozo e o vivente. (p.14)

Palavras-chave: castração, gozo

Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. *Opção Lacaniana*, n.55. São Paulo: Eólia, novembro. 2009.

“O que chamamos de sintoma é uma formação do inconsciente, de ponta a ponta significante. O mesmo não ocorre com o sinthoma, que não é uma formação do inconsciente, pois ele inclui o real daquilo que se trata”. (p.18)

Palavras-chaves: sintoma; sinthoma; real.

Como alguém se torna psicanalista na orla do século XXI. *Opção Lacaniana*, n.55. São Paulo: Eólia, novembro 2009.

A perversão não se enraíza, como crê, na relação com a mãe. Ela se enraíza na relação com o pai, em conformidade com o célebre neologismo de Lacan que permaneceu não compreendido, a saber: a “pai-versão” (*père-version*). O Édipo é o princípio da pai-versão, razão pela qual Lacan pôde dizer que o desejo como tal é perverso. A pai-versão é o substituto mais comum da relação sexual que não existe. O que chamamos de perversão é o que faz existir a relação sexual. (p.19)

Palavras-chave: perversão; pai-versão; relação sexual que não existe.

A palavra que fere. *Opção Lacaniana*, n.56/57. São Paulo: Eólia, julho 2010.

Freud interrompe sua interpretação no momento em que descobre o sentido sexual dessa mensagem inconsciente cifrada. A meu ver, o que constitui propriamente a interpretação da inexistência lacaniana é que ela vai além do sentido sexual; ela aponta para adiante, na direção da inexistência da relação sexual (...) a primeira satisfaz com o sentido sexual, com a *sexuelle Bedeutung*, e a segunda aponta, indica a não-relação sexual. (p.69)

Palavras-chave: interpretação; sentido sexual; não-relação sexual.

A interpretação freudiana é tradução em termos sexuais. A interpretação lacaniana não é tradução, mas revelação, ela ergue o véu sobre o que é impossível de dizer, ela lê o-que-não-se-pode-dizer, para além do recalque. (p.69)

Palavras-chave: impossível de dizer

O passe do falasser. *Opção Lacaniana*, n.58. São Paulo: Eólia, outubro 2010.

Em sua “Proposição...”, digamos que se trata da subjetivação da castração que se tornará, mais tarde, subjetivação da relação sexual que não existe. (p.33)

Palavras-chave: castração, subjetivação, relação sexual que não existe.

O Real no século XXI. *Opção Lacaniana*, n.63. São Paulo: Eólia, junho 2012.

O próprio Lacan rebaixou, depreciou essa função chave, o Nome-do-Pai, ao longo de seu ensino, acabando por fazer dele nada mais do que um sinthoma, isto é, a suplência de um furo. (p.11)

Palavras-chave: sinthoma, suplência

O real inventado por Lacan não é real da ciência. É ‘um’ real arriscado, contingente, na medida em que falta a lei natural da relação entre os sexos. É um furo no saber incluído no real. (p. 16-17)

Palavras-chave: real, sexo, saber

Progressos em psicanálise bastante lentos. *Opção Lacaniana*, n.64. São Paulo: Eólia, dezembro de 2012.

(...) o final de análise se desenrola sobre as modalidades do nada [*rien*]. Esse nada constitui o *Wahrheitskern*, o núcleo de verdade. Não importa como enunciamos essa problemática: assunção da falta, reconhecimento do nada ou reconciliação com o nada. Mesmo quando Lacan dirá, já bem avançado em seu ensino, que o *Wahrheitskern* é o: “não há relação sexual”, esta é também uma declinação do nada. Pode-se colocar tudo em série. (p.52-53)

Palavras-chave: verdade, nada

Progressos em psicanálise bastante lentos. *Opção Lacaniana*, n.64. São Paulo: Eólia, dezembro de 2012.

A ideia de travessia, articulada por Lacan, é muito dependente de uma ordenação imaginária da questão. É a ideia de que há uma tela da fantasia - expressão utilizada por ele- e que essa tela pode ser atravessada, perfurada em direção ao (...) 'nada', que toma então, o valor de castração simbólica, ou de 'não há relação sexual'. (p.57)

Palavras-chave: tela, fantasia

O real é sem lei. *Opção Lacaniana*, n.65. São Paulo: Eólia, abril de 2013.

Por isso Lacan pode dizer que o nó, que ele toma como paradigma, muda o sentido da escritura, pois é uma escritura que vem de alhures que do significante, que não é da ordem da precipitação do significante, e que instala uma autonomia da escritura em relação ao simbólico. (p. 16)

Palavras-chave: escritura

Falar com o seu corpo. *Opção Lacaniana*, n.66, São Paulo: Eólia, agosto de 2013.

Sem dúvida, Lacan começou por ordenar a experiência analítica pelo campo do Outro, mas para demonstrar em seguida que, definitivamente, esse Outro não existe (...) O que existe é o Um-sozinho. (p.14)

Palavras-chave: Outro; Outro não existe; Um-sozinho.

O Outro sem o Outro. *Opção Lacaniana*, n.67, São Paulo: Eólia, dezembro de 2013.

(...) a metáfora paterna escreve, de certa maneira, a relação sexual sob a forma da prevalência viril sobre a posição feminina materna, o que ele desmentiu por meio do teorema "não existe a relação sexual". Esse teorema arruina a noção de ordem simbólica. (p.24)

Palavras-chave: metáfora paterna; viril; posição feminina.

Ler um sintoma. *Opção Lacaniana*, n.70. São Paulo: Eólia, junho de 2015.

Sob o nome de restos sintomáticos, Freud esbarrou no real do sintoma, no que do sintoma é fora do sentido. (p.19)

Palavras-chave: restos sintomáticos

Medeia a meio-dizer. *Opção Lacaniana*, n.71. São Paulo: Eólia, novembro de 2015.

A inexistência da não relação sexual é um fato de inconsistência. É preciso passar por aí para ver se isolar o objeto *a* como consistência lógica - caído de um desastre obscuro - mas não tão obscuro, realmente, desde que aprendemos a reconhecer aí a inconsistência do Outro. (p.10)

Palavras-chave: inexistência da relação sexual; inconsistência; objeto *a*.

O mal-entendido. *Opção Lacaniana*, n.72. São Paulo: Eólia, março de 2016.

Já o que me interrogam sobre o que se chama de estatuto do corpo, venho, para sublinhar que ele só se apreende a partir disso. O corpo só aparece no real como mal-entendido. (p.10)

Palavras-chave: corpo, mal-entendido

“Quanto à psicanálise, seu grande feito, é de explorar o mal-entendido. Com, ao fim, uma revelação que é a fantasia”.

Palavras-chave: mal-entendido, fantasia

Uma nova aliança com o gozo. *Opção Lacaniana*, n.75/76. São Paulo: Eólia, maio de 2017.

É pelo ângulo do gozo como impossível de negatizar que é preciso, me parece, reconsiderar o problema da relação entre verdade e gozo (...) Se é preciso dar aqui um sentido à “travessia da fantasia”, eu diria em curto-circuito que é atravessar a fantasia em direção ao impossível de negatizar. (p.31)

Palavras-chave: verdade, gozo,, fantasia.

O Outro que não existe, no caso, é o Outro da verdade, o Outro do sentido. Ali indica que o lugar do Outro deve ser tomado no corpo, e não na linguagem. (p.31)

Palavras-chave: verdade, sentido, corpo.

Crianças violentas. *Opção Lacaniana*, n.77. São Paulo: Eólia, agosto 2017.

A castração não é definida aqui em função do falo, mas diretamente relacionada ao gozo, isto é, a partir da pulsão. (p.31)

Palavras-chave: pulsão, falo, gozo

O um é letra. *Opção Lacaniana*, n.83. São Paulo: Eólia, setembro de 2021.

O que não foi percebido, pelo menos não foi explicitado, é isto: “o Outro não existe” significa exatamente que “o Um existe”. É outra maneira de dizer “Há-Um’”. (p.45)

Palavras-chave: o Outro não existe; Um existe; Há-Um.

Significante como real - trago isto antes de conduzi-los a este ponto - só existe um: o significante Um’ (p.48)

Palavras-chave: Um

O Um-sozinho não tem Outro. (p.50)

Palavras-chave: Um-sozinho.

Isto que não é ser, mas real, é o significante Um. (p.52)

Palavras-chave: Um

A questão do 'há', do 'existe' deve sempre ser colocada, qualquer que seja o esplendor da descrição, uma vez que se pode perfeitamente descrever o que não existe. (p.53)

Palavras-chave: há, existe

Não existe relação sexual no plano do real, pois nesse plano é o Um que reina, não o dois. A relação sexual só floresce no plano do sentido. E Deus sabe se suas significações são equívocas e variáveis. (p.54)

Palavras-chaves: não existe relação sexual, Um, real.

Correlativamente ao significante Um, significante rígido, se inscreve o gozo opaco ao sentido, o qual é uma referência da ordem do real. Nada a ver com o objeto a, que evoca, pelo contrário, o gozo transparente ao sentido, que é sentido, e mesmo gozo-sentido. (p.54)

Palavras-chaves: Um, real.

A ficção que, por excelência faz suplência ao que não existe, é o amor. (p.62)

Palavras-chaves: ficção, suplência, amor

O gozo, repetitivo, aquele que se diz de adicção - o que Lacan chama de sinthoma se situa no plano da adicção - não tem relação com o significante Um, o S1. Isto significa que ele não tem relação com o S2, que representa o saber. Esse gozo repetitivo é fora do saber, auto-gozo do corpo por meio do S1 sem o S2. O que faz função de S2 nesta matéria, o que faz função do Outro desse S1, é o próprio corpo. (p.65)

Palavras-chave: sinthoma; Um; corpo.

O estudo da sexualidade feminina permitiu a Lacan levantar uma pontinha do véu sobre esse gozo desconhecido no *seminário mais ainda*. Depois ele o identificou no homem também, onde ele está ainda mais escondido sob bravatas do gozo fálico (...) Também se manifesta entre aqueles que instalam no lugar do Outro algo diferente do corpo da mulher, Deus ou lalíngua, como faz Joyce, e que se comprometem a gozar disto. Pelo menos esta é a marca de que o gozo como tal não tem a menor relação com a relação sexual. (p.65)

Palavras-chave: gozo fálico; *lalíngua*; gozo como tal.

Foraclusão generalizada. Opção Lacaniana, n.84. São Paulo: Eólia, fevereiro 2022.

A foraclusão não é apenas um “Não há - não há o Nome do Pai - é uma rejeição no real. Nesse sentido, postular que não existe a relação sexual - o que tem o valor de foraclusão, dizia eu recentemente - implica correlativamente uma relação do simbólico ao real. (p.40)

Palavras-chave: foraclusão; não há; real.

O divã. Século XXI. Amanhã, a mundialização dos divãs? Em direção ao corpo portátil. Opção Lacaniana, n.84. São Paulo: Eólia, fevereiro de 2022.

O divã é (...) uma cama de solteiro. Ele torna presente a relação sexual e, a um só tempo, manifesta sua ausência. (p.43-44)

Palavras-chaves: divã; relação sexual; ausência.

Todo mundo é louco - AMP 2024. Opção Lacaniana, n.85. São Paulo: Eólia, dezembro de 2022.

Segunda razão alegada por Lacan para recusar ao discurso analítico a capacidade de ser a matéria de ensino: ‘ele não tem nada de universal’. De fato, ele não é de forma alguma ‘para todos’. Ele é, digamos, para um só, para o *Um-sozinho* (*l’Un-tout-seul*). (p.12)

Palavras-chave: Um-sozinho

Conversação entre Buenos Aires e Paris em torno de Lacan Hispano. *Opção Lacaniana*, n.85. São Paulo: Eólia, dezembro de 2022.

“Ao abordar a suplência nas psicoses, Lacan volta a questionar o que ele mesmo elaborou. Ao mesmo tempo, ter formalizado o Nome-do-Pai é o que permite reconsiderá-lo como um artifício que não vale mais do que suas suplências”. (p.42)

Palavras-chave: suplência, Nome-do-pai

Proposição sobre a lógica do fantasma. *Opção Lacaniana*, n.88. São Paulo: Eólia, abril de 2024.

O impossível é o real, uma vez que o real é quando a gente vai de encontro a algo e não aguenta mais. Freud observa assim que não é possível remover todos os sintomas, há *restos sintomáticos*, mesmo no final de análise. (p.23-24)

Palavras-chave: real; impossível; restos sintomáticos

O sujeito é estruturalmente perturbado por seu fantasma. Não é que ele não saiba o que fazer com isso, pois, via de regra, ele obtém disso prazer, mas um prazer que não combina bem com o resto. O fantasma indexa o cúlmen patológico do sujeito. Ele funciona como aparelho significante para capturar, domar o gozo. O fantasma é bem-sucedido onde o sintoma fracassa, vale dizer, em surrupiar prazer do gozo. (p.26)

Palavras-chave: fantasma; gozo; sujeito.

Ao acreditar que tudo se interpreta, o analista encontra o fantasma apenas como um beco sem saída. É isto que constitui, na análise, a dificuldade da abordagem do fantasma: como formação simbólica, ele ocupa o lugar do real. (p.27)

Palavras-chave: fantasma; real.

O próprio sintoma é um apelo à interpretação (...) O fantasma, ele, não faz apelo. Sintoma e fantasma não têm, portanto, a mesma relação com o Outro. Mais precisamente, o fantasma não é correlato do Outro como lugar do significante. Articula-se não ao Outro suposto completo do significante, mas ao Outro barrado; não ao saber suposto, mas à sua dessuposição. (p.28)

Palavras-chave: fantasma; sintoma; Outro barrado.

Ato ou inconsciente. *Opção Lacaniana*, n.89. São Paulo: Eólia, dezembro de 2024.

“Porque no campo da sexualidade não há certeza. A atividade sexual não dá nenhuma certeza quanto à sua identidade sexual ou a do Outro. Na falta dela, inventamos, elucubramos (p.11)

Palavras-chave: sexualidade.

A pulsão freudiana comporta a interferência de um gozo que nada deve ao Outro sexo, nem mesmo ao Outro, e que Lacan chama de objeto *a* (...) O objeto ‘a’ separa do Outro sexo. Evitemos a crença segundo a qual a psicanálise se gabaria de ser relacional. (p.11)

Palavras-chave: pulsão, objeto *a*, sexo.

Percebemos, resumidamente, porque o Seminário: *Mais... ainda* problematiza as coisas da seguinte forma: em psicanálise, podemos dar um sentido ao gozo do Outro? Pergunta preciosa, desde que apreendamos qual é o valor a ser dado ao gozo do corpo do Um. (p.11-12)

Palavras-chave: gozo do Outro, gozo, corpo do Um.

Opção Lacaniana on-line

O coito enigmatizado Uma leitura de “A seita da Fênix” de Borges. *Opção Lacaniana online*, (série antiga), 2006.

Isso apenas evidencia a relação essencial entre a sessão e a relação sexual, o que delicadamente chamamos regra de abstinência, a qual completaria a regra da associação livre. O que quer dizer essa regra senão o fato de ser preciso que a relação sexual seja possível para que ela não aconteça? Aliás, devemos reconhecê-lo, ela o é pela própria presença da cama, que chamamos divã, fazendo com que haja sujeitos que não podem deitar-se nela durante a sessão analítica porque a conotação sexual lhes é insuportável. (p. 15)

Palavras-chave: não há relação sexual, sessão analítica, associação livre

Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana online*, n. 2 (série antiga), 2006.

Podemos ver para que servem essas referências à antropologia e à história. Aqui, servem sempre para demonstrar que não há relação com esse objeto, no sentido em que Lacan dirá mais tarde: não há relação sexual. Isso significa que não está escrito no instinto e, desde então, há lugar para a invenção humana, para a invenção do mundo simbólico, precisamente porque nesse lugar nada está escrito. (p. 10)

Palavras-chave: não há relação sexual, objeto

Quando se diz: não há relação sexual, imagina-se que isso se encarne, sobretudo – é verdade –, na relação entre o homem e a mulher. Aqui, não há nada escrito, razão pela qual se inventa. Mas isso também vale para qualquer relação do homem com seus objetos, porquanto eles vêm neste lugar que Lacan começa a circunscrever nesse momento, objetos que se pode dizer aproximativamente de gozo, para os quais ele também inventou a maneira de se comportar com eles. (p.10)

Palavras-chave: não há relação sexual, objeto, gozo

Mulheres e semblantes I. Opção Lacaniana online, Ano 1, n.1, 2010.

Desde o momento em que se faz girar as coisas (as coisas da relação sexual, da clínica, da própria natureza das coisas) em torno do significante imaginário do falo, a mulher está na posição do Outro: é a que não tem”. (p. 2)

Palavras-chave: relação sexual, mulher, falo

“Que o Nome-do-Pai seja um fato de sublimação já indica que ele é um semblante e que a civilização se sustenta por semblantes. Escrever o desejo da mãe sob a barra supõe retraduzir o modo que Eros segue em sentido contrário, e que a própria sexualização do sujeito — sua escolha sexual que desde ‘Os complexos familiares’ Lacan chama sexualização — depende do lugar que se dá a essas funções”. (p.12)

Palavras-chave: Nome-do-Pai, semblante, sexualização

Mulheres e semblantes II. Opção Lacaniana online, Ano 1, n.1, março 2010

“Talvez possamos dizer algo a respeito das mulheres em análise, pois essa lhes oferece, no início, certo alívio da importância do semblante, certo descanso da captura que, como objeto a, a fantasia do homem exerce sobre elas. Pois sustentar-se nesse lugar cansa. Assim a análise oferece às mulheres o descanso de delegar essa posição ao analista”. (p. 14)

Palavras-chave: semblante, objeto a, análise

Uma conversa sobre o amor. Opção Lacaniana online, Ano 1, n. 2, 2010

“Se há escolha de objeto, segundo Freud, é porque não há relação sexual, porque os homens e as mulheres não podem reconhecer-se puramente como tais. Devem ter outros signos específicos, distintos para cada um, para poderem reconhecer o objeto do outro sexo que lhes seja conveniente. Por isso há – se a perversão é colocada em relação ao que seria a relação sexual, se existisse – uma “perversão generalizada”. Quando tomamos como padrão de medida, como referência, a relação sexual como tal, parece, efetivamente, que a perversão está em todos os lados. É por isso também que a relação sexual, que não existe, está usualmente codificada através do discurso do mestre. Quer dizer que, como não há uma relação sexual “homem e mulher” como tal, na qual podem reconhecer-se

como tais e sem signos específicos, em seu lugar o mais comum é utilizar a relação do mestre-escravo para cifrá-la; com a questão, sempre presente, de quem é o mestre e quem é o escravo. Existem várias teorias sobre isso”. (p. 20)

Palavras-chave: não há relação sexual, outro sexo.

Quer dizer que, como não há uma relação sexual “homem e mulher” como tal, na qual podem reconhecer-se como tais e sem signos específicos, em seu lugar o mais comum é utilizar a relação do mestre-escravo para cifrá-la; com a questão, sempre presente, de quem é o mestre e quem é o escravo. Existem várias teorias sobre isso. A teoria feminista de que os homens são os mestres enquanto as mulheres ocupam o lugar de escravas. Existem doutrinas não feministas, porém, às vezes, femininas, nas quais, apesar das aparências, o verdadeiro mestre é feminino... (p. 20)

Palavras-chave: relação sexual, feminino, homem

Do amor à morte. *Opção Lacaniana online*, Ano 1, n. 2, 2010

Em seus seminários, Lacan se esforça para conectar estas duas definições: o objeto a como satisfação sentida, como mais-de-gozar, e o objeto a como consistência lógica. (p.7)

Palavras-chave: objeto a, satisfação, mais-de-gozar

Convergência e divergência. *Opção Lacaniana online*, Ano 1, n. 2, 2010

Se dizemos que não há relação sexual é porque não há uma condição necessária e suficiente para ambos os sexos que os faça complementares. Não há uma condição universal de escolha de objeto. (p. 3)

Palavras-chave: escolha de objeto, sexos, relação sexual

Minha garota e eu. Opção Lacaniana online, Ano 1, n. 20, 2010

“(…) a temática das condições de amor se situa no lugar onde se coloca a pergunta: como reconhecer a mulher, como reconhecê-la como mulher? Essas condições se introduzem pelo fato clínico, apresentado por Freud, de que nem todas as mulheres convêm ao homem, o que equivale a dizer que não existe o significante da mulher. Assim, as condições de amor para os dois sexos se inscrevem no lugar exato onde não há relação sexual, surgem no lugar do que seria a relação sexual formalizada, no lugar da relação sexual que não existe”. (P. 8)

Palavras-chave: amor, mulher, relação sexual

O amor entre repetição e invenção. Opção Lacaniana online, n. 2, 2010.

(...) na trajetória de um tratamento, a causa pode ser identificada com o que resta a dizer. Nesse esquema, esses elementos são significantes. Esse algo que resta a dizer, nesse nível, pode ser definido como objeto a em cada momento, como aquilo que resta dizer. Isso significa tomar o objeto a diretamente em seu estatuto de “etcétera”, como o que ainda não foi dito. (p. 4)

Palavras-chave: objeto a, sexual

“(…) encontramos aqui um não-todo. Por não estar completo, o “etcétera” permanece. Encontramos um não todo que pode parecer um todo apenas se for suplementado com o objeto a. Não podemos dizer que ele complemente. Poderíamos dizer desse modo, se se tratasse de um significante que seria o último. Como não se trata disso, não falamos de complementação, mas de suplementação, e podemos escrever que o Outro, A, apenas parece um todo pela suplementação do não-todo com o objeto a. Pela suplementação do não-todo, que escreverei A/ e a sob a barra, como suplemento, permite ao Outro aparecer como um todo”. (P. 4)

Intuições Milanesas I. Opção Lacaniana online, Ano 2, n. 5, 2011.

A famosa “a relação sexual não existe” se inscreve nesse quadro, e assinala o apagamento definitivo da norma. Abandona-se o que retinha a psicanálise na época disciplinar: só há gozo. É o que se passa na globalização, em que estamos há muito tempo. Nesse nível foi aberto o espaço da invenção sexual, da criação fora da norma, que torna inaudíveis atualmente temas como amadurecimento e completude.

Palavras-chave: não há relação sexual, gozo, completude.

Intuições Milanesas II. *Opção Lacaniana online*, ano 2, n. 6, 2011.

“O inconsciente provém do laço social – introduzamos essa glosa – justamente porque a relação sexual não existe. Seria possível chegar a dizer que onde a relação sexual é programada, pois bem, não há sociedade” (p. 5)

Palavras-chave: relação sexual, laço social

Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online*, Ano 3, n. 7, 2012.

O sexto paradigma de Lacan nos permite localizar o laço no qual rotina e invenção operam. Dando a vocês esse esquema, tematizo, como tal, o conceito de não-relação sexual, que Lacan operacionalizou a propósito da relação sexual fazendo-nos repetir: a relação sexual não existe. (p.40)

Palavras-chave: relação sexual, paradigma, gozo

“O ponto de partida dessa perspectiva não é A relação sexual não existe, mas, pelo contrário, é um Há. Há gozo”. (p.41)

Palavras-chave: relação sexual, gozo

“O ponto de partida inaugural de Lacan, em 1952, foi, definitivamente, *Há a psicanálise*. Ela existe, ela funciona, isto é, do ponto onde nos encontramos, há, nas condições da psicanálise, uma satisfação que provém do fato de falar para alguém e de um certo número de efeitos de mutação que isso acarreta”. (P. 42)

Palavras-chave: relação sexual, gozo, psicanálise

“A relação sexual não existe quer dizer que o gozo provém, como tal, do regime do Um, que ele é o gozo Uno, ao passo que o gozo sexual, o gozo do corpo do Outro sexo, possui esse privilégio de ser especificado por um impasse, quer dizer, por uma disjunção e por uma não-relação. É o que permite a Lacan dizer que o gozo não convém à relação sexual. O gozo como tal é Uno, ele provém do Um e não estabelece, por ele mesmo, relação com o Outro. A relação sexual não existe quer dizer que, no fundo, o gozo é idiota e solitário”. (P. 47)

Palavras-chave: relação sexual, gozo, psicanálise, Uno

O monólogo da aparola. *Opção Lacaniana online*, Ano 3, n. 9, 2012.

“No nível da pulsão, no nível em que sujeito é feliz, no nível em que isso fala isso goza, há satisfação, tudo vai bem. Nesse regime, não se pode assegurar nenhum real como impossível. Nesse nível, a realidade só é abordada pelos aparelhos de gozo, ou seja, a realidade fantasística”. (p.22)

Palavras- chave: pulsão, fantasia, gozo.

Casamento homossexual: esquecer a natureza. *Opção Lacaniana online*, Ano 4, n.10, 2013.

Nada na experiência analítica atesta a existência de qualquer relação de harmonia preestabelecida entre os sexos. Essa relação foi sem dúvida elucubrada, progressivamente, de mil formas imaginárias, instituídas e individuais. Contudo, definitivamente, o que o inconsciente grita, a plenos pulmões, dizia Lacan, é que a relação sexual não existe. (p. 3)

Palavras-chave: relação sexual, inconsciente, experiência analítica

Lacan, professor de desejo. *Opção Lacaniana online*, Ano 4, n.12, 2013.

A perversão, no sentido de Lacan, traduz uma rebelião contra a identificação conformista que assegura a manutenção da rotina social. Uma vez que, segundo Freud, a pulsão pode perfeitamente se satisfazer na sublimação, ou seja, nas atividades ditas culturais, ela não se confunde com a “substância da relação sexual”. Esvaziada do gozo sexual, a pulsão subsiste como forma cultural, na qual flui o gozo da letra propiciado pela arte e pela literatura. (p.5)

Palavras-chave: perversão, relação sexual, sublimação

Apresentação do Seminário 6: o desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan, por Jacques-Alain Miller. *Opção Lacaniana online Nova série*, Ano 5, n.14, 2014.

A relação com o objeto se situa no nível não dá pulsão, mas do desejo, e isto por intermédio da fantasia. (p.5)

Palavras-chaves: pulsão, desejo, fantasia

É a mesma lógica da fantasia que opera no âmbito do inconsciente, em que o sujeito não tem a possibilidade de designar a si mesmo, em que é confrontado com a ausência de seu nome de sujeito. É, então, à fantasia que ele recorre e é na sua relação com o objeto do desejo que reside a verdade de seu ser. (p.9)

Palavras-chaves: inconsciente, fantasia, objeto do desejo

O critério que Lacan evidencia é o tempo. Digamos, para simplificar, que a fantasia da perversão é fora do tempo e a fantasia da neurose é, pelo contrário, subtendida pela relação do sujeito com o tempo, o objeto se encarregando, neste caso, da significação da hora da verdade. (p.13)

Palavras-chaves: tempo, fantasia perversão, fantasia neurose

Lacan propõe estes dois registros: a diacronia e a sincronia. Vemos com clareza que ele privilegiou o aspecto metonímico do desejo, mas ele o completa com a sincronia, articulada na relação do sujeito barrado com o objeto *a*. (p. 15)

Palavras-chaves: desejo, sujeito barrado, objeto *a*

A criança entre a mulher e a mãe. Opção Lacaniana online Nova série, Ano 5, n.15, 2014.

É uma divisão do desejo que, levada ao extremo, justifica o ato de Medeia, um ato próprio para ilustrar, certamente pelo horror, que o amor materno não se sustenta na reverência pura à lei do desejo, ou que só se sustenta nele se uma mulher, enquanto mãe, permanecer, para um homem, a causa de seu desejo". (p.3)

Palavras-chave: lei do desejo, amor materno, causa de desejo

Lacan em seu escrito 'A significação do falo' - diz que a função do pai não é suficiente; é preciso, ainda, que a mãe não esteja dissuadida de encontrar o significante de seu desejo no corpo de um homem. (p.3)

Palavras-chave: pai, mãe, significante de desejo

Sobre o Gide de Lacan. Opção Lacaniana online Nova série, Ano 6, n.17, 2015.

A relação parental existe, como eu o indiquei no ano passado, marcando que a fórmula da metáfora paterna deve ser articulada com a da relação sexual, que não existe. Escrevi da forma mais simples: $P \diamond M \rightarrow \$ \diamond As$. (p.23)

Palavras-chave: relação parental, relação sexual, metáfora paterna

Sobre o Gide de Lacan II. Opção Lacaniana online Nova série, Ano 6, n.18, 2015.

“É neste nível que o que é para ele a mulher ideal se desenha sob a forma do anjo, quer dizer, do ser sem sexualidade. (p.11)”

Palavras-chave: mulher anjo, sexualidade

“É necessário que o objeto amável para Gide encerre em si mesmo o menos, que tenha a significação da morte. O traço do objeto amável está sempre em relação com o valor especial da significação do falo para um sujeito”. (p.15)

Palavras-chave: objeto amável, significação do falo, sujeito

É a novidade que Lacan introduzirá com a ‘Significação do falo’: conjunção e disjunção do amor e do desejo, convergência e divergência da demanda de amor e do significante do desejo. Logo, Lacan aproveita esta descoberta para situar a sexualidade masculina e feminina, mas segundo termos estritamente novos que encontrarão seu desenvolvimento, agora clássico, na ‘Direção do tratamento’. (p.23)

Palavras-chave: significação do falo, sexualidade masculina, sexualidade feminina,

Uma partilha sexual. Opção Lacaniana online Nova série, Ano 7, n.20, 2016.

(...) os dois perversos em questão seriam, aparentemente, feitos para se entenderem, que eles seriam complementares, que tudo iria bem se eles não se falassem. Mas, ao exprimir o que é o seu gozo, eles introduzem uma desarmonia fatal, que traduz o fracasso da demanda emitida pelo primeiro, e que deve se contentar em sofrer por esse fracasso. (p.2)

Palavras-chaves: perversão, gozo, fracasso

O diálogo do todo e do não-todo só se compreende quando se trata de dois locutores que são lacanianos. O homem supõe que a mulher o seja, para lhe objetar, assim, o conceito lacaniano do não-todo". (p.2)

Palavras-chaves: não-todo, homem, mulher

Há um hiato entre a observação e as consequências que o sujeito elabora. Em todo caso, o que quer que seja, é dessa experiência primordial que o homem, o macho, pode ser pensado como completo, enquanto o Outro sexo aparece como marcado por uma irremediável incompletude. (p.5)

Palavras-chave: experiência primordial, Outro sexo, incompletude

Começemos uma pequena partilha sexual com a existência dos dois sexos representados por seus símbolos, símbolos que não devem nada ao discurso analítico. A diferença que temos representada aqui está no nível do ter, precisamente do pênis real - eis a referência -, enquanto ele pertence a um dos parceiros e não ao outro. Nós o escrevemos, para colocar as ideias no lugar, opondo simplesmente o mais e o menos, o "há" e o "não há". (p. 6)

Palavras-chaves: partilha sexual, há, não há

O que é aí indicado por Lacan é que, no macho, o desejo passa pelo gozo, quer dizer, requer o mais-de-gozar, enquanto que, na mulher, o desejo passa pelo amor, Há uma diferença entre o amor e o fetiche. (p.12)

Palavras-chaves: mais-de-gozar, gozo, amor

(...) do lado masculino, o gozo é essencialmente finito, ele é localizável - o que Lacan designa como o gozo fálico, aquele que podemos contar, que se apresenta sob uma forma suficientemente elementar para ser enumerável - e, do outro lado, ele é gozo infinito, ao menos no sentido de não ser localizável. (p.34)

Palavras-chaves: gozo finito, gozo infinito

O não-todo não é um todo amputado de uma das partes que lhe pertence. O não-todo quer dizer que não se pode formar o todo. É um não-todo de inconsistência e não de incompletude. (p.19)

Palavras-chaves: não-todo, inconsistência, incompletude

Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Opção Lacaniana online Nova série, Ano 7, N. 21, 2016.*

Não há exceção, mas um conjunto, ou melhor, uma série de exceções, de solidões incomparáveis umas às outras, todas são solidões estruturadas como solidões, quero dizer como sujeitos barrados, fixados a significantes mestres e habitados por uma extimidade de um mais-de-gozar particular de cada um. No marco da Escola, estas solidões são tratadas cada uma como exceção, e não são sindicalizáveis. (p.9)

Palavras-chaves: mais-de-gozar, exceções, solidões

Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. *Opção Lacaniana online Nova série, Ano 8, n.22, 2017.*

“Isso é correlativo ao que foi o meu problema, que anunciei no início do ano, a saber, compreender, apreender melhor a não-relação sexual”.(p. 23)

Palavras-chaves: compreender, apreender, não-relação sexual

“É seguro que, em Lacan, o nó borromeano de três vem no lugar da relação sexual a dois, que não existe. Esse nó nos permite simultaneamente apreender aquilo mesmo de que se trata no termo *relação*”. (p.23)

Palavras-chaves: nó borromeano, relação sexual não existe

Quando o Outro é mau. *Opção Lacaniana online Nova série, Ano 9, n.25/26, 2018.*

(...) podemos supor a qualquer Outro um gozo malvado, uma vez que o gozo de um outro sempre nos é desconhecido, salvo se somos seu analista, e ainda assim...Portanto, esse gozo é muito provavelmente malvado mais do que bom."

Palavras-chave: gozo, Outro.

Revista Correio e Pharmakón Digital

Os labirintos do amor. *Correio*. São Paulo: EBP, n. 56, agosto 2006.

O que faz labirinto é a implicação dos três níveis. O objeto deve ter a significação do falo, uma vez que amar é desejar. Ele deve igualmente ter o valor de A barrado, uma vez que amar é uma demanda de ser amado. E ele deve também ter o valor *a*, uma vez que amar é querer gozar de. É preciso que o objeto seja ao mesmo tempo situado no desejo, na demanda e na pulsão. Os labirintos da vida amorosa são feitos da articulação desses três níveis, às vezes reunidos, às vezes separados, aqui permanentes, ali transitórios, ora puros, ora misturados. É assim que se obtém a variedade infinita que se encontra na vida amorosa.»

Palavras-chave: amor

O tema (um novo conceito, continuação). *Correio*, n. 64, nov. 2009.

Tornar-se analista, no sentido que está aqui em questão, concerne a um estado especial do sujeito, de uma aptidão adquirida, se quisermos dizer assim, mas resultante da operação psicanalítica, quando se entra nisso e se fica ali durando, como analisante. Trata-se de uma condensação, de uma contração da libido, de modo que seu núcleo de gozo, dito objeto *a*, ganha progressivamente consistência, se destaca e, enfim, se isola. Esse pequeno *a* nuclear ganha densidade à medida que os significantes são deslastreados (desinvestidos) da carga libidinal própria de cada um e que, liberada, se esvai em direção ao núcleo, e lhe acrescenta seu quantum. No término ideal do processo, a separação está completa: lavados, redimidos, limpos de gozo (sempre um pouco sujo, o gozo, ignóbil, abjeto...), os significantes estão prontos para servir às mais altas operações, das quais a matemática é o *nec plus ultra*; o objeto *a*, deixando de obstruir o mental do sujeito, torna-se disponível como instrumento de tratamentos, tomando o lugar, para os analisantes, de seu pequeno *a* a advir. (p. 76-77)

Palavras-chave: gozo, objeto *a*

Lacan com Joyce. *Correio*, n. 65, abr. 2010.

Haveria apenas a aprendizagem à qual o sujeito se submeteu de uma língua dentre outras. O que isso quer dizer? Que o verdadeiro núcleo traumático não é a sedução, a ameaça de castração, a observação do coito; tampouco a transformação de tudo isso em fantasia, não é Édipo e a castração. O verdadeiro núcleo traumático é a relação com a língua. É o que Joyce põe em evidência. Ninguém pode ler Joyce dizendo: 'Vamos dar conta deste texto mediante as imagens infantis de Joyce'. Ao contrário, Joyce torna manifesto o que é o verdadeiro núcleo traumático para cada um de nós: a relação com a língua. (p.41)

Palavras-chave: trauma, língua

A salvação pelos dejetos. *Correio*, n. 67, dez. 2010.

Lembrem-se da definição que Lacan dava da sublimação: elevar o objeto, o objeto a [...] elevar o objeto à dignidade da Coisa. Essa definição é certamente muito esclarecedora, mas, no entanto, ela não teria como nos satisfazer hoje, pois o que ele designa como a Coisa já é uma versão sublimada do gozo. Essa sublimação já está designada por essas duas palavras: o verbo 'elevar' e o substantivo 'dignidade'. O gozo como tal, no entanto, não puxa para o alto. E ele é nu, cru no sentido oposto ao cozido. Ele é cru, não tem dignidade com que se recobrir. O que Lacan visa como a Coisa é o gozo idealizado, limpo, vazio, reduzido à falta, reduzido à castração, reduzido à ausência da relação sexual. Quando o gozo é elevado à dignidade da Coisa, ou seja, quando ele não é rebaixado à indignidade do dejetos, ele é sublimado, ou seja, socializado. O que chamamos 'sublimação' efetua uma socialização do gozo. O gozo é socializado, quer dizer, integrado ao laço social, ao circuito das trocas. Ele é colocado a trabalho no discurso do Outro e para o seu gozo. É por essa via que percebi a sublimação como o meio pelo qual o gozo, forçosamente autista, do Um, entrelaça-se com o discurso do Outro e vem se inscrever no laço social. Não vejo por que não estender essa ideia a ponto de se dizer que é apenas por meio da sublimação que o gozo faz laço social. (p. 21)

Palavras-chave: gozo, laço social

A psicanálise, seu lugar entre as ciências. *Correio*, n. 69, set. 2011.

"Quando se encontra a impossibilidade numa análise, encontra-se a realidade. Não a realidade externa, mas uma realidade, num certo sentido, interna ao próprio curso da análise, que resulta de seus impasses. É isso que Lacan chamou de real; dito de outra forma, a realidade como experiência do impossível de dizer. Concedamos-lhe que o real é o impossível. Quando o discurso vacila, não se pode ir adiante, encontra-se algo como um *não há*. É a resultante de sua própria lógica, é o que se chama de 'o real'. Na antiguidade, a verdade estava em relação com o real enquanto *adequatio rei intellectus*, ou seja, a correspondência entre as coisas e o espírito. Mas, se a verdade não é isso, nem é a exatidão, então a verdade não está em relação com nenhum real, ou, se ela está, é pelo impossível de dizer. Esse real de Lacan, o que não se pode dizer, ainda que seja preciso falar dele, é o que Freud chamou de trauma. O real de Lacan é sempre traumático. É um furo no discurso." (p. 27)

Palavras-chave: trauma, furo, discurso

As profecias de Lacan - Entrevista de Jacques-Alain Miller ao *Le Point*. *Correio*, n. 70, dez. 2011.

Lacan tinha deduzido que o modelo antigo não seguiria adiante, que a sexualidade iria passar do 'Um' fusional para o 'Um-todo-só'. Cada um no seu quadrado! Cada um com seu modo de gozo! Até Lacan, isso era chamado de 'auto-erotismo'. E se pensava o seguinte: normalmente, isso é reabsorvido, pois os dois sexos são feitos um para o outro. Mas de modo algum! Isso é um preconceito. No fundo, no inconsciente, o gozo de vocês não é complementar àquele de ninguém. Construções sociais mantinham esse imaginário no lugar. Agora, elas vacilam, pois o empuxo do 'Um' se traduz sobre o plano político pela democracia a mil por hora: o direito de cada um a seu próprio gozo torna-se um 'direito humano'. Em nome de que meu gozo seria menos cidadão que o seu? Isso não é mais compreensível. É também porque o modelo geral da vida cotidiana no século XXI é a adição. O 'Um' goza todo só com sua droga, e toda atividade pode tornar-se droga: o esporte, o sexo, o trabalho, o smartphone, o Facebook. (p.8)

Palavras-chave: Um, auto-erotismo

'Amamos aquele que responde à nossa questão: 'Quem sou eu?' - Entrevista de Jacques-Alain Miller à *Psychologies Magazine*. *Correio*, n. 71, set. 2012.

Sim. O que faz objeção à solução aristotélica é que o diálogo de um sexo ao outro é impossível, suspirava Lacan. Os amantes estão, de fato, condenados a aprender indefinidamente a língua do outro, tateando, buscando as chaves, sempre revogáveis. O amor é um labirinto de mal-entendidos onde a saída não existe. (p.15)

Palavras-chave: amor

Teria do Parceiro. Pharmakon Digital, v. 4, maio de 2023.

Se há sintoma como o que não cessa de se escrever para um sujeito, então há, de maneira correlata, um saber que não cessa de não se escrever, um saber especial. Não é o saber no real dado que ele não cessa de se escrever. Se há sintoma, é porque deve haver, para a espécie humana, um saber que não cessa de não se escrever. Esta é a demonstração que Lacan tenta fazer brotar da experiência psicanalítica. Se há sintoma, então não há relação sexual, há não-relação sexual, há uma ausência de saber no real que diga respeito à sexualidade.

Palavras-chave: há sintoma, não há relação sexual

(...) sabe-se que em todos os casos o gozo sexual se apresenta sob a forma do traumatismo, ou seja, como não preparado por um saber, desarmônico ao que já estava lá. Dito de outro modo, a constância específica que pode ser balizada na experiência analítica é exatamente a contingência, ou seja, é a própria variabilidade o que localizamos como uma constante. E a variabilidade quer dizer que não há um saber pré-inscrito no real. Tal contingência decide o modo de gozo do sujeito, e é nisso que ela torna evidente a ausência de saber no real no que diz respeito ao gozo e à sexualidade: um certo “não está escrito”. Isso se encontra, e a partir daí o que funciona como real de referência não é mais o “não cessa de se escrever”, mas sim o “não cessa de não se escrever”, ou seja, a relação sexual como impossível.

Palavras-chave: impossível, gozo, não há

Eis por que Lacan podia definir o amor como o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que nele e em cada um marca o rastro de seu exílio da relação sexual.

Palavras-chave: amor, exílio

O parceiro do sujeito não é o Outro sexual. A relação sexual não está escrita. O que isso quer dizer, essa fórmula é verdadeira ou falsa? Não se trata de dizer que ela é falsa, mas sim que ela não está no real. Ela está ausente, o que justifica, dá lugar à contingência, ou seja, demonstra a necessidade da contingência no que poderíamos chamar de “a história sexual do sujeito”, a narração de seus encontros. Em uma palavra, isso explica que só há encontros, o que Lacan descobrirá ao isolar a função do significante.

Palavras-chave: relação sexual, contingência

O que o inconsciente interpreta? Façamo-nos a questão. O inconsciente interpreta precisamente a não-relação sexual, e ao interpretá-la, cifra a não-relação sexual, ou seja, a cifração da não-relação sexual é correlata ao sentido que ela assume para um sujeito. É o sintoma o que inicialmente libera a cifração da não-relação sexual, e nisso ele vai mais longe que o inconsciente, uma vez que é suscetível de se encarnar no que de melhor conhecemos, a saber, o parceiro sexual.

Palavras-chave: inconsciente, não-relação

A disjunção entre as pulsões e o Outro é a não-relação sexual como tal. Isso afirma que a pulsão é programada, enquanto a relação sexual não o é. De outro modo, essa disjunção é coerente com o fato de essa espécie falar, isto é, a linguagem se estabelece nessa própria hiância. Isso explica por que a língua que falamos é instável, está sempre em evolução e é tecida de mal-entendidos; ela nunca se adere ao fato sexual, jamais se adere ao fato da não-relação sexual.

Palavras-chave: pulsão, Outro, não-relação sexual

Aqui se inscreve a proporção sexual em sua diferença com a relação sexual. A proporção sexual propriamente dita constitui um laço estabelecido no nível do desejo que supõe, portanto, que o parceiro tenha uma significação fálica positiva. Nesse laço, a significação do falo é o mediador. Há a proporção sexual que se estabelece sob o significante do falo, fazendo de cada parceiro a causa do desejo do Outro. Eles se tornam, nesse nível, parceiros por meio da cópula fálica. A relação sexual, diferentemente da proporção sexual, constitui o laço que se estabeleceria no nível do gozo. É bem isso o que interrogamos, saber o que estabeleceria um laço de parceria no nível do gozo.

Palavras-chave: relação sexual, proporção sexual, gozo